

Edgar
Allan
Poe

Auguste
DUPIN

O primeiro
detetive

chs





↵ns

Edgar Allan Poe



Auguste DUPIN

O primeiro detetive

São Paulo,
2019

Auguste Dupin: o primeiro detetive

Copyright © 2019 by Novo Século Editora Ltda.

Tradução : Fátima Pinho / Oscar Nestarez

Revisão : Jéssica Reinaldo / Equipe Novo Século

Capa, projeto gráfico e coordenação de eBook : Jacob Paes

Ilustração Edgar Allan Poe : Morphart Creation/Shutterstock

Desenvolvimento de eBook : Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da

Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Poe, Edgar Allan, 1809-1849

Auguste Dupin : o primeiro detetive / Edgar Allan Poe ; tradução de Fátima Pinho, Oscar Nestarez. — Barueri, SP : Novo Século Editora, 2019.

ISBN: 9788542816235

1. Ficção norte-americana 2. Ficção policial I. Título II. Pinho, Fátima III. Nestarez, Oscar

19-1734 CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



uma marca do
grupo novo século

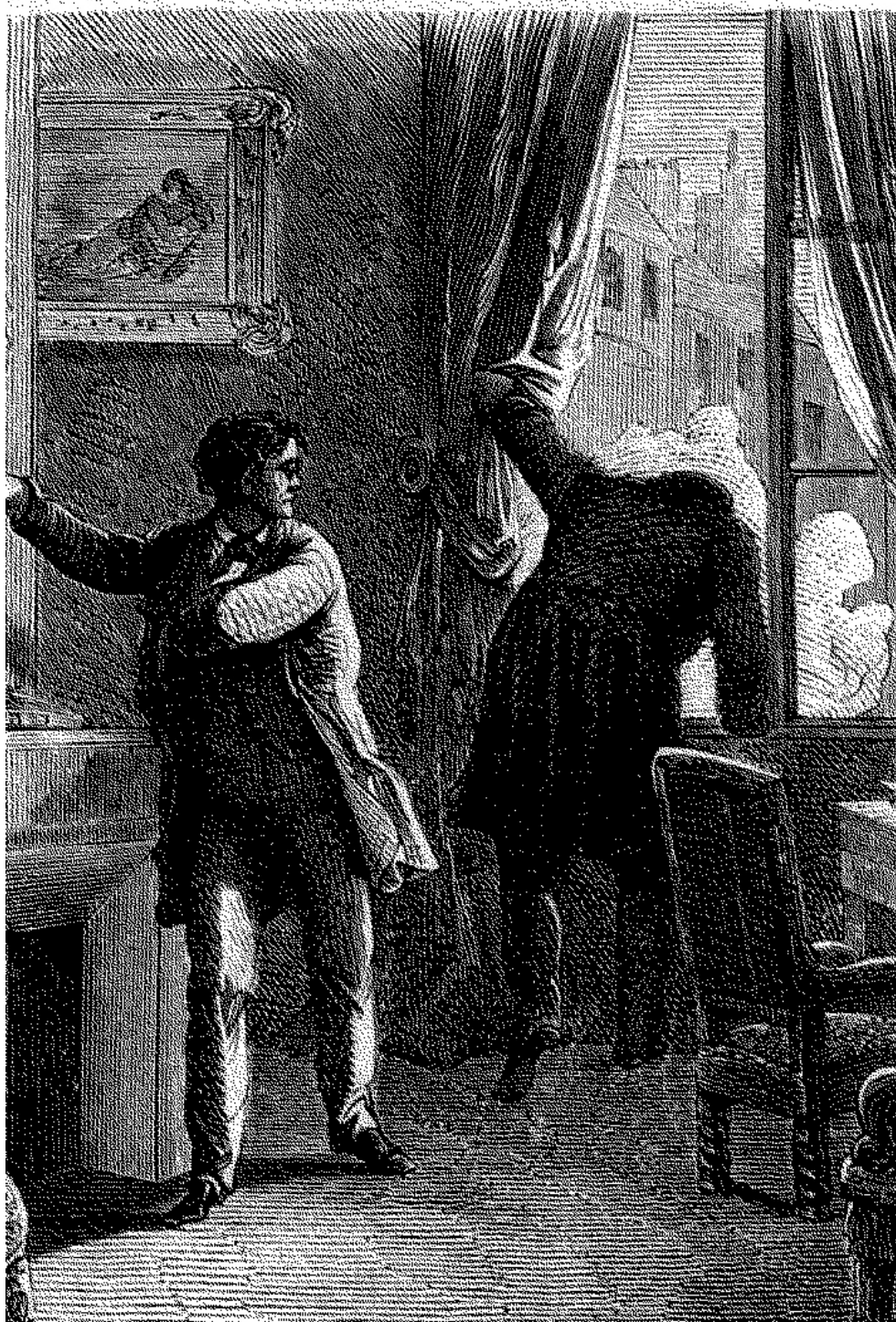
GRUPO NOVO SÉCULO

Alameda Araguaia, 2190 — Bloco A — 11º andar — Conjunto 1111

CEP 06455-000 — Alphaville Industrial, Barueri — SP — Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | E-mail: atendimento@gruponovoseculo.com.br

www.gruponovoseculo.com.br



O detetive Dupin em ilustração de 1864 feita pelo artista Frédéric Théodore Lix para "A carta furtada".

Sumário

1841

Os assassinatos da Rua Morgue

Tradução de Fátima Pinho

1842

O mistério de Marie Rogêt

Tradução de Oscar Nestarez

1844

A carta furtada

Tradução de Oscar Nestarez

*Quais as canções que cantavam as Sereias,
ou que nome Aquiles adotou quando se
escondeu entre as mulheres: embora
enigmáticas, tais questões não estão acima
de toda a conjectura.*

Sir Thomas Browne



OS ASSAS SINATOS DA RUA MORGUE

As características das inteligências consideradas analíticas são, em si mesmas, pouco suscetíveis a análises. Só as apreciamos através de seus efeitos. Sabemos, entre outras coisas, que para aqueles que as possuem em alto grau, são sempre a fonte do mais vivo prazer. Assim como o homem forte vibra com sua habilidade física, e se deleita com aqueles exercícios que chamam seus músculos para a ação, assim o analista encontra satisfação na atividade moral que *desembaraça* as coisas. Ele encontra prazer até mesmo nas ocupações mais triviais que coloquem em ação seus talentos. Adora os enigmas, as charadas e os hieróglifos; exhibe, na solução de cada um deles, um grau de *perspicácia* que parece sobrenatural às pessoas comuns. Seus resultados, obtidos através do método, em toda a sua alma e essência, apresentam, na verdade, toda a aparência da intuição.

A faculdade da resolução é possivelmente bastante fortalecida pelo estudo das matemáticas, especialmente por seu ramo mais alto, que, injustamente, e apenas em função de suas operações retrógradas, vem sendo chamado de análise, *par excellence* ¹. Todavia, calcular não é o mesmo que analisar. Um enxadrista, por exemplo, faz a primeira, sem se esforçar pela segunda. Segue-se que o jogo de xadrez, em seus efeitos sobre a natureza da inteligência, é muito mal compreendido.

Não estou agora escrevendo um tratado, mas simplesmente prefaciando uma narrativa um tanto peculiar através de observações bastante aleatórias. Dessa forma, aproveitarei a oportunidade para afirmar que os poderes mais altos da inteligência reflexiva são utilizados de forma mais decidida e mais útil em um humilde jogo de damas do que na frivolidade complicada do xadrez. Neste último, onde as peças têm movimentos diferentes e *bizarros*, com valores diversos e variados, aquilo que é apenas complexo é confundido (um erro bastante comum) com o que é profundo. Aqui, o jogo clama por *atenção*. Se esta falhar por um instante, o jogador comete um descuido que terá como resultado uma perda ou a derrota. Uma vez que os movimentos possíveis não são apenas variados, mas também intrincados, as possibilidades de descuido são multiplicadas; e em nove entre dez casos, é o jogador mais concentrado, e não o mais inteligente, quem vence. No jogo de damas, ao contrário, em que os movimentos são *únicos* e com pouca variação, as probabilidades de descuido são menores e a atenção fica relativamente ociosa, as vantagens obtidas por qualquer das partes são obtidas através de uma *perspicácia* maior. Para sermos menos abstratos, suponhamos um jogo de damas em que as peças estão reduzidas a quatro damas e no qual, é claro, não se espere qualquer distração. É óbvio que aqui a vitória pode ser decidida (se os adversários estão em igualdade de condições) somente através de algum movimento *recherché*, ² resultado de um grande esforço do intelecto. Desprovido de recursos ordinários, o analista penetra no espírito do oponente, identifica-se com ele e, com frequência, vê, num relance, o único método (às vezes absurdamente simples) pelo qual pode induzi-lo a um erro ou encorajá-lo a um cálculo errado.

O *whist* ³ vem sendo notado há tempos por sua influência sobre o que é denominado poder de cálculo; e homens dotados de grande intelecto têm experimentado um prazer aparentemente inexplicável nesse jogo, ao mesmo tempo em que deixam de lado o xadrez, por considerá-lo uma frivolidade. Sem dúvida, não há nada de natureza semelhante que exija tanto da faculdade analítica. O melhor enxadrista do mundo cristão *pode* não ser nada além de o melhor enxadrista; mas a proficiência no *whist* implica uma capacidade para

o sucesso em todos os empreendimentos importantes onde duas mentes se enfrentam. Quando falo em “proficiência”, refiro-me àquela perfeição no jogo que inclui uma compreensão de *todas* as possibilidades das quais uma vantagem legítima pode ser obtida. Estas últimas são não apenas múltiplas como multiformes, e frequentemente se encontram em recessos da mente totalmente inacessíveis à compreensão das pessoas comuns. Observar com atenção significa lembrar com clareza; e, nesse sentido, o enxadrista concentrado vai se sair muito bem no *whist* ; pois as regras de Hoyle ⁴ (que se baseiam no próprio mecanismo do jogo) são compreensíveis, de maneira geral e satisfatória. Portanto, possuir uma memória retentiva e jogar de acordo com as regras são pontos normalmente considerados como sendo a síntese de um bom jogador. Mas é nas questões que estão além dos limites das regras que a habilidade do analista se evidencia. Em silêncio, ele faz uma miríade de observações e inferências. Talvez assim também façam seus companheiros; e a diferença na quantidade de informações obtidas não está na validade da inferência, mas na qualidade da observação. O conhecimento necessário é o *do que* observar. Nosso jogador não se restringe a si mesmo; e, mesmo sendo o jogo o objeto, ele não rejeita deduções de elementos externos a ele. Ele examina a fisionomia do parceiro e a compara cuidadosamente com as fisionomias de cada um de seus oponentes. Ele estuda o modo de ordenar as cartas em cada mão; muitas vezes conta trunfo por trunfo e manilha por manilha, pela forma como quem as segura olha para elas. Ele nota cada variação de expressão à medida que o jogo avança, reunindo um banco de pensamentos a partir das diferenças de expressão de segurança, de surpresa, de triunfo ou de contrariedade. Pela maneira como recolhe uma vaza, ele julga se a pessoa que a recolheu pode pegar outra do naipe. Ele reconhece o blefe pelo jeito como a carta é jogada sobre a mesa. Uma palavra casual ou inadvertida; a queda acidental ou a virada de uma carta, com a ansiedade ou a negligência com que procura ocultá-la; a contagem das vazas, com a ordem de sua disposição; o embaraço, a hesitação, a afobação ou o receio — tudo permite à sua percepção aparentemente intuitiva indicações sobre a realidade das coisas. Depois de jogadas duas ou três mãos, conhece as

cartas de cada jogador e, a partir daí, descarta as suas com uma precisão de propósito tão absoluta como se o resto dos participantes estivesse jogando com as cartas abertas.

O poder analítico não deve ser confundido com a engenhosidade em sentido amplo; porque, enquanto o analista é necessariamente esperto, o homem esperto muitas vezes é claramente incapaz de análise. A faculdade construtiva ou combinatória, através da qual a engenhosidade normalmente se manifesta, e a qual os frenologistas (de maneira equivocada, a meu ver) atribuíram um órgão à parte, supondo-a uma faculdade primitiva, tem sido observada com muita frequência naqueles cuja inteligência beira, ao contrário, à idiotice, de modo a ter atraído a observação geral daqueles que escrevem sobre temas morais. Entre a engenhosidade e a faculdade analítica existe uma diferença bem maior, de fato, do que aquela entre a fantasia e a imaginação, mas de natureza estritamente análoga. Veremos que, de fato, os engenhosos são sempre fantasiosos, enquanto que os verdadeiramente imaginativos são sempre analíticos.

A narrativa que se segue parecerá ao leitor, de certa forma, uma ilustração das proposições que acabo de apresentar.

Quando residi em Paris, durante a primavera e parte do verão de 18 —, conheci um senhor chamado C. Auguste Dupin. O jovem cavalheiro era de uma excelente — de fato, ilustre — família, porém, por uma série de eventos desfavoráveis, tinha sido reduzido a uma pobreza tal que a energia de seu caráter sucumbiu à desgraça, e ele desistiu de erguer-se outra vez no mundo ou de preocupar-se em recuperar sua fortuna. Por cortesia dos credores, ainda permanecia em sua posse uma pequena parte de seu patrimônio; e, com a renda que daí obtinha, conseguia, através de uma rigorosa economia, satisfazer as necessidades básicas da vida, sem se preocupar com futilidades. Os livros, na verdade, eram seu único luxo, e em Paris é muito fácil consegui-los.

Nosso primeiro encontro foi em uma biblioteca pouco conhecida na rua Montmartre, onde a casualidade de que ambos estávamos à procura do mesmo volume — um livro muito raro e extraordinário — fez com que nos aproximássemos. Voltamos a nos encontrar por várias vezes. Eu estava profundamente interessado na pequena história de família que ele relatava com detalhes e com toda aquela

candura que um francês se permite quando o assunto é ele mesmo. Fiquei impressionado, também, com a extensão de suas leituras; e, acima de tudo, senti minha alma ser inspirada pelo fervor desenfreado e pelo vívido frescor de sua imaginação. Por procurar em Paris os objetivos que então buscava, senti que a companhia de um homem como esse seria um tesouro inestimável; e confiei a ele esta impressão com toda a franqueza. Afinal, ficou decidido que iríamos morar na mesma casa durante minha permanência na cidade; e como minha situação financeira era um pouco menos complicada que a dele, ficou a meu cargo alugar e mobiliar — em um estilo que se harmonizasse com a melancolia meio fantástica de nossos temperamentos —, uma mansão destruída pelo tempo e grotesca, há muito não habitada devido a superstições sobre as quais não perguntamos, e a ponto de desabar, localizada em uma parte remota e um tanto desolada do Faubourg St. Germain.

Se a rotina de nossa vida neste lugar chegasse ao conhecimento do mundo, teríamos sido considerados loucos — embora, talvez, dois loucos inofensivos. Nosso isolamento era perfeito. Não recebíamos nenhum visitante. Na verdade, a localização de nosso retiro tinha sido mantida em segredo para meus antigos amigos; e Dupin, já há muitos anos, tinha deixado de conhecer e de ser conhecido em Paris. Vivíamos para nós mesmos.

Uma das excentricidades de meu amigo (de que mais posso chamá-la?), era gostar da noite, apenas por gostar; e a essa *bizarrerie*, como a todas as outras, eu também me rendi; entreguei-me aos caprichos estranhos de meu amigo com um perfeito *abandono*. A divindade negra não podia estar conosco todo o tempo, mas podíamos fingir sua presença. Assim que o dia rompia, fechávamos todas as persianas imundas de nossa casa velha e acendíamos algumas velas que, com um perfume forte, projetavam apenas os raios de luz mais pálidos e débeis. Com a ajuda desses raios, ocupávamos nossas almas em sonhos — lendo, escrevendo ou conversando —, até que o relógio nos avisava da chegada da verdadeira escuridão. Então saíamos às ruas, de braços dados, e continuávamos a discutir os tópicos do dia ou simplesmente vagávamos sem destino até tarde, procurando, entre as luzes e sombras estranhas da cidade

populosa, aquela infinidade de estimulação da mente que a observação em silêncio pode conceder.

Nessas ocasiões, eu não podia deixar de notar e admirar em Dupin (embora, por sua percepção profunda, já estivesse preparado para esperar por ela) uma habilidade analítica peculiar. Ele parecia, também, sentir um enorme entusiasmo em exercitá-la — ou, talvez, mais exatamente, em exibi-la — e não hesitava em confessar o prazer que isso lhe dava. Ele se gabava, com uma risadinha discreta, de que a maioria dos homens, do ponto de vista dele, tinha janelas no peito; e tinha o costume de acompanhar tais afirmações com provas diretas e bastante surpreendentes de seu conhecimento íntimo de meus sentimentos. Nestes momentos, sua atitude era fria e abstraída; os olhos mostravam uma expressão vazia; e a voz, em geral de um tenor sonoro, subia para um falsete que pareceria petulante não fosse pela intencionalidade e pela completa clareza com que era articulada. Ao observá-lo nesta disposição, muitas vezes me ocorria pensar na antiga filosofia da *alma bipartida* e me divertia com a ideia da existência de um duplo Dupin — o criativo e o analista. ⁵

Mas não se suponha, do que acabei de dizer, que estou detalhando algum mistério ou descrevendo um romance. O que descrevi de meu amigo francês foi apenas a conclusão de uma mente fascinada ou, talvez, doentia. Mas um exemplo demonstrará melhor o caráter de suas observações nos períodos em questão.

Certa noite, estávamos passeando por uma rua longa e suja, nas proximidades do Palais Royal. Estando ambos, aparentemente, imersos em pensamentos, nenhum de nós tinha proferido uma única sílaba nos últimos quinze minutos. De repente, Dupin quebrou o silêncio com estas palavras:

“Ele é um sujeito muito baixinho, é verdade, e estaria melhor no *Théâtre des Variétés*.”

“Não resta dúvida”, respondi distraidamente, sem observar, a princípio (por estar absorto em reflexões), a maneira extraordinária com que ele havia penetrado em minha meditação. No instante seguinte, dei conta do acontecido e meu espanto foi profundo.

“Dupin”, disse eu, com a voz rouca, “isto está além de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou admirado, e dificilmente

posso acreditar em meus sentidos. Como é possível que você soubesse que eu estava pensando em...?" Fiz uma pausa neste ponto, como que para me certificar — para que não restasse dúvida — de que ele realmente sabia em quem eu estava pensando.

"Em Chantilly", disse ele. "Por que fez uma pausa? Você estava dizendo a si mesmo que a estatura diminuta dele não era adequada a papéis trágicos."

Este era, precisamente, o assunto de minhas reflexões. Chantilly tinha sido um antigo sapateiro da rua St. Denis que, tendo adquirido a febre do palco, tentou o papel de Xerxes, na tragédia de mesmo nome de Crébillon ⁶, e foi publicamente satirizado por seus esforços.

"Explique-me, pelo amor de Deus", exclamei, "o método, se é que há algum, pelo qual você foi capaz penetrar em minha alma dessa forma." Na verdade, eu estava muito mais impressionado do que gostaria de admitir.

"Foi o vendedor de frutas", replicou meu amigo, "que o levou à conclusão de que o sapateiro não tinha altura suficiente para o papel de Xerxes *et id genus omne* ¹²."

"O vendedor de frutas! Você me surpreende! Não conheço nenhum vendedor de frutas!"

"O homem que esbarrou em você quando entramos na rua. Deve ter sido há uns quinze minutos."

Lembrei-me então que, de fato, um vendedor de frutas, que carregava na cabeça um grande cesto cheio de maçãs, quase tinha me derrubado por acidente, quando dobramos a esquina da rua C. com a avenida em que agora estávamos; mas o que isso poderia ter a ver com Chantilly eu não conseguia entender.

Mas não havia uma partícula sequer de *charlâtanerie* ⁸ em Dupin.

"Vou explicar", disse ele. "E para que você possa compreender tudo com clareza, vamos primeiro retrazar o curso de suas meditações, do momento em que falei com você até o momento do choque com o vendedor de frutas. Os elos maiores da cadeia são os seguintes: Chantilly, Orion, Dr. Nichol ⁹, Epicuro ¹⁰, estereotomia, as pedras da rua e o vendedor de frutas."

Há poucas pessoas que não tenham, em algum momento de suas vidas, se divertido em tentar reconstruir os passos que os levaram a

determinadas conclusões. A atividade é, muitas vezes, cheia de interesse, e aquele que tenta realizá-la pela primeira vez pode ficar espantado com a distância aparentemente ilimitada e com a incoerência entre o ponto de partida e o de chegada. Imagine então minha surpresa ao ouvir o francês dizer o que disse, e quando não pude deixar de reconhecer que havia dito a verdade. Ele continuou:

“Estávamos falando sobre cavalos, se me lembro bem, pouco antes de sairmos da rua C. Este foi o último assunto que discutimos. Quando entramos nesta rua, um vendedor de frutas, com um grande cesto na cabeça, ao passar rapidamente por nós, empurrou-o sobre uma pilha de paralelepípedos amontoada em um ponto em que o calçamento está sendo consertado. Você pisou em uma das pedras soltas, escorregou, estirou levemente o tornozelo, pareceu irritado ou de mau humor, resmungou umas poucas palavras, voltou-se para olhar para o monte de pedras e então prosseguiu em silêncio. Eu não estava particularmente prestando atenção ao que você fazia, mas a observação vem se tornando para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade.

“Você conservou os olhos no chão — olhando, com uma expressão carrancuda, para os buracos e sulcos do pavimento (foi então que percebi que você ainda estava pensando nas pedras), até que chegamos àquele beco chamado Lamartine, que foi pavimentado, à guisa de experiência, com aqueles blocos que se encaixam e se fixam uns aos outros. Ali o seu rosto se iluminou; e percebendo o movimento de seus lábios, não pude duvidar de que tenha murmurado a palavra ‘estereotomia’, um termo afetado aplicado a essa espécie de pavimento. Eu sabia que você não poderia dizer a si mesmo ‘estereotomia’, sem ser levado a pensar nas atomias, e, assim, nas teorias de Epicuro [11](#); e uma vez que, quando discutimos este assunto há pouco tempo, mencionei a forma singular, embora com pouca atenção, com que as adivinhações vagas daquele nobre grego estavam sendo agora confirmadas pela recente cosmogonia nebular, proposta pelo dr. Nichol, senti que você não poderia deixar de erguer os olhos para a grande nebulosa de Órion [12](#), e estava seguro de que o faria. E você olhou para o céu; e agora eu tinha plena certeza de que tinha seguido corretamente seus passos. Mas naquela amarga crítica a

Chantilly, que apareceu no Musée de ontem, o satirista fez algumas alusões maldosas à mudança de nome do sapateiro ao calçar os coturnos ¹³, e citou um verso em latim sobre o qual conversamos com frequência. Refiro-me à linha:

Perdidit antiquum litera prima sonum . ¹⁴

“Eu havia dito que esta citação referia-se a Órion, que antes se escrevia Úrion; e, devido a certas pungências ligadas a essa explicação, eu estava ciente de que você não iria esquecê-la. Estava claro, portanto, que você não iria deixar de relacionar as duas ideias — de Órion e de Chantilly. Que você realmente as combinou, percebi pela expressão do sorriso que passou por seus lábios. Você pensou na imolação do pobre sapateiro. Até então, você caminhava meio encurvado; mas, nesse momento, endireitou-se de modo a mostrar sua plena estatura. Foi então que tive a certeza de que você estava refletindo sobre a figura diminuta de Chantilly. Nesse ponto interrompi suas meditações para comentar que, de fato, ele era um sujeito muito pequeno — o Chantilly — e que ele se sairia melhor no *Théâtre des Variétés*.”

Pouco tempo depois disso, estávamos olhando uma edição vespertina da *Gazette des Tribunaux*, quando o seguinte parágrafo atraiu nossa atenção:

ASSASSINATOS EXTRAORDINÁRIOS

Esta madrugada, por volta das três horas da manhã, os habitantes do Quartier St. Roch foram acordados por uma série de gritos terríveis que partiam, ao que parece, do quarto andar de uma casa na rua Morgue, cujas únicas moradoras eram uma tal Madame L’Espanaye e sua filha, Mademoiselle Camille L’Espanaye. Depois de alguma demora, ocasionada pela tentativa infrutífera de conseguir entrar na casa pela maneira convencional, a porta de entrada foi arrombada com um pé-de-cabra e oito ou dez dos vizinhos entraram, acompanhados por dois *gendarmes*. ¹⁵

A essa altura, os gritos já haviam cessado; mas, enquanto o grupo subia às pressas o primeiro lance de escadas, foram ouvidas duas ou mais vozes ásperas em violenta discussão e que pareciam vir da parte superior da casa. Quando o grupo chegou ao segundo andar, também estes sons haviam cessado e tudo permanecia no mais

perfeito silêncio. O grupo se espalhou e se apressou em examinar quarto por quarto. Ao chegarem a uma grande câmara na parte dos fundos do quarto andar (cuja porta, trancada a chave pelo lado de dentro, precisou ser arrombada), depararam-se com um espetáculo que encheu a todos os presentes não só de horror como de estupefação.

O apartamento estava na mais completa desordem — a mobília estava aos pedaços e tinha sido atirada em todas as direções. Havia apenas uma cama; mas o colchão tinha sido retirado dela e jogado no meio do aposento. Sobre uma cadeira, havia uma navalha manchada de sangue. Na lareira havia duas ou três mechas longas e espessas de cabelo humano grisalho, também cobertas de sangue, que pareciam ter sido arrancadas pela raiz. Espalhados pelo assoalho foram encontrados quatro napoleões, ¹⁶ um brinco de topázio, três colheres grandes de prata, três colheres menores de *métal d'Alger* ¹⁷ e duas bolsas, contendo quase quatro mil francos em ouro. As gavetas de uma escrivaninha, que ficava em um dos cantos da sala, estavam abertas e tinham sido aparentemente reviradas, embora muitos objetos ainda permanecessem dentro delas. Um pequeno cofre de ferro foi descoberto no chão, embaixo do colchão (não embaixo da cama). Estava aberto, com a chave ainda na porta. Continha apenas algumas cartas velhas e outros papéis de pouca importância.

Nenhum sinal de Madame L'Esplanaye foi encontrado ali; mas, ao notar uma quantidade incomum de fuligem na lareira, a chaminé foi examinada e (coisa horrível de se relatar!) de lá retiraram o cadáver da filha, dependurado de cabeça para baixo; tinha sido empurrado para cima, através da abertura estreita da chaminé, por uma distância considerável. O corpo ainda estava quente. Ao examiná-lo, foram encontradas muitas escoriações, sem dúvida, ocasionadas pela violência com que foi empurrado chaminé acima, e depois pelo esforço necessário para retirá-lo. No rosto, havia muitos arranhões profundos, e, no pescoço, hematomas escuros e marcas fundas de unhas, como se a falecida tivesse sido estrangulada.

Após uma meticulosa investigação de cada parte da casa, sem novas descobertas, o grupo dirigiu-se a um pequeno pátio pavimentado nos fundos do edifício, onde jazia o corpo da velha senhora, com a garganta cortada a tal ponto que, ao tentarem erguer o corpo, a cabeça caiu no chão. O corpo — e também a cabeça — estavam terrivelmente mutilados; o primeiro, ao ponto de mal conservar qualquer semelhança com um corpo humano. Até agora, segundo acreditamos, não existe ainda a menor pista que permita solucionar esse horrível mistério.

O jornal do dia seguinte trazia os seguintes detalhes adicionais:

A TRAGÉDIA DA RUA MORGUE

Muitos indivíduos foram interrogados com relação a este caso tão extraordinário e assustador, mas ainda nada transpirou que pudesse lançar alguma luz sobre ele. Transcrevemos abaixo todas as declarações importantes obtidas.

Pauline Dubourg, lavadeira, depôs que conhecia as falecidas há três anos, tendo lavado para elas durante todo esse período. A velha senhora e a filha pareciam manter boas relações e serem muito carinhosas uma com a outra. Pagavam muito bem. Nada sabia sobre seus meios de subsistência. Achava que Madame L'Espanaye ganhava a vida como cartomante. Segundo diziam, tinha dinheiro guardado. Jamais encontrou outras pessoas na casa quando ia buscar as roupas para lavar ou vinha devolvê-las. Tinha certeza de que não tinham empregados. Parecia não haver mobília em parte alguma da casa, exceto no quarto andar.

Pierre Moreau, vendedor de tabaco, declarou que costumava vender pequenas quantidades de tabaco e de rapé a Madame L'Espanaye já há uns quatro anos. Tinha nascido no bairro e sempre residira por lá. A falecida e a filha moravam há mais de seis anos na casa em que os cadáveres tinham sido encontrados. A casa antes era ocupada por um joalheiro, que sublocava os andares superiores para várias pessoas. A casa era de propriedade de Madame L'Espanaye. Ela ficou descontente com os abusos do inquilino e mudou-se para lá, recusando-se a alugar qualquer parte do prédio.

A velha senhora era meio infantil. A testemunha tinha visto a filha cinco ou seis vezes durante aqueles seis anos. As duas viviam uma vida muito retirada — e dizia-se que tinham dinheiro. Ouviu dos vizinhos que Madame L'Espanaye lia o futuro — mas não acreditava nisso. Nunca tinha visto ninguém entrar na casa, exceto a velha senhora e a filha, um carregador, vez ou outra, e um médico, umas oito ou dez vezes.

Muitas outras pessoas, que moravam na vizinhança, depuseram no mesmo sentido. Não se falou de ninguém que frequentasse a casa. Não se sabia se Madame L'Espanaye e a filha tinham parentes vivos. As persianas das janelas da frente raramente eram abertas. As persianas dos fundos estavam sempre fechadas, com a exceção daquelas do grande quarto dos fundos do quarto andar. A casa era boa — não era muito antiga.

Isidore Musèt , gendarme , testemunhou que foi chamado à casa por volta das três horas da manhã e encontrou umas vinte ou trinta pessoas diante do portão, que se esforçavam para entrar. Pouco depois, abriu o portão à força com uma baioneta — não foi com um pé-de-cabra. Teve pouca dificuldade para abri-lo, porque era um portão de duas folhas e não estava trancado nem em cima nem embaixo. Os gritos continuaram enquanto o portão estava sendo arrombado — e então cessaram de súbito. Pareciam gritos de uma pessoa (ou pessoas) em grande agonia — eram altos e prolongados, e não curtos e rápidos. A testemunha subiu as escadas à frente de todos. Ao chegar ao primeiro andar, ouviu duas vozes que travavam uma violenta discussão — uma das vozes era rouca e zangada, a outra muito mais aguda — uma voz muito estranha. Conseguiu distinguir algumas das palavras ditas pela primeira voz, que era de um francês. Tinha certeza de que não era uma voz de mulher. Conseguiu distinguir as palavras *sacré* e *diable* . ¹⁸ A voz mais aguda era de um estrangeiro. Não tinha certeza se era uma voz de homem ou de mulher. Não conseguiu entender nada do que foi dito, mas acreditava que falava em espanhol. A situação do quarto e dos corpos foi descrita pela testemunha conforme relatamos ontem.

Henri Duval , um vizinho, prateiro, testemunhou que fazia parte do grupo que entrou primeiro na casa. Em geral, corrobora o testemunho de Musèt. Tão logo forçaram a porta, tornaram a fechá-la para manter afastada a multidão que, apesar do adiantado da hora, se reunia rapidamente. A voz aguda, pensa a testemunha, era de um italiano. Tem certeza de que não era francês. Não tinha certeza se era voz de homem. Poderia ser de mulher. Não sabia falar italiano. Não conseguiu distinguir as palavras, mas estava convencido, pela entonação, de que a pessoa era italiana. Conhecera Madame L'Espanaye e sua filha. Conversava com as duas frequentemente. Tinha certeza de que a voz aguda não pertencia a nenhuma das falecidas.

— *Odenheimer* , restaurador. A testemunha apresentou-se voluntariamente para testemunhar. Como não falava francês, o depoimento foi colhido com a ajuda de um intérprete. É natural de Amsterdã. Passava em frente à casa no momento dos gritos. Duraram por vários minutos — talvez uns dez. Eram longos e altos, muito terríveis e angustiantes. Foi uma das pessoas que entraram na casa. Confirmou as declarações anteriores em todos os aspectos, exceto um: tinha certeza de que a voz mais aguda era de um homem — de um homem francês. Não conseguiu entender as palavras ditas. Eram altas e rápidas — desiguais —, ditas aparentemente tanto com medo quanto com raiva. A voz era áspera, muito mais áspera do que estridente. Não poderia classificá-la como estridente. A voz mais rouca repetiu várias vezes as palavras *sacré* e *diable* , e uma única vez, a palavra *mon Dieu* .

Jules Mignaud , banqueiro, da firma Mignaud et Fils, da rua Deloraine. É o mais velho dos Mignaud. Madame L'Espanaye tinha algumas propriedades. Tinha aberto uma conta em sua casa bancária na primavera do ano de... (oito anos antes). Depositava pequenas quantias com frequência. Nunca sacou nada até três dias antes de sua morte, quando retirou pessoalmente a quantia de quatro mil francos. Esta soma foi paga em ouro e um funcionário ficou encarregado de levá-lo à casa da depositante.

Adolphe Le Bon , funcionário da Mignaud et Fils, testemunhou que, no dia em questão, por volta do meio-dia, acompanhou Madame

L'Espanaye até sua residência com os quatro mil francos guardados em duas bolsas. Assim que a porta foi aberta, Mademoiselle L'Espanaye apareceu e pegou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha senhora fez o mesmo com a outra. Ele então as cumprimentou e foi embora. Não viu ninguém na rua naquele momento. É uma rua afastada, bastante solitária.

William Bird, alfaiate, testemunhou que foi uma das pessoas que entraram na casa. É de nacionalidade inglesa. Mora em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir as escadas. Escutou as vozes discutirem. A voz rouca era de um francês. Conseguiu entender várias palavras, mas não lembra mais de todas. Ouviu claramente *sacré* e *mon Dieu*. Naquele momento, havia um barulho que parecia o de várias pessoas brigando — barulho de pessoas lutando e de coisas sendo arrastadas. A voz estridente era muito alta — bem mais alta do que a voz rouca. Tem certeza de que não era a voz de um inglês. Parecia ser a voz de um alemão. Poderia ser uma voz de mulher. A testemunha não entende alemão.

Quatro das testemunhas acima, tendo sido reconvocadas, testemunharam que a porta do quarto em que foi encontrado o corpo de Mademoiselle L'Espanaye estava trancada por dentro quando o grupo chegou lá. Tudo estava em perfeito silêncio — não havia gemidos nem ruídos de qualquer tipo. Ao arrombarem a porta, não viram ninguém. As janelas, tanto do quarto da frente como o dos fundos, estavam com as persianas fechadas e trancadas por dentro. A porta que havia entre os dois cômodos estava fechada, mas não estava trancada. A porta do quarto da frente, que dava para o corredor, também estava trancada, com a chave do lado de dentro. Um pequeno quarto na parte da frente da casa, no quarto andar, no final do corredor, estava aberta, com a porta escancarada. Esse quarto estava entulhado de camas velhas, caixas e outras coisas. Todos os objetos foram cuidadosamente removidos e examinados. Não houve uma polegada em qualquer parte da casa que não tenha sido cuidadosamente vasculhada. As chaminés foram investigadas de cabo a rabo. A casa tinha quatro andares, com sótãos (*mansardes*). Um alçapão no forro tinha sido pregado com muita firmeza e não dava a impressão de ter sido

aberto por anos. As testemunhas não estão de acordo quanto ao tempo decorrido entre o som das vozes discutindo e o arrombamento da porta do quarto. Alguns falaram em três minutos, outros em cinco. A porta foi aberta com muita dificuldade.

Alfonzo Garcio , agente funerário, testemunhou que reside na rua Morgue. É natural da Espanha. Fazia parte do grupo que entrou na casa. Não subiu as escadas. É um homem nervoso e ficou com receio das consequências da agitação. Escutou as vozes discutindo. A voz mais rouca falava em francês. Não pôde compreender o que estava sendo dito. A voz estridente pertencia a alguém que falava em inglês — está certo disso. Não entende a língua inglesa, mas baseou-se na entonação.

Alberto Montani , confeitoiro, testemunhou que estava entre os primeiros que subiram as escadas. Escutou as vozes em discussão. A voz rouca falava em francês. Conseguiu perceber várias palavras. A pessoa parecia estar fazendo uma repreensão. Não conseguiu entender as palavras ditas pela voz estridente. Ela falava rápido e de forma intermitente. Mas acha que as palavras eram em russo. Confirma o testemunho geral. É italiano. Nunca conversou com um nativo da Rússia.

Várias testemunhas, ao serem novamente convocadas, testemunharam que as chaminés de todos os aposentos do quarto andar eram demasiadas estreitas para permitir a passagem de um ser humano. Por “limpa-chaminés” queriam dizer escovas de limpeza cilíndricas, como aquelas que são utilizadas por aqueles que limpam chaminés. Estas escovas foram passadas para cima e para baixo no interior de toda a tubulação de chaminés da casa. Não existe porta dos fundos pela qual alguém pudesse ter descido enquanto o grupo subia as escadas. O corpo de Mademoiselle L'Espanaye estava tão entalado na chaminé que só pôde ser retirado com a ajuda de cinco ou seis pessoas.

Paul Dumas , médico, conta que foi chamado para examinar os corpos perto do amanhecer. Os corpos tinham sido colocados sobre o colchão, no quarto em que Mademoiselle L'Espanaye fora encontrada. O cadáver da jovem senhora apresentava muitos

hematomas e escoriações. O fato de ter sido empurrado chaminé acima seria causa suficiente dessa aparência. A garganta estava bastante esfolada. Havia vários arranhões profundos logo abaixo do queixo, assim como uma série de manchas arroxeadas que, evidentemente, foram causadas pela pressão dos dedos. O rosto estava pavorosamente pálido, e os olhos saltavam das órbitas. A língua tinha sido parcialmente mordida. Notou-se um grande hematoma sobre o estômago, produzido, ao que tudo indicava, pela pressão de um joelho. Na opinião do senhor Dumas, Mademoiselle L'Espanaye tinha sido estrangulada até a morte por uma pessoa ou por pessoas desconhecidas. O cadáver da mãe estava horivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e do braço direitos apresentavam fraturas maiores ou menores. A tíbia esquerda, bem como todas as costelas do lado esquerdo, tinha se quebrado em mais de um lugar. O corpo inteiro estava assustadoramente machucado e pálido. Não era possível dizer como os ferimentos tinham sido infligidos. Um bastão pesado de madeira ou uma barra de ferro — uma cadeira, talvez —, qualquer arma grande, pesada e contundente poderia ter produzido aqueles resultados, se empunhada por um homem de grande força física. Mulher nenhuma poderia ter desferido aqueles golpes com qualquer arma. A cabeça da falecida, quando esta foi examinada pela testemunha, estava inteiramente separada do corpo e também bastante despedaçada. A garganta fora evidentemente cortada com algum instrumento muito afiado — provavelmente uma navalha.

Alexandre Etienne, cirurgião, foi chamado, juntamente com o doutor Dumas, para examinar os corpos. Confirmou o testemunho e as opiniões do senhor Dumas.

Nada mais de importância foi descoberto, embora várias outras pessoas tenham sido interrogadas. Um assassinato tão misterioso, e tão enigmático em todos os seus detalhes, nunca antes foi cometido em Paris — se é que realmente houve um assassinato. A polícia está perplexa, coisa pouco comum em casos desta natureza. Não existe, de qualquer forma, a menor sombra de uma pista.

A edição vespertina do jornal declarava que um grande tumulto ainda reinava no Quartier St. Roch, que os aposentos da casa tinham sido examinados mais uma vez, e que as testemunhas deram novos testemunhos, tudo sem o menor resultado. Um pós-escrito, entretanto, noticiava que Adolphe Le Bon tinha sido preso e encarcerado — embora nada parecesse incriminá-lo, além dos fatos que já foram detalhados.

Dupin pareceu-me singularmente interessado no progresso do caso — pelo menos assim me pareceu, a julgar por sua atitude, porque ele não fez um único comentário. Somente depois que a prisão de Le Bon foi anunciada ele pediu minha opinião sobre os assassinatos.

Pude tão somente concordar com todos os moradores de Paris ao considerá-los um mistério insolúvel. Não via meios que pudessem levar à identificação do assassino.

“Não podemos chegar a uma conclusão”, disse Dupin, “a partir de uma investigação tão superficial. A polícia parisiense, que é tão elogiada por sua *perspicácia*, é esperta, mas nada mais. Não existe método em seus procedimentos, além do método que é sugerido pelo momento. Apresentam uma série de medidas, mas não é raro que sejam tão mal adaptadas ao objetivo proposto, que nos trazem à mente Monsieur Jourdain, que pedia seu *robe-de-chambre* — *pour mieux entendre la musique*.¹⁹ Os resultados obtidos por eles são quase sempre surpreendentes, mas, na maior parte, são obtidos por simples diligência e atividade. Quando estas qualidades faltam, seus esquemas falham. Vidocq²⁰, por exemplo, era um bom adivinhador e um homem perseverante. Porém, como seu pensamento carecia de educação, ele pecava continuamente pela própria intensidade de suas investigações. Prejudicava sua visão por segurar os objetos perto demais. É possível que visse um ou dois pontos com clareza extraordinária, mas, ao fazê-lo, ele, necessariamente, perdia a visão do conjunto. Assim, existe o problema do excesso de profundidade. A verdade nem sempre está no fundo de um poço. Na verdade, no que diz respeito aos conhecimentos mais importantes, creio que esteja sempre na superfície. A profundidade está nos vales em que a buscamos, e não no topo das montanhas onde é encontrada. Os modos e as fontes deste tipo de erro são bem exemplificados pela

contemplação dos corpos celestiais. Olhar para uma estrela de relance — observá-la pelo canto dos olhos, voltando para ela a parte lateral da *retina* (mais suscetível às fracas impressões da luz que a parte interior) significa contemplá-la com clareza — é obter a melhor apreciação de seu brilho — um brilho que vai se enfraquecendo na proporção em que voltamos a visão diretamente para ela. Neste último caso, um número maior de raios incide no olho, porém, no primeiro, existe uma capacidade de percepção mais apurada. Com o excesso de profundidade, enfraquecemos o pensamento e o deixamos perturbado; e é possível até mesmo fazer com que a própria Vênus desapareça do firmamento se a observarmos de uma forma muito demorada, muito concentrada ou muito direta.

“Quanto a estes assassinatos, vamos nós mesmos fazer algumas verificações, antes de formarmos nossa opinião a respeito deles. Um inquérito nos trará algum divertimento — (achei esquisito o uso do termo, da maneira como foi utilizado, mas não disse nada) — e, além do mais, Le Bon uma vez me fez um favor, pelo qual sou grato. Vamos visitar os aposentos e vê-los com nossos próprios olhos. Conheço G., o chefe de polícia, e não terei dificuldade em obter a permissão necessária.”

A permissão foi obtida, e fomos imediatamente para a rua Morgue. Era uma dessas vielas miseráveis que ficam entre a Rua Richelieu e a Rua St. Roch. Já era fim de tarde quando chegamos lá, uma vez que esse quarteirão fica a uma boa distância daquele onde residíamos. Logo encontramos a casa, pois ainda havia muitas pessoas do outro lado da calçada, olhando para as janelas fechadas com uma curiosidade sem objetivo. Era uma casa parisiense comum, com uma entrada principal. Em um dos lados, havia uma guarita envidraçada com uma janela corrediça, que parecia ser um *loge de concierge*. [21](#) Antes de entrarmos na casa, andamos pela rua, dobramos a esquina em um beco e, então, dobrando outra esquina, chegamos à parte de trás da casa. Enquanto isso, Dupin examinava toda a vizinhança, e também a casa, com uma atenção minuciosa que me parecia despropositada.

Refizemos nossos passos e chegamos de novo à frente da residência. Tocamos a campainha e, depois de apresentar nossas

credenciais, fomos admitidos pelos agentes que estavam de serviço. Subimos as escadas — até o aposento onde o corpo de Mademoiselle L'Espanaye tinha sido encontrado, e onde os corpos das duas falecidas ainda estavam. Como era de se esperar, o quarto continuava revirado. Não pude ver nada além do que já havia sido relatado na Gazette des Tribunaux. Dupin examinava tudo — inclusive o corpo das vítimas. Passamos então aos outros quartos, e depois fomos até o pátio; um *gendarme* nos acompanhava por toda parte. O exame nos ocupou até a noite, quando decidimos partir. A caminho de casa, meu companheiro entrou por um momento no escritório de um dos jornais diários.

Já comentei que as extravagâncias de meu amigo são muitas, e que *Je les ménagais* ²² — para essa frase, não há equivalente em inglês. Por uma dessas excentricidades, recusou-se a fazer qualquer comentário sobre o assunto do assassinato até quase meio-dia do dia seguinte. Então ele me perguntou, de súbito, se eu havia observado qualquer coisa *peculiar* no local da atrocidade.

Havia alguma coisa no modo como enfatizou a palavra “peculiar” que me fez estremecer, sem que eu soubesse o motivo.

“Não, nada *peculiar*”, eu disse; “pelo menos, nada além do que já tínhamos lido nos jornais.”

“Temo que a *Gazette*”, respondeu “não tenha penetrado no horror incomum da coisa. Mas descarte as opiniões inúteis desse jornal. Parece-me que esse mistério é considerado insolúvel, pela mesma razão que deveria fazer com que fosse de fácil solução — quero dizer, pelo excesso, pelo *outré* de características. A polícia está confusa pela aparente ausência de motivos — não para o assassinato em si — mas para as atrocidades cometidas. Estão confusos, também, pela aparente impossibilidade de relacionar as vozes ouvidas na discussão com o fato de que ninguém foi encontrado no andar de cima, a não ser Mademoiselle L'Espanaye, morta, e de que não havia nenhuma maneira de escapar dali sem ser notado pelo grupo que subia as escadas. A desordem bárbara do quarto; o cadáver enfiado, de cabeça para baixo, na chaminé; a mutilação assustadora da velha senhora; essas considerações, mais aquelas que acabei de mencionar, e outras que não preciso comentar, foram suficientes para paralisar o poder de raciocínio dos policiais e confundir por completo a *perspicácia* de que

tanto se vangloriam. Caíram no erro grosseiro, mas comum, de confundir o insólito com o obscuro. Mas é por esses desvios do plano do comum que a razão encontra seu caminho, caso seja possível, para a busca da verdade. Em investigações como essa, que agora estamos fazendo, não deveríamos perguntar ‘o que aconteceu’, mas ‘o que aconteceu agora que nunca tenha acontecido antes’. Na verdade, a facilidade com que chegarei, ou já cheguei, à solução desse mistério está em proporção direta com sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia.”

Olhei para meu interlocutor com um estarrecimento mudo.

“Estou agora esperando”, ele continuou, olhando em direção à porta de nossa casa. “Estou agora esperando uma pessoa que, embora talvez não tenha sido o autor dessa carnificina, deve estar envolvido, de alguma forma, em sua execução. É provável que seja inocente no que diz respeito à pior parte dos crimes cometidos. Espero estar certo nessa suposição; porque sobre ela construí minha expectativa de solucionar todo o quebra-cabeça. Espero a chegada desse homem aqui — nesta sala — a qualquer momento. É verdade, ele pode não vir; mas é provável que venha. Se ele vier, será necessário detê-lo. Aqui estão as pistolas; e nós dois sabemos como usá-las quando a ocasião exige que as usemos.”

Peguei as pistolas, sem saber ao certo o que fazia, e sem acreditar no que acabara de ouvir, enquanto Dupin continuava a falar, como se estivesse falando sozinho. Já comentei sobre como ele adotava um ar distante nesses momentos. O discurso dele era dirigido a mim; mas a voz, embora não fosse alta, tinha aquela entonação que normalmente se emprega quando se fala com alguém que está a uma grande distância. Os olhos, sem nenhuma expressão, estavam fixos na parede.

“Que as vozes ouvidas na discussão”, ele disse, “pelo grupo que subia as escadas, não eram as vozes das mulheres, ficou completamente provado pelas evidências. Isso nos livra de toda dúvida sobre a possibilidade de que a velha tenha primeiro assassinado a filha e depois cometido suicídio. Falo sobre isso apenas por uma questão de método; porque a força de Madame L’Espanaye não teria sido suficiente para a tarefa de enfiar o cadáver da filha chaminé acima, da forma como foi encontrado; e a natureza das

feridas em seu próprio corpo excluem inteiramente a ideia de suicídio. O assassinato, então, foi cometido por terceiros; e as vozes dessas pessoas foram aquelas ouvidas na discussão. Permita-me agora trazer sua atenção — não sobre as declarações a respeito das vozes — mas em relação ao que existe de *peculiar* nesses testemunhos. Você observou alguma coisa peculiar nessas declarações?"

Notei que, embora todas as testemunhas tenham concordado na suposição de que a voz rouca era de um francês, houve muitas divergências com relação à voz estridente, ou, como uma das testemunhas a descreveu, à voz áspera.

"Essa é a evidência propriamente dita", disse Dupin, "mas não a peculiaridade da evidência. Você não observou nada diferente. Ainda assim, *havia* algo a ser observado. As testemunhas, como você pôde notar, concordam sobre a voz rouca; elas foram unânimes nesse ponto. Mas em relação à voz estridente, a peculiaridade não está no fato de que as testemunhas discordaram, mas de que, um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês tentaram descrevê-la, e cada um dizendo ser a voz *de um estrangeiro*. Cada um deles tem certeza de que não era a voz de um compatriota. Cada um deles a compara — não à voz de um indivíduo de uma nação cujo idioma lhes seja familiar — mas o contrário. O francês supõe que a voz seja de um espanhol, e '*poderia ter distinguido algumas palavras se fosse familiarizado com a língua espanhola*'. O holandês sustenta que a voz era de um francês; mas vimos que, '*por não entender francês, essa testemunha foi ouvida com a ajuda de um intérprete*'. O inglês pensa que a voz era de um alemão, '*mas não compreende alemão*'. O espanhol 'está certo' de que a voz era de um inglês, mas '*julga pela entonação*', '*já que não tem conhecimento algum sobre a língua inglesa*'. O italiano acredita que a voz era de um russo, mas '*nunca conversou com um russo*'. Além disso, um segundo francês diverge do primeiro, e é taxativo ao dizer que a voz era de um italiano; mas, *não conhecendo essa língua*, assim como o espanhol, '*convenceu-se pela entonação*'. Então, veja que estranha e incomum *deve* ter sido, na verdade, aquela voz, para dar ensejo a testemunhos como esses! — em cujos *tons* nem mesmo cidadãos das cinco grande divisões da Europa conseguiram reconhecer nada de familiar! Você dirá que pode ter sido a voz de um

asiático — ou de um africano. Nem asiáticos, nem africanos abundam em Paris; mas, sem desconsiderar a inferência, apenas chamarei sua atenção, agora, para três pontos. A voz é descrita por uma das testemunhas como 'mais repulsiva que estridente'. É caracterizada por duas outras como tendo sido 'rápida e *entrecortada*'. Palavra alguma — ou som algum assemelhado à palavra — foram mencionados por qualquer testemunha como distinguíveis."

"Não sei", prosseguiu Dupin, "qual impressão posso ter causado, até agora, ao seu entendimento; mas não hesito em dizer que deduções legítimas, mesmo advindas dessa parte dos testemunhos — da parte que diz respeito às vozes rouca e estridente — são, por si só, suficientes para levantar uma suspeita que deve nortear todo o progresso da investigação do mistério. Eu disse 'deduções legítimas', mas o sentido que quis dar a essas palavras não está totalmente expresso. Minha intenção era insinuar que tais deduções são as *únicas* adequadas, e que minha suspeita surge *inevitavelmente* a partir delas, como única conclusão. Todavia, não revelarei que suspeita é essa por enquanto. Desejo apenas que você tenha em mente o fato de que, para mim, foi imperativa o suficiente para dar uma forma definida — uma certa tendência — às minhas investigações no quarto.

"Transportemo-nos agora, em pensamento, para esse quarto. O que devemos procurar em primeiro lugar? Os meios que os assassinos utilizaram para escapar. Não é exagero dizer que nenhum de nós acredita em eventos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L'Espanaye não foram assassinadas por espíritos. Os autores do feito são entes materiais, e escaparam por vias materiais. Como fizeram então? Felizmente, há apenas uma maneira de se racionar sobre esse ponto, e essa maneira *precisa* nos conduzir à uma decisão definida. Vamos examinar, um a um, os possíveis meios de fuga. Está claro que os assassinos estavam no quarto onde Mademoiselle L'Espanaye foi encontrada, ou pelo menos no quarto adjacente, quando o grupo subiu as escadas. Portanto, é apenas nesses dois apartamentos que precisamos procurar indícios. A polícia analisou o chão, o teto e a alvenaria das paredes em todas as direções. Nenhum detalhe *oculto* poderia ter escapado à sua vigilância. Mas, não confiando nos olhos *deles*, examinei com os meus. Não havia, de fato, nenhum detalhe

oculto. As duas portas dos quartos que dão acesso ao corredor estavam firmemente trancadas, com as chaves na fechadura. Vejamos agora as chaminés. Embora de largura normal até uns três ou quatro metros acima da lareira, o duto, por toda a sua extensão, não admite sequer o corpo de um gato grande. Sendo absoluta a impossibilidade de fuga por elas pelo que já foi relatado, restam-nos então as janelas. Por aquelas do quarto da frente ninguém poderia ter escapado sem ser notado pela multidão que estava na rua. Os assassinos *devem* ter passado, portanto, pelas janelas do quarto dos fundos. Assim, trazidos a esta conclusão da forma tão inequívoca como fomos, não é nosso papel, como pensadores, rejeitá-la por conta de aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que essas aparentes 'impossibilidades' não são, na realidade, tão impossíveis assim.

"Há duas janelas no quarto. Uma delas está desobstruída pelos móveis, e é totalmente visível. A parte de baixo da outra fica escondida pela cabeceira da cama pesada, que está colocada bem próxima à essa janela. A primeira foi encontrada firmemente travada por dentro. Ela resistiu à força extrema empregada por aqueles que tentaram levantá-la. Havia um grande furo no batente feito com uma verruma, do lado esquerdo, e um prego bem avantajado foi encontrado encravado ali, quase até a altura da cabeça. Ao examinar a outra janela, constatou-se a existência de um prego similar, encravado da mesma forma; e uma vigorosa tentativa de levantar essa folha também falhou. Naquele momento, a polícia ficou inteiramente convencida de que a fuga não tinha se dado por essas vias. E, *portanto*, pensou-se ser desnecessário retirar os pregos e abrir as janelas.

"Minha investigação particular foi, de certa forma, mais específica, e assim foi pelo motivo que acabei de dizer: porque era ali — eu sabia — onde era *preciso* provar que o que aparentava ser uma impossibilidade não era, na realidade.

"Prossigui pensando desta forma... *a posteriori*. Os assassinos escaparam, sim, por uma dessas janelas. Assim sendo, eles não poderiam ter travado novamente as janelas por dentro, como foram encontradas — consideração que, por óbvia que era, pôs fim à investigação da polícia nesse aposento. No entanto, as janelas *foram* travadas. Elas *devem*, portanto, ter a capacidade de se travarem

sozinhas. Não havia como fugir dessa conclusão [23](#). Andei até o batente desobstruído, retirei o prego com alguma dificuldade e tentei levantar a folha. Ela resistiu a todos os meus esforços, como eu já havia previsto. Devia haver — eu agora sabia — uma mola oculta; e a confirmação dessa ideia convenceu-me de que, ao menos, minhas premissas estavam corretas, por mais misteriosas que ainda parecessem as circunstâncias que envolviam os pregos. Uma procura cuidadosa logo trouxe à luz a mola escondida. Pressionei-a e, satisfeito com a descoberta, abster-me de abrir a janela.

“Recoloquei o prego e o observei com atenção. Um indivíduo, ao passar por esta janela, poderia tê-la fechado novamente, e a mola a teria travado — contudo, o prego não poderia ter sido recolocado. A conclusão era simples, e novamente reduziu o campo das minhas investigações. Os assassinos *devem* ter escapado pela outra janela. Supondo, então, que as molas das duas janelas fossem iguais, como era provável, *devia* haver alguma diferença entre os pregos ou, pelo menos, entre as formas como foram fixados. Colocando-me sobre o estrado da cama, examinei minuciosamente o segundo batente, que ficava atrás da cabeceira. Ao deslizar a mão por trás da estrutura, descobri e pressionei a mola, que era, como já suspeitava, idêntica à sua vizinha. E então observei o prego. Era tão forte quanto o outro e, aparentemente, estava fixado da mesma forma — cravado até quase à altura da cabeça.

“Você dirá que fiquei confuso; mas, se pensa assim, não compreendeu bem a natureza das induções. Para usar uma frase esportiva, até ali eu não havia ‘cometido falta’. O faro não havia sido perdido nem mesmo por um instante. Não havia defeito em nenhum elo da corrente. Eu havia rastreado o segredo até seu resultado final — e esse resultado era *o prego*. Ele tinha, eu diria, em todos os aspectos, a mesma aparência de seu companheiro da outra janela; mas esse fato era uma absoluta nulidade (por mais conclusivo que parecesse ser) quando comparado à consideração de que ali, naquele ponto, terminava a pista. ‘*Deve* haver algo de errado com o prego’, pensei. Toquei-o, e a cabeça, com cerca de um quarto de polegada do corpo, soltou-se em meus dedos. O restante do corpo ficou no furo de verruma, onde fora partido. A fratura era antiga (as bordas estavam

incrustadas com ferrugem), e, aparentemente, tinha sido provocada por uma martelada, que afundou, uma parte da cabeça do prego na madeira da janela. Recoloquei com cuidado essa parte da cabeça no lugar de onde a havia retirado, e a semelhança com um prego perfeito era completa — a fissura ficou invisível. Pressionei a mola, e delicadamente levantei a folha por alguns centímetros; a cabeça veio junto com ela, permanecendo firme em seu apoio. Fechei a janela e o prego deu, mais uma vez, a impressão de estar perfeito.

“Até aí o enigma estava decifrado. O assassino tinha escapado pela janela que ficava atrás da cabeceira da cama. Caindo por si só após a fuga (ou talvez fechada propositalmente), a janela foi travada pela mola; e foi justamente a resistência oferecida pela mola que confundiu a polícia, levando-a a atribuir a resistência ao prego — e assim, investigações adicionais foram consideradas desnecessárias.

“A questão seguinte consistia em saber de que modo o assassino conseguira descer. Sobre esse ponto, dei-me por satisfeito com nossa caminhada ao redor da residência. A pouco mais de um metro e meio do batente em questão, ergue-se um para-raios. De sua haste teria sido impossível alguém alcançar a janela, quanto mais conseguir entrar por ela. Observei, entretanto, que as folhas das janelas do quarto andar são de um tipo peculiar, que os carpinteiros parisienses chamam de *ferrades* — um tipo raramente utilizado hoje em dia, mas visto frequentemente em antigas mansões de Lyons e Bourdeaux. Elas têm o formato de uma porta comum (uma porta simples, não de duas bandeiras), exceto que a metade inferior é entalhada ou trabalhada com treliças vazadas — proporcionando, assim, um excelente apoio para as mãos. No caso em questão, tais folhas têm quase um metro de largura. Quando as vimos da parte de trás da casa, ambas estavam abertas até quase pela metade — quer dizer, elas formavam ângulos retos com a parede. É provável que os policiais, assim como eu, tenham examinado a parte de trás da habitação; mas, se o fizeram, quando olharam as *ferrades* na linha de sua largura (algo que devem ter feito), não notaram a grande extensão dessa largura, ou então, no conjunto de todos os eventos, não levaram tal extensão em consideração. Na verdade, uma vez satisfeitos com a constatação de que fuga alguma poderia ter ocorrido por aquele aposento,

entregaram-se ali a um exame bastante superficial. Contudo, ficou claro para mim que a folha da janela que ficava na cabeceira da cama, se aberta completamente, rente à parede, ficaria a uma distância de não mais do que sessenta centímetros do para-raios. Também ficou evidente que, empregado um nível incomum de presteza e coragem, uma invasão por essa

janela, a partir do para-raios, pode ter sido levada a efeito — esticando-se a uma distância de sessenta centímetros (supomos agora a folha completamente aberta), um assaltante pode ter se agarrado com firmeza à parte com treliças. E depois, soltando-se do para-raios, apoiando com firmeza os pés contra a parede, e dando um salto audacioso sobre ela em seguida, ele pode ter balançado com a folha de modo a fechá-la, e, se imaginarmos que a janela estava aberta nesse momento, pode até mesmo ter balançado o corpo para dentro do quarto.

“Quero que você tenha particularmente em mente que falei de um nível *bastante* incomum de esforço como requisito para o sucesso nesse feito tão arriscado e difícil. Minha intenção é mostrar a você, primeiramente, que essa ação poderia ter sido, de fato, realizada; mas, em segundo lugar e *principalmente*, desejo chamar a atenção de seu entendimento para o caráter *bastante extraordinário* — quase sobrenatural — dessa agilidade que pode ter conseguido realizar tal proeza.

“Sem dúvida, você dirá, utilizando o linguajar da lei, que a fim de ‘elucidar o meu caso’, eu deveria dar menos valor a tal questão, em vez de insistir numa completa apreciação de todo o esforço requerido nessa situação. Pode ser que essa seja a prática legal, mas não é desse modo que procede a razão. Meu objetivo último é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a justapor o esforço *bastante incomum*, do qual acabei de lhe falar, com aquela voz estridente (ou repulsiva), muito *peculiar* e *irregular*, acerca da qual não se conseguiu ao menos duas pessoas que concordassem sobre a nacionalidade e em cuja entonação não se detectou nenhuma sílabação.”

Ao ouvir essas palavras, uma ideia vaga e inacabada do que Dupin queria dizer ocorreu-me à mente. Eu parecia estar à beira da compreensão, sem forças para alcançá-la — do mesmo modo que, vez

por outra, nos encontramos na iminência da lembrança, sem conseguirmos, no entanto, trazer o dado à lembrança. Meu amigo prosseguiu com seu discurso.

“Você verá”, disse ele, “que desloquei a pergunta sobre o meio de fuga para o de acesso. Foi meu intento sugerir a ideia de que ambos se deram da mesma maneira, pelo mesmo lugar. Voltemos agora para o interior do quarto. Inspecionemos o que se apresenta ali. Foi dito que as gavetas da escrivaninha haviam sido saqueadas, embora ainda restassem diversos itens de vestuário dentro delas. A conclusão aqui é absurda. Trata-se de uma mera conjectura — bastante ingênua — e nada mais. Como podemos saber se os itens encontrados nas gavetas não eram tudo o que as gavetas originalmente já guardavam? Madame L’Espanaye e a filha levavam uma vida extremamente reservada — não recebiam visitas — raramente saíam — necessitavam muito pouco de um grande número de vestimentas. As roupas encontradas eram, no mínimo, de qualidade tão boa quanto quaisquer outras que essas mulheres pudessem ter. Se um ladrão tivesse levado alguma, por que não levaria as melhores — Por que não levou todas? Em uma palavra, por que abandonou quatro mil francos em ouro para levar uma trouxa de roupas? O ouro *foi* abandonado. Quase toda a soma mencionada por Monsieur Mignaud, o banqueiro, foi encontrada no chão, em sacolas. Assim, quero que você descarte de seus pensamentos a ideia precipitada dos policiais para a *motivação* dos assassinatos, engendrada em suas mentes por aquela parte dos depoimentos que se refere ao ‘dinheiro entregue na porta da casa’. Coincidências dez vezes mais incríveis do que essa (a entrega de dinheiro e o assassinato cometido três dias após a vítima tê-lo recebido) acontecem com todos nós, a cada hora de nossas vidas, sem que atraiam atenção sequer momentânea. Coincidências são, em geral, o grande obstáculo no caminho deste grupo de pensadores que foram educados no mais completo desconhecimento da teoria das probabilidades — teoria à qual os mais gloriosos objetos da pesquisa humana devem os mais gloriosos esclarecimentos. No caso em questão, tivesse o ouro desaparecido, o fato de ter sido entregue três dias antes teria constituído algo mais do que uma simples coincidência. Seria fato corroborante da ideia da motivação. Mas, sob

as reais circunstâncias do caso, se formos supor que o ouro seja a motivação de toda essa barbárie, devemos considerar também que o autor é um idiota tão vacilante que foi capaz de abandonar juntos o ouro e a motivação.

“Conservando agora em mente os pontos para os quais chamei sua atenção — a voz peculiar, a agilidade incomum e a surpreendente ausência de motivação num assassinato tão atroz como esse — atentemos à carnificina propriamente dita. Temos uma mulher estrangulada até a morte com as mãos, empurrada chaminé acima, de cabeça para baixo. Assassinos comuns jamais empregam métodos como esse. Muito menos fazem tal coisa com o corpo da vítima. Pela forma como o cadáver foi empurrado chaminé acima, você tem que admitir que há algo de *excessivamente outré* — algo totalmente incompatível com nossas noções comuns de conduta humana, mesmo supondo que seus autores sejam os mais degenerados dos seres humanos. Pense, também, em como deve ter sido enorme a força que conseguiu empurrar o corpo para *cima* numa abertura tão estreita, de um modo tão poderoso que o esforço conjunto de diversas pessoas, como se viu, quase não bastou para tirá-lo *dali* !

“Atente, agora, para outros indícios de emprego de um esforço ainda admirável. Defronte à lareira, havia mechas grossas — muito grossas — de cabelos grisalhos. Elas tinham sido arrancadas pela raiz. Você deve fazer ideia da enorme força necessária para se arrancar da cabeça vinte ou trinta fios de cabelo, que seja. Assim como eu, você viu os cachos de cabelo em questão. As raízes (que visão hedionda!) exibiam fragmentos da carne do couro cabeludo com sangue coagulado — sinal incontestável da força prodigiosa empreendida para desenraizar talvez meio milhão de fios de cabelo de uma só vez. O pescoço da anciã não estava apenas cortado, mas a cabeça encontrava-se completamente separada do corpo: o instrumento utilizado foi uma simples navalha. Quero que você observe também a ferocidade *brutal* desses atos. Sobre as contusões no corpo de Madame L’Espanaye, não me manifesto. Monsieur Dumas e seu valoroso assistente, Monsieur Etienne, declararam que tais contusões foram infligidas por algum instrumento rombudo; e até aí esses senhores estão certos. Está claro que esse instrumento obtuso foi o piso de

pedra do jardim, sobre o qual a vítima caiu daquela janela que fica acima da cama. Tal ideia, por mais simples que possa parecer agora, escapou à polícia pela mesma razão que também escapou a ela a extensa largura das folhas da janela — porque, pela disposição dos pregos, suas percepções ficaram hermeticamente fechadas a qualquer possibilidade de que as janelas tivessem sido abertas.

“Se agora, além de todas essas coisas, você refletir adequadamente sobre a estranha desordem do quarto, já teremos ido longe o suficiente para conseguir combinar as ideias da espantosa agilidade, da força sobre-humana, da ferocidade brutal, da carnificina sem motivo, uma *grotesquerie* cujo horror é absolutamente alheio ao humano, e da voz que tinha sotaque estrangeiro aos ouvidos de homens de várias nacionalidades, desprovida de qualquer silabação distinta ou inteligível. O que sucedeu afinal? Que impressão causei em sua imaginação?”

No momento em que Dupin me fez a pergunta, senti um formigamento no corpo. “Um louco”, disse eu, “cometeu esse ato — algum louco desvairado, fugitivo de uma *Maison de Santé* ²⁴—dos arredores.”

“Em alguns aspectos”, respondeu, “sua ideia não é irrelevante. Mas as vozes dos loucos, mesmo no paroxismo mais descontrolado, jamais se comparam a essa voz peculiar que foi ouvida das escadas. Loucos têm alguma nacionalidade, e sua língua, por mais incoerentes que sejam suas palavras, sempre guarda a coerência da silabação. Além do mais, os cabelos de um louco não se parecem em nada com isso que tenho em minha mão. Soltei esse pequeno tufo dos dedos rigidamente fechados de Madame L’Espanaye. Diga-me o que acha disto.”

“Dupin!”, disse eu, muito agitado. “Este cabelo é a coisa mais incomum — isto não é cabelo *humano*.”

“Não afirmei que fosse”, disse ele. “Mas, antes de decidirmos esse ponto, quero que dê uma olhada no pequeno esboço que rabisquei sobre este papel. É uma *reprodução* do que foi descrito em uma parte dos depoimentos como ‘negros hematomas e marcas profundas de unhas’ na garganta de Mademoiselle L’Espanaye e, em outra (pelos

messieurs Dumas e Étienne), como ‘uma série de manchas arroxeadas, evidentemente marcas de dedos’.”

“Você perceberá”, prosseguiu meu amigo, abrindo o papel sobre a mesa diante de nós, “que o desenho dá uma ideia de apreensão firme e fixa. Não há sinal aparente de dedos *escorregando*. Cada dedo se manteve — possivelmente até a morte da vítima — terrivelmente agarrado ao ponto original. Experimente agora colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas, tal como vê.”

Fiz a tentativa, em vão.

“Possivelmente, não estamos dando a essa questão um julgamento justo”, disse. “O papel está aberto sobre uma superfície plana; mas a garganta humana é cilíndrica. Eis aqui uma tora de lenha, cuja circunferência é aproximadamente a de uma garganta. Enrole o desenho em torno dela e tente a experiência mais uma vez.”

Fiz como fui instruído; mas a dificuldade ficou ainda mais óbvia do que antes. “Isso”, disse eu, “não é marca de nenhuma mão humana.”

“Leia agora”, replicou Dupin, “esta passagem de Cuvier [25](#).”

Era um relato com minúcias anatômicas e descrições gerais a respeito do grande orangotango marrom-avermelhado das ilhas indonésias. A estatura gigantesca, a força e agilidade prodigiosas, a ferocidade selvagem e as propensões imitativas desses mamíferos são suficientemente bem conhecidas de todos. Compreendi plenamente e na mesma hora os horrores dos assassinatos.

“A descrição dos dedos”, disse eu ao terminar de ler, “está exatamente de acordo com o desenho. Percebo que nenhum outro animal além de um orangotango da espécie aqui mencionada poderia ter deixado marcas como as que você rabiscou. Este tufo de pelo marrom-avermelhado, também, é idêntico em caráter ao da fera de Cuvier. Mas não consigo conceber de modo algum os detalhes desse pavoroso mistério. Além do mais, foram *duas* as vozes ouvidas em alteração, e uma delas era inquestionavelmente a de um francês.”

“É verdade; e você há de lembrar-se de uma expressão atribuída quase que de forma unânime, pelos depoimentos, a essa voz — a expressão ‘*mon Dieu!*’. Isso, sob as circunstâncias, foi legitimamente caracterizado por uma das testemunhas (Montani, o confeitoiro) como uma exclamação de reprovação ou protesto. Sobre essas duas

palavras, portanto, ergui minhas principais esperanças de solucionar plenamente o enigma. Um francês tinha conhecimento do crime. É possível — na verdade, mais do que provável — que seja inocente de qualquer participação nos sangrentos acontecimentos que ali tiveram lugar. O orangotango talvez tenha lhe escapado. Pode ter acontecido de tê-lo seguido até o aposento; porém, sob as perturbadoras circunstâncias que se sucederam, talvez nunca o tenha recapturado. O animal continua à solta. Não vou prosseguir nessas conjecturas — pois não é correto considerá-las como mais do que isto —, uma vez que os contornos da análise sobre os quais estão fundamentadas não exibem profundidade suficiente para serem apreciadas por meu próprio intelecto, e também porque eu não conseguiria torná-las inteligíveis à compreensão dos outros. Vamos chamá-las, portanto, de conjecturas, e nos referiremos a elas como tal. Se o francês em questão é, de fato, como suponho, inocente dessas atrocidades, este anúncio, que deixei ontem à noite, quando voltávamos para casa, na redação do *Le Monde* (um jornal voltado a assuntos mercantis e muito procurado pelos marinheiros), o trará até nossa residência.”

Estendeu-me um papel, onde li o seguinte:

CAPTURADO

No Bois de Boulogne, no início da madrugada do dia — do corrente mês (a madrugada dos assassinatos), um enorme orangotango marrom-avermelhado da espécie de orangotango-de-Bornéu. O dono (que constatou-se ser um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa) poderá reaver o animal identificando-se de forma satisfatória e pagando algumas despesas devidas a sua captura e guarda. Comparecer ao número ..., Rue ..., Faubourg St. Germain — *au troisième* [26](#).

“Como foi possível”, perguntei, “saber que o homem é um marinheiro e que pertence a uma embarcação maltesa?”

“Na verdade, eu *não* sei”, disse Dupin. “Não tenho *certeza* disso. Aqui está, porém, um pequeno pedaço de fita que, pela forma e pelo aspecto encardido, foi evidentemente utilizada para amarrar o cabelo numa daquelas longas *tranças* que os marinheiros tanto gostam. Além do

mais, esse nó é um daqueles que poucos, além dos marinheiros, conseguem dar, e é peculiar aos malteses. Encontrei a fita ao pé da haste do para-raios. Não poderia ter pertencido a nenhuma das vítimas. Bem, e se, ao final, minha dedução, a partir dessa fita, de que o francês era um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa estiver errada, ainda assim nenhum mal causei dizendo o que disse no anúncio. Se eu estiver errado, o sujeito irá meramente supor que me deixei iludir por alguma circunstância sobre a qual não se dará o trabalho de indagar. Mas, se estiver correto, um grande objetivo terá sido conquistado. Presente, ainda que inocente, no assassinato, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio — em reclamar o orangotango. Ele então vai raciocinar: 'Sou inocente; sou pobre; meu orangotango vale muito — para alguém em minhas condições, vale uma verdadeira fortuna — por que deveria perdê-lo por conta de inúteis receios de perigo? Ei-lo aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne — a uma enorme distância da cena da carnificina. Como poderão suspeitar que uma fera bruta possa ter cometido aqueles atos? A polícia está às escuras — fracassaram em encontrar a mais ínfima das pistas. Mas, mesmo que conseguissem seguir o rastro do animal, seria impossível provar que presenciei o crime ou imputar a mim a culpa por conta desse presença. E, além do mais, já *se sabe* de minha pessoa. O anunciante se refere a mim como dono da criatura. Não tenho certeza sobre até onde vão suas informações. Se eu não reclamar uma propriedade de tão grande valor, da qual já se sabe que sou o dono, corro o risco de levantar suspeitas, ao menos sobre o animal. Não é prudente de minha parte atrair atenção para mim ou para a fera. Vou atender ao anúncio, recuperar o orangotango e mantê-lo preso até o assunto ter esfriado."

Nesse momento, ouvimos passos nas escadas.

"Fique preparado", disse Dupin, "com suas pistolas, mas não as utilize e nem as mostre até que eu dê um sinal."

A porta de entrada da casa tinha sido deixada aberta e o visitante tinha entrado, sem tocar a campainha, e já avançava pelos degraus da escada. Em dado momento, porém, pareceu hesitar. Pouco depois, nós o ouvimos descer. Dupin já se dirigia rapidamente à porta quando,

novamente, o ouvimos subir. Ele não deu meia-volta uma segunda vez, mas avançou com determinação e bateu na porta de nosso gabinete.

“Entre”, disse Dupin, com um tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era um marinheiro, evidentemente — um sujeito alto, corpulento e musculoso, com uma certa expressão de valentia no semblante, não de todo desinteressante. Tinha o rosto bastante queimado de sol, com mais da metade escondido por suíças e um volumoso *bigode*. Tinha com ele um enorme bastão de carvalho, mas parecia, de resto, desarmado. Fez uma reverência desajeitada e nos disse “boa tarde” com um sotaque francês que, embora lembrasse um pouco o sotaque de Neuchâtel, ²⁷ ainda assim era suficiente para indicar a origem parisiense.

“Sente-se, meu amigo”, disse Dupin. “Presumo que esteja aqui por causa do orangotango. Devo confessar que quase o invejo por ser o dono dele; um animal incrivelmente belo e, sem dúvida, muito valioso. Que idade presume que tenha?”

O marinheiro deu um longo suspiro, com ar de quem estava aliviado de algum fardo intolerável, e então respondeu, em tom confiante:

“Não tenho como dizer, mas não deve ter mais de quatro ou cinco anos de idade. Estão com ele aqui?”

“Ah, não. Não dispomos de espaço adequado para mantê-lo aqui. Ele está em um estábulo de aluguel na Rue Dubourg, aqui perto. Você pode buscá-lo pela manhã. É claro que está preparado para identificar sua propriedade?”

“Certamente que estou, senhor.”

“Lamentarei entregá-lo”, disse Dupin.

“Não é minha intenção que tenha tido todo esse trabalho por nada, senhor”, disse o homem. “Não poderia esperar tal coisa. Estou inteiramente disposto a pagar uma recompensa por ter encontrado o animal — quero dizer, qualquer coisa dentro do razoável.”

“Bem”, respondeu meu amigo, “isso tudo é muito justo, com certeza. Deixe-me pensar! — o que devo pedir? Ah! Já lhe digo. Minha recompensa será a seguinte: quero que me forneça todas as informações em seu poder a respeito dos assassinatos na Rua Morgue.”

Dupin disse essas últimas palavras em um tom muito baixo, e com muita tranquilidade. Com a mesma tranquilidade com que, também, andou em direção à porta, trancou-a e enfiou a chave no bolso. Depois, puxou a pistola do peitilho e a pousou, sem a mínima agitação, sobre a mesa.

O rosto do marinheiro ficou vermelho como se lutasse para não sufocar. Levantou-se de repente e agarrou seu bastão; mas, no momento seguinte, desabou de volta em sua cadeira, tremendo violentamente, e com o semblante da própria morte. Não disse uma palavra. Compadeci-me dele, do fundo do meu coração.

“Meu amigo”, disse Dupin em um tom bondoso, “você está se alarmando desnecessariamente — de fato está. Não pretendemos lhe causar mal algum. Dou minha palavra de cavalheiro, e de francês, de que não temos a menor intenção de prejudicá-lo. Sei perfeitamente bem que é inocente das atrocidades na Rua Morgue. Entretanto, de nada adianta negar que está, em certa medida, envolvido nos assassinatos. Pelo que já afirmei, você já deve ter notado que dispus de meios para me informar sobre esse caso — meios que você jamais poderia ter imaginado. Nesse contexto, a situação que se apresenta é a seguinte: o senhor não fez nada que pudesse ter sido evitado — nada, decerto, que o torne culpável. Não é sequer culpado de roubo, quando poderia ter roubado impunemente. Você não tem nada a esconder. Não tem motivo para isso. Por outro lado, está obrigado, segundo todos os princípios da honra, a confessar tudo que sabe. Um homem inocente acha-se preso neste momento, acusado de um crime cujo autor você pode apontar.”

O marinheiro ia recobrando a presença de espírito, em grande medida, conforme Dupin pronunciava essas palavras; mas sua audácia original tinha desaparecido.

“Que Deus me ajude”, disse ele, após uma breve pausa, “vou mesmo lhes contar tudo que sei acerca desse caso; mas não espero que acreditem na metade do que direi — eu seria um tolo de fato se o esperasse. Mesmo assim, sou inocente, e partirei com a alma limpa se morrer por causa disso.”

O que ele afirmou foi, substancialmente, o seguinte. Ele havia feito uma viagem recente ao Arquipélago Indiano. Um grupo, do qual fazia

parte, desembarcou em Bornéu, avançando pelo interior da ilha, numa excursão de lazer. Ele e um companheiro haviam capturado um orangotango. Com a morte desse companheiro, ficou com a posse exclusiva do animal. Após enormes dificuldades, ocasionadas pela ferocidade intratável do cativo durante a viagem de volta para casa, ele conseguiu, após um longo tempo, alojá-lo em local seguro, em sua própria residência em Paris, onde, a fim de não atrair para si a desagradável curiosidade dos vizinhos, manteve-o cuidadosamente recluso, até que o animal se recuperasse de um ferimento no pé, causado por uma lasca de madeira do navio. Sua intenção final era vendê-lo.

Certa noite, ou, melhor dizendo, na madrugada dos assassinatos, ao voltar para casa após uma farra de marinheiros, deu com a criatura ocupando seu próprio quarto, que invadira por um closet contíguo, onde estava — assim ele pensava — confinado e em segurança. Com uma navalha na mão e devidamente ensaboadado, o animal estava sentado diante do espelho, ensaiando a operação de se barbear; coisa que, sem dúvida, vira o dono realizar pelo buraco da fechadura do closet. Aterrorizado com a visão de arma tão perigosa na posse de um animal tão feroz e tão bem capacitado a usá-la, o homem, por alguns momentos, ficou perdido quanto ao que fazer. Havia se acostumado, entretanto, a acalmar a criatura, mesmo nos momentos em que se mostrava mais furiosa, com o uso de um chicote, ao qual, naquele momento, ele recorreu. Ao ver o instrumento, o orangotango disparou imediatamente pela porta do quarto, desceu as escadas e dali, por uma janela, desgraçadamente aberta, ganhou a rua.

O francês o seguiu em desespero; o macaco, com a navalha ainda na mão, parava de quando em quando, olhava para trás e gesticulava para o seu perseguidor, até este quase alcançá-lo. Depois disparava outra vez. A perseguição prosseguiu dessa forma por um bom tempo. As ruas estavam absolutamente tranquilas, pois já eram cerca de três horas da manhã. Ao passar por uma viela atrás da Rue Morgue, a atenção do fugitivo foi atraída por uma luz brilhando na janela aberta do aposento de Madame L'Espanaye, no quarto andar da casa. O orangotango correu na direção do prédio, percebeu o para-raios, trepou na haste com incrível agilidade, agarrou-se à folha da janela,

que estava aberta ao máximo, rente à parede, e, por seu intermédio, balançou-se diretamente sobre a cabeceira da cama. A proeza toda não demorou um minuto. Com o chute do orangotango ao entrar no quarto, a folha da janela voltou a se abrir.

Enquanto isso, o marinheiro estava ao mesmo tempo satisfeito e perplexo. Naquele momento, ele foi tomado por uma grande esperança de recapturar a criatura, já que dificilmente escaparia da armadilha em que se metera a não ser pelo para-raios, onde, ainda assim, poderia ser interceptado ao descer. Por outro lado, causava-lhe grande inquietação pensar no que o animal poderia fazer dentro da casa. Este último pensamento fez com que o homem retomasse o empenho na perseguição do fugitivo. Uma haste de para-raios podia ser escalada sem dificuldade, especialmente por um marinheiro; mas, quando ele chegou na altura da janela, que ficava muito longe a sua esquerda, seu avanço foi interrompido; o máximo que conseguiu foi se esticar de modo a obter alguma visão do interior do aposento. E a cena que presenciou quase o fez perder o apoio e cair, tamanho foi seu horror. Foi nesse instante que se elevaram na noite os gritos pavorosos que tiraram do sono os moradores da Rua Morgue. Madame L'Espanaye e a filha, em roupas de dormir, aparentemente estavam ocupadas na organização de alguns papéis no cofre de ferro já mencionado, que haviam puxado para o meio do quarto. O cofre estava aberto e seu conteúdo colocado ao lado, sobre o chão. As vítimas deviam estar de costas para a janela; e, pelo tempo transcorrido entre a invasão do animal e os gritos, parece provável que sua presença não tenha sido notada de imediato. A batida da janela teria naturalmente sido atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro do quarto, o gigantesco animal já havia agarrado Madame L'Espanaye pelos cabelos (que estavam solto, porque ela os tinha penteado) e brandia a navalha diante do rosto da anciã, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha jazia prostrada e imóvel; tinha desmaiado. Os gritos e a luta da velha senhora (durante os quais os cabelos lhe foram arrancados da cabeça) tiveram por efeito mudar os propósitos provavelmente pacíficos do orangotango num ataque de fúria. Com um golpe preciso do braço musculoso, quase separou a cabeça do corpo da vítima. A

visão do sangue inflamou sua ira ao ponto do frenesi. Rangendo os dentes e com os olhos flamejando, ele pulou sobre o corpo da garota e cravou as temíveis garras em sua garganta, mantendo-o apertado até sua morte. Com o olhar vago e enlouquecido, dirigiu-se nesse momento à cabeceira da cama, acima da qual conseguiu ver o rosto de seu dono, petrificado de horror. A fúria do animal, que sem dúvida trazia ainda na lembrança o temido chicote, converteu-se instantaneamente em medo. Consciente de que merecia punição, pareceu-lhe conveniente ocultar seus feitos sanguinários, então saiu pulando pelo quarto numa agonia de agitação nervosa, derrubando e quebrando a mobília conforme se movimentava, e arrastando o colchão para fora da cama. Por fim, agarrou primeiro o cadáver da filha, e enfiou-o na chaminé, tal como foi encontrado; em seguida, pegou o da velha senhora, que atirou na mesma hora pela janela, de cabeça.

Quando o macaco se aproximou da janela com o fardo mutilado, o marinheiro encolheu-se horrorizado no para-raios e, deslizando por ele, disparou imediatamente para casa — temeroso das consequências daquela carnificina; e também abandonando, de bom grado, por conta de seu terror, qualquer consideração a respeito do destino do orangotango. As palavras ouvidas pelo grupo que subia as escadas eram as exclamações de horror e medo do francês, mescladas com os grunhidos demoníacos do animal.

Tenho agora muito pouco a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do aposento pelo para-raios pouco antes do arrombamento da porta. Deve ter fechado a janela ao passar por ela. Em um momento posterior, foi capturado pelo próprio dono, que obteve pelo animal uma grande quantia no *Jardin des Plantes* [28](#). Le Bon foi solto imediatamente, assim que relatamos as circunstâncias (com algumas observações de Dupin) ao *bureau* do chefe de polícia. Esse funcionário, por mais que mostrasse boa disposição em relação ao meu amigo, foi incapaz de esconder por completo sua contrariedade com o rumo que o caso tomou, e não pôde resistir ao gracejo de um ou dois comentários sarcásticos, no sentido de como seria melhor se cada um cuidasse da própria vida.

“Deixemos que fale”, disse Dupin, que não julgou necessário responder. “Deixemos que discurse; isso aliviará sua consciência. Fico satisfeito por tê-lo derrotado em seus próprios domínios. Contudo, o fato de ter fracassado na solução desse mistério, não é, de modo algum, algo tão surpreendente quanto ele considera; pois, na verdade, nosso amigo chefe de polícia é, de certa forma, astuto demais para ser profundo. Em sua argúcia não há qualquer *stamen*. Ele é todo cabeça e nenhum corpo, como as imagens da deusa Laverna [29](#)— ou, na melhor das hipóteses, todo cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas, apesar de tudo, trata-se de um bom sujeito. Gosto dele, sobretudo, por seu golpe de mestre em dizer platitudes, mediante as quais conquistou sua reputação de engenhosidade. Refiro-me ao modo que tem de *nier ce qui est, et d’expliquer ce qui n’est pas*.” [30](#), [31](#)

*Existem séries ideais de acontecimentos
que correm paralelamente às reais. Elas
raramente coincidem. Homens e
circunstâncias geralmente modificam a
cadeia ideal de acontecimentos de modo
que ela pareça imperfeita, e suas
consequências são igualmente imperfeitas.
Assim se deu com a Reforma; em vez do
protestantismo, veio o luteranismo.*

***Moral Ansichten* , de Novalis
(nom de plume de
Von Hardenburg)**

O
MISTÉRIO
DE
MARIE
ROGET

Na ocasião da publicação original de *Marie Rogêt*, as notas de rodapé aqui apresentadas foram consideradas desnecessárias; mas o lapso de vários anos desde a tragédia na qual o relato é baseado torna expediente fornecê-las, e também algumas palavras de explicação do plano geral. Uma jovem, Mary Cecilia Rogers, foi morta nas cercanias de Nova York; e, apesar de sua morte ter causado uma agitação intensa e duradoura, permaneceu sem solução no período em que o presente artigo foi escrito e publicado (novembro de 1842). Aqui, sob o pretexto de relatar o destino de uma grisette parisiense, o autor seguiu em detalhes minuciosos, o essencial, enquanto meramente comparando os fatos não essenciais do assassinato real de Mary Rogers. Assim, todo argumento baseado na ficção é aplicável à verdade: e a investigação da verdade foi o objetivo. O *mistério de Marie Rogêt* foi composto em uma distância afastada da cena da atrocidade, e com nenhum outro meio de investigação além dos jornais disponíveis. Assim, muita coisa escapou ao autor que ele poderia ter conseguido por si mesmo se estivesse no local e visitasse as cercanias. Pode não ser inapropriado registrar, entretanto, que as confissões de duas pessoas (uma delas a Madame Deluc da narrativa), feitas em diferentes períodos, muito subsequentes à publicação, confirmaram, totalmente, não apenas a conclusão geral, mas absolutamente todos os principais detalhes hipotéticos pelos quais essa conclusão foi obtida. (N. do A.)

Há poucas pessoas, mesmo entre os pensadores mais serenos, que não tenham sido eventualmente surpreendidas por uma vaga, embora eletrizante, crença parcial no sobrenatural, graças a coincidências de um caráter aparentemente tão fascinante que, como meras coincidências, o intelecto não foi capaz de retê-las. Tais sentimentos — pois as crenças parciais de que falo jamais têm a força total do pensamento — tais sentimentos raramente são sufocados por completo a não ser pela referência à doutrina do acaso, ou, como é tecnicamente

nomeado, ao Cálculo das Probabilidades. Agora, esse Cálculo é, em sua essência, puramente matemático; e desta forma nós temos a anomalia da mais rigidamente exata ciência aplicada à sombra e à espiritualidade daquilo que há de mais intangível na especulação.

Será constatado que os detalhes extraordinários que agora sou exortado a tornar públicos formam, quanto à sequência do tempo, o principal ramo de uma série de coincidências pouco inteligíveis, cujo ramo secundário ou concludente será reconhecido por todos os leitores como o recente assassinato de Mary Cecilia Rogers, em Nova York.

Quando, em um artigo intitulado “Os assassinatos na Rua Morgue”, empenhei-me, por volta de um ano atrás, em retratar alguns aspectos muito notáveis do caráter mental de meu amigo, o Chevalier C. Auguste Dupin, não me ocorreu que algum dia eu voltaria ao assunto. Tal registro de caráter constituiu meu intuito; e esse intuito foi totalmente realizado na alucinante série de circunstâncias apresentadas para registrar a idiossincrasia de Dupin. Eu poderia ter mencionado outros exemplos, mas não teria provado nada mais. Os eventos recentes, no entanto, em seu surpreendente desenvolvimento, levaram-me a alguns outros detalhes, que carregarão consigo o ar da confissão extraída à força. Tendo ouvido o que ouvi ultimamente, seria de fato estranho se eu permanecesse em silêncio diante do que ouvi e vi tanto tempo atrás.

Com o encerramento da tragédia envolvendo as mortes de Madame L'Espanye e de sua filha, o Chevalier imediatamente afastou o episódio de sua atenção, e recaiu em seus antigos hábitos de devaneios temperamentais. Propenso em todos os momentos para a abstração, eu rapidamente ajustei-me ao seu humor; e, ainda ocupando nossas acomodações no Faubourg Saint Germain, entregamos o Futuro ao sabor dos ventos, e adormecemos

tranquilamente no Presente, tecendo sonhos com o tolo mundo à nossa volta.

Mas esses sonhos não foram sempre ininterruptos. Pode-se supor prontamente que o papel interpretado por meu amigo, no drama da Rua Morgue, não deixou de impressionar a imaginação da polícia parisiense. Entre seus agentes, o nome Dupin tornou-se uma palavra familiar. Diante do simples caráter daquelas deduções pelas quais ele desembaraçou o mistério nunca explicado sequer ao Chefe de polícia, ou para qualquer outro indivíduo que não eu mesmo, é claro que não surpreende que o caso tenha sido interpretado como pouco menos do que miraculoso, ou que as habilidades analíticas do Chevalier tenham granjeado para ele o crédito da intuição. Sua franqueza o teria levado a dissuadir quem quer que o indagasse sobre tal opinião preconcebida; mas seu ânimo indolente impedia novas agitações a respeito de um assunto cujo interesse, para ele, deixara de existir havia muito. Assim, aconteceu que ele se encontrou no centro das atenções policiais; e não foram poucos os casos em que tentou-se empregar seus serviços na chefatura. Um dos mais notáveis foi o assassinato de uma jovem chamada Marie Rogêt.

Esse evento ocorreu cerca de dois anos depois da atrocidade na Rua Morgue. Marie, cujo nome de batismo e de família vão imediatamente chamar atenção pela semelhança com aqueles da infeliz “garota dos charutos” [1](#), era a filha única da viúva Estelle Rogêt. O pai morreu durante a infância da moça, e, desde o momento de sua morte até cerca de dezoito meses antes do assassinato que constitui o tema de nossa narrativa, mãe e filha moraram juntas na Rue Pavée Saint Andrée [2](#); aí a Madame mantinha uma pensão, auxiliada por Marie. As coisas continuaram assim até que essa última completara 22 anos, quando sua grande beleza atraiu a atenção de um perfumista que ocupava uma das lojas no térreo do Palais Royal, e cuja clientela compunha-se principalmente dos desesperados aventureiros que infestavam a vizinhança. Monsieur Le Blanc [3](#) não estava desatento às potenciais vantagens que poderia ter com a bela Marie trabalhando em sua perfumaria; e suas propostas abundantes foram avidamente aceitas pela garota, ainda que com certa hesitação por parte da Madame.

As previsões do lojista se cumpriram, e seu estabelecimento logo se tornou notório graças aos encantos da jovial *grisette* ⁴. Ela trabalhava para ele havia um ano quando seus admiradores foram surpreendidos por seu repentino desaparecimento da loja. Monsieur Le Blanc não foi capaz de explicar sua ausência, e Madame Rogêt estava tomada por ansiedade e terror. Os jornais imediatamente abordaram o assunto, e a polícia estava a ponto de realizar investigações sérias quando, em uma bela manhã, depois de transcorrida uma semana, Marie, em boa saúde, mas com um ar algo entristecido, reapareceu em seu costureiro balcão na perfumaria. Todos os inquéritos, exceto um de caráter privado, foram, claro, imediatamente silenciados. Monsieur Le Blanc alegou total ignorância, como antes. Marie, acompanhada por Madame, respondeu a todas as perguntas, afirmando que a última semana fora passada na casa de um parente no campo. Assim o caso foi morrendo, e foi esquecido por todos; pois a garota, no intuito declarado de aliviar-se da impertinência da curiosidade, logo deu adeus ao perfumista, e procurou o abrigo da residência de sua mãe na Rue Pavée Saint André.

Foi cerca de cinco meses depois desse retorno que seus amigos alarmaram-se com seu súbito desaparecimento pela segunda vez. Três dias se passaram, e nenhuma notícia chegou. No quarto, seu cadáver foi encontrado flutuando no Sena ⁵, próximo à margem que se opõe ao Quartier da Rue Saint André, e em um ponto não muito distante da reclusa vizinhança da Barrière du Roule ⁶.

A atrocidade desse assassinato (pois ficou imediatamente evidente que um assassinato havia sido cometido), a juventude e a beleza da vítima e, acima de tudo, sua notoriedade prévia conspiraram para produzir intensa agitação nas mentes dos sensíveis parisienses. Não consigo me lembrar de alguma ocorrência semelhante que tenha causado um efeito tão generalizado e intenso. Por muitas semanas, em detrimento do debate desse tema tão envolvente, até graves assuntos políticos foram esquecidos. O chefe de polícia realizou esforços incomuns; e os poderes de toda a corporação parisiense foram, é claro, exigidos ao máximo.

Na ocasião da descoberta do cadáver, não se supôs que o assassino pudesse ser capaz de escapar, por mais do que um breve período, da investigação que imediatamente foi posta em ação. Somente ao final de uma semana julgou-se necessário oferecer uma recompensa; e mesmo então esse prêmio foi limitado a mil francos. Enquanto isso, a investigação prosseguiu com vigor, ainda que nem sempre com sensatez, e inúmeros indivíduos foram questionados sem propósito; ao mesmo tempo, devido à contínua ausência de qualquer pista para o mistério, a agitação popular aumentou consideravelmente. Ao final do décimo dia considerou-se recomendável dobrar a soma originalmente proposta; e, enfim, tendo transcorrido a segunda semana sem que qualquer descoberta fosse feita, e tendo a intolerância que sempre existiu em Paris contra a polícia levado a vários e graves motins, o chefe da corporação encarregou-se pessoalmente de oferecer a soma de vinte mil francos “pela denúncia do assassino”, ou, se mais de um se provasse envolvido, “pela denúncia de qualquer um dos assassinos”. Na proclamação dessa recompensa, um pleno perdão foi prometido para qualquer cúmplice que se apresentasse para fornecer evidências contra seu parceiro; e a tudo isso foi adicionado, onde quer que o anúncio aparecesse, o cartaz privado de um comitê de cidadãos oferecendo dez mil francos, além da quantia proposta pela chefatura de polícia. A recompensa total assim chegava a não menos do que trinta mil francos, que sem dúvida é uma soma extraordinária quando consideramos as humildes condições da garota e a alta frequência, nas grandes cidades, de atrocidades como a que foi descrita.

Ninguém duvidava agora de que o mistério desse assassinato seria imediatamente esclarecido. Mas apesar de, em uma ou outra circunstância, terem sido feitas detenções que prometiam uma elucidação, não fora encontrado nada que pudesse implicar as partes suspeitas; e elas foram liberadas rapidamente. Por estranho que pareça, a terceira semana após a descoberta do corpo tinha passado, e passou sem que qualquer luz fosse lançada sobre o assunto, antes mesmo que o rumor dos eventos que tanto agitaram a opinião pública chegasse aos ouvidos de Dupin e aos meus. Envolvidos em investigações que absorviam toda a nossa atenção, passara-se quase

um mês sem que nenhum de nós saísse de casa ou recebesse visitas, tendo no máximo lançado um olhar para os principais artigos políticos nos jornais. A primeira notícia do assassinato foi trazida a nós por G. em pessoa. Ele nos procurou no começo da tarde do dia 13 de julho de 18 — e permaneceu conosco até tarde da noite. Estava atormentado pelo fracasso de seus esforços em desmascarar os assassinos. Sua reputação — assim ele disse com um ar peculiarmente parisiense — estava em risco. Mesmo sua honra corria perigo. Os olhos do público estavam sobre ele; e realmente não havia sacrifício que ele não estivesse disposto a fazer pelo desenvolvimento na revelação do mistério. Concluiu seu discurso um tanto engraçado com um elogio ao que tinha a satisfação de nomear o tato de Dupin, e fez a ele uma proposta direta, e certamente pródiga, cuja natureza precisa não me sinto à vontade para revelar, mas que não tem importância para o próprio tema de minha narrativa.

O elogio, meu amigo o refutou da melhor forma que pode, mas a oferta ele aceitou de primeira, embora suas vantagens fossem, no todo, condicionais. Acertando-se essa questão, o chefe de polícia passou imediatamente a explicar seus pontos de vista, intercalando-os com longos comentários sobre as evidências, das quais ainda não tínhamos posse. Ele falou muito e, sem dúvida, com propriedade; enquanto isso, eu arriscava sugestões ocasionais à medida que a noite se estendia sonolenta. Dupin, sentado rigidamente em sua poltrona de costume, era a personificação da atenção respeitosa. Manteve os óculos durante toda a entrevista; e um relance casual por baixo das lentes verdes bastava para me convencer de que ele dormiu não menos pesadamente, porque em silêncio, durante as sete ou oito horas arrastadas que precederam a partida do chefe de polícia.

Pela manhã, procurei, na chefatura de polícia, por um relatório completo de todas as evidências coletadas e, nas redações dos vários periódicos, uma cópia de cada exemplar em que, do começo ao final, tenha sido publicada qualquer informação decisiva relativa a esse triste caso. Livre de tudo o que fora positivamente refutado, essa massa de informação apresentava o seguinte:

Marie Rogêt deixou a residência de sua mãe, na Rue Pavée St. Andrée, por volta das nove da manhã de domingo, 22 de junho de 18—.

Ao sair, ela anunciou a um certo Monsieur Jacques St. Eustache ⁷, e somente a ele, sua intenção de passar o dia com uma tia que morava na Rue des Drâmes. A Rue des Drâmes é uma via pequena e estreita, embora movimentada, não muito longe das margens do rio, e a uma distância de cerca de três quilômetros, pelo trajeto mais direto possível, da pensão de Madame Rogêt. St. Eustache era o pretendente de Marie, e hospedava-se, assim como fazia as refeições, na pensão. Ele iria buscar sua prometida ao cair do sol, de modo a acompanhá-la até em casa. À tarde, no entanto, começou a chover pesadamente; e, supondo que ela permaneceria toda a noite na casa da tia (como havia feito antes, em circunstâncias similares), ele não considerou necessário cumprir sua promessa. Conforme a noite avançou, Madame Rogêt (que era uma senhora doente de setenta anos de idade) foi ouvida expressando o receio de que “ela nunca mais veria Marie novamente”; mas essa observação atraiu pouca atenção naquele momento.

Na segunda-feira, constatou-se que a moça não estivera na Rue de Drâmes; e após o dia transcorrer sem notícias, uma busca tardia foi instituída em vários pontos da cidade e em seus arredores. No entanto, foi só no quarto dia após o momento do desaparecimento que algo satisfatório foi apurado com relação a ela. Neste dia (quarta-feira, 25 de junho), um tal Monsieur Beauvais ⁸, que, com um amigo, estivera fazendo buscas por Marie perto da Barrière du Roule, na margem do Sena que se opõe à Rue Pavée St. Andrée, foi informado de que um cadáver acabara de ser carregado para a terra firme por alguns pescadores, que o encontraram flutuando no rio. Ao ver o corpo, Beauvais, depois de certa hesitação, identificou-o com sendo o da moça da perfumaria. Seu amigo o reconheceu mais prontamente.

O rosto estava impregnado com sangue escuro, do qual um pouco saía pela boca. Não se via espuma, como acontece nos casos de mero afogamento. Não havia descoloração do tecido celular. Perto do pescoço havia hematomas e marcas de dedos. Os braços estavam dobrados sobre o peito e rígidos. A mão direita estava cerrada; a esquerda, parcialmente aberta. No pulso esquerdo havia duas escoriações circulares, aparentemente causadas por cordas, ou por uma corda dando mais de uma volta. Uma parte do punho direito

também estava muito irritada, assim como as costas em toda a sua extensão, mas, mais especificamente, nas omoplatas. Para trazer o corpo à margem, os pescadores o amarraram com uma corda; mas nenhuma das feridas fora causada por isso. A carne do pescoço estava muito inchada. Não havia cortes aparentes, ou hematomas que indicassem efeitos de golpes. Foi encontrado um pedaço de fita amarrado tão fortemente ao pescoço que parecia esconder-se da vista; estava completamente enterrado na carne, e apertado por um nó logo abaixo da orelha esquerda. Apenas isso já bastaria para causar a morte. O laudo médico afirmou com segurança o virtuoso caráter da falecida. Era fora vítima, afirmava o documento, de uma violência brutal. O cadáver estava em tais condições quando foi encontrado, que não haveria dificuldade em seu reconhecimento por amigos.

O vestido estava muito rasgado e, no mais, bagunçado. Na parte de fora da roupa, uma faixa, com cerca de trinta centímetros de largura, fora rasgada da bainha inferior até a cintura, mas não arrancada. Envolvia por três vezes a cintura e estava presa por uma espécie de nó nas costas. O tecido imediatamente abaixo da túnica era fina musselina; e dele uma faixa de cerca de quarenta centímetros de largura fora totalmente rasgada — rasgada muito uniformemente e com grande cuidado. Foi encontrada ao redor de seu pescoço, envolvendo-o frouxamente, e presa por um nó cego. Sobre essa faixa de musselina e a faixa de renda, estavam amarradas as tiras de um gorro; o chapéu ainda pendia. O nó com o qual as tiras foram apertadas não era o de uma moça, mas sim o nó escorregadio de um marinheiro.

Após o reconhecimento do corpo, ele não foi levado, como de costume, para o necrotério (essa formalidade sendo supérflua), mas foi rapidamente enterrado não muito longe do local em que fora retirado do rio. Graças aos esforços de Beauvais, o assunto foi cuidadosamente abafado, tanto quanto possível; e vários dias se passaram antes que alguma comoção pública daí resultasse. Um jornal semanal ⁹, no entanto, acabou abordando o assunto; o cadáver foi exumado, e um novo exame foi instituído; mas nada foi concluído além do que já havia sido observado. As roupas, entretanto, foram

submetidas à mãe e aos amigos da falecida, e foram seguramente identificadas como aquelas usadas pela moça ao sair de casa.

Enquanto isso, a excitação crescia a cada hora. Muitos indivíduos foram detidos e liberados. St Eustache tornou-se especialmente suspeito; e ele não foi capaz, em um primeiro momento, de fornecer um relato sensato de seu paradeiro no domingo em que Marie saiu de casa. Subsequentemente, no entanto, ele forneceu ao Monsieur G. um depoimento prestando contas satisfatórias sobre cada hora passada no dia em questão. Conforme o tempo passou e nenhuma descoberta foi feita, mil rumores contraditórios circularam, e os jornalistas ocuparam-se com sugestões. Entre elas, a que atraiu mais atenção foi a ideia de que Marie Rogêt permanecia viva — e que o corpo encontrado no Sena era de outra desafortunada. Será recomendável que eu submeta ao leitor algumas passagens que dão corpo à tal sugestão. Essas passagens são traduções literais do *L'Étoile* [10](#), um jornal conduzido com grande habilidade, no geral.

Mademoiselle Rogêt deixou a casa de sua mãe na manhã de domingo, dia 22 de junho de 18—, com o declarado propósito de visitar a tia, ou algum outro parente, na Rue des Drâmes. A partir desse momento, foi comprovado que ninguém mais a viu. Não há absolutamente qualquer traço ou notícia dela [...] Ninguém, de qualquer forma, apresentou-se até então para dizer que a tenha visto, naquele dia, depois que deixou a porta da mãe [...] Ora, ainda que não tenhamos evidência de que Marie Rogêt estivesse no plano dos vivos depois das nove horas do domingo, 22 de junho, temos provas de que, até aquela hora, continuava com vida. Ao meio-dia da quarta-feira, um corpo de uma mulher foi descoberto flutuando próximo à margem da Barrière du Roule. Isso ocorreu, ainda que se presuma que Marie Rogêt tenha sido jogada nas águas do rio até três horas depois de deixar a casa da mãe, apenas três dias a partir do momento em que ela saiu de casa — três dias, uma hora a mais, outra a menos. Mas é tolice supor que o assassinato, se um assassinato foi cometido, poderia ter sido consumado cedo o bastante para que os assassinos conseguissem lançar seu corpo no rio antes da meia-noite. Aqueles que são

culpados por crimes tão hediondos preferem a escuridão à luz [...] Assim constatamos que, se o corpo encontrado no rio era o de Marie Rogêt, só poderia ter ficado na água por dois dias e meio, ou três, no geral. A vivência mostrou que corpos afogados, ou corpos lançados na água imediatamente após a morte violenta, levam de seis a dez dias para que a decomposição se consuma e os leve até a superfície. “Mesmo em locais nos quais um canhão é disparado contra um cadáver, e ele emergir antes de pelo menos cinco ou seis dias de imersão, afundará novamente, se deixado à própria sorte. Então, questionamo-nos, o que houve nessa ocorrência para causar um desvio do curso ordinário da natureza? [...] Se o corpo tivesse sido mantido na margem em seu estado desfigurado até a noite da terça-feira, algum traço dos assassinos teria sido encontrado por ali. É um ponto duvidoso, também, se o corpo flutuaria tão rapidamente, mesmo tendo sido jogado na água dois dias depois de morto. E, além disso, é altamente improvável que quaisquer malfeitores que houvessem cometido tal assassinato, como aqui está sendo suposto, teriam jogado o corpo na água sem um peso para afundá-lo, quando tal precaução poderia facilmente ter sido tomada.

Aqui, o editor procede a argumentar que o corpo devia estar na água “não por apenas três dias, mas, pelo menos, por cinco vezes três dias”, porque estava tão decomposto que Beauvais teve grandes dificuldades para reconhecê-lo. Esse último ponto, no entanto, foi totalmente refutado. Continuo a tradução:

Quais são, então, os fatos em que M. Beauvais se apoia para afirmar que não tem dúvidas de que o corpo era o de Marie Rogêt? Ele rasgou a manga do vestido e afirma ter encontrado marcas que o satisfizeram a respeito da identidade. O público em geral supôs que essas marcas consistiam algum tipo de cicatrizes. Ele esfregou o braço e encontrou cabelos nele — algo tão indefinido, pensamos, quanto o que se pode rapidamente ser imaginado — tão pouco conclusivo quanto encontrar um braço na manga. M. Beauvais não retornou naquela noite, mas enviou uma mensagem a Madame

Rogêt, às sete horas da noite de quarta, informando-a de que uma investigação sobre sua filha ainda estava em curso. Se nós concedermos que Madame Rogêt, com sua idade e vivendo o luto, não podia ter ido até lá (o que é conceder muito), certamente teria havido alguém que consideraria importante comparecer e acompanhar a investigação, caso achasse que o corpo era o de Marie. Ninguém foi. Nada foi dito ou ouvido sobre o assunto na Rue Pavée St. Andrée, nada mesmo que sequer chegasse aos ocupantes do mesmo edifício. M. St. Eustache, o noivo e pretendido esposo de Marie, que era inquilino na pensão de sua mãe, afirma que só ouviu sobre a descoberta do corpo de sua noiva na manhã seguinte, quando M. Beauvais veio até seu quarto e lhe comunicou a respeito. Por se tratar de notícia como essa, parece-nos que foi recebida muito friamente.

Dessa forma, o jornal empenhou-se em criar a impressão de apatia por parte dos parentes de Marie, inconsistente com a suposição de que essas pessoas acreditavam que o cadáver fosse o dela. As insinuações chegavam ao seguinte: Marie, com a conivência de seus amigos, ausentara-se da cidade por razões envolvendo uma acusação contra a sua castidade; e esses amigos, com a descoberta de um cadáver no Sena que de alguma forma parecia com a garota, aproveitaram a oportunidade para impressionar o público com a crença em sua morte. Mas o *L'Étoile* apressou-se demais outra vez. Foi distintamente provado que nenhuma apatia, como a que fora imaginada, existiu; que a velha senhora estava excessivamente febril, e tão agitada que fora incapaz de cumprir qualquer dever; que St. Eustache, em vez de receber a notícia friamente, estava enlouquecido pelo pesar, e portava-se de modo tão frenético que M. Beauvais convenceu um amigo e parente a se encarregar dele, e a impedir seu comparecimento ao exame após a exumação. Além disso, embora tenha sido afirmado pelo *L'Étoile* que o corpo voltou a ser sepultado às expensas públicas — que a vantajosa oferta de uma sepultura particular foi totalmente recusada pela família — e que nenhum parente compareceu à cerimônia: — embora, conforme digo, tudo isso tenha sido afirmado pelo *L'Étoile* em auxílio da impressão que o jornal pretendia causar —

ainda assim, tudo isso foi satisfatoriamente refutado. Em um número subsequente do periódico, houve uma tentativa de lançar suspeitas sobre o próprio Beauvais. Diz o editor:

Agora, então, uma mudança acontece. Fomos informados que em uma ocasião, enquanto uma certa Madame B. estava na casa de Madame Rogêt, M. Beauvais, que estava de saída, disse a ela que um policial era aguardado lá, e que ela, Madame B., não devia dizer nada ao soldado até seu retorno, mas que deixasse o assunto com ele [...] No presente estado de coisas, M. Beauvais parece ter toda a questão confinada em sua cabeça. Um simples passo não pode ser dado sem M. Beauvais; pois, vá onde você quiser ir, haverá de correr contra ele [...] Por alguma razão, ele determinou que ninguém além dele mesmo deveria se envolver com os procedimentos, e afastou do caminho os homens da família, conforme o que afirmaram, de forma muito singular. Ele parece excessivamente avesso a permitir que os parentes vejam o corpo.

Pelo fato que segue, alguma cor foi dada à suspeita assim lançada sobre Beauvais. Um visitante em seu escritório, alguns dias antes do desaparecimento da moça, e durante a ausência de seu ocupante, observou uma rosa no buraco da fechadura, e o nome “Marie” escrito em uma lousa pendurada ali perto.

A impressão geral, até o ponto que nos permitiu observá-la a partir dos jornais, parecia ser a de que Marie fora vítima de uma gangue de delinquentes — que por eles ela fora carregada ao longo do rio, maltratada e assassinada. O *Le Commercial* [11](#), entretanto, um jornal de extensa influência, foi diligente no combate a essa ideia da população. Cito uma passagem ou duas de suas colunas:

Estamos convencidos de que a investigação até agora vem se ocupando de um rastro falso, à medida que tem sido direcionada à Barrière du Roule. É impossível que uma pessoa tão bem conhecida de milhares como era essa moça tenha passado por três quarteirões sem que ninguém a tenha visto; e qualquer um que a visse teria se lembrado, uma vez que ela interessava a todos os que

a conheciam. As ruas estavam cheias de pessoas quando ela saiu [...] É impossível que ela consiga ter ido até a Barrière du Roule, ou até a Rue des Drâmes, sem ser reconhecida por uma dúzia de pessoas; ainda assim, ninguém que a tenha visto fora da porta da mãe se apresentou, e não há evidências, exceto o testemunho relativo às intenções expressas da moça, de que ela saiu de fato. Seu vestido estava rasgado, amassado em torno de seu corpo e amarrado; e, considerando isso, ela foi carregada como uma trouxa. Se o assassinato tivesse sido cometido na Barrière du Roule, não haveria necessidade para tal arranjo. O fato de que o corpo foi encontrado flutuando perto da Barrière não é prova do local de onde ele foi arremessado na água [...] Um pedaço de uma das anáguas da infeliz garota, de cerca de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi rasgado e amarrado sob seu queixo ao redor da nuca, provavelmente para evitar gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso.

Um dia ou dois antes de o chefe de polícia nos chamar, entretanto, chegaram à polícia algumas informações importantes que derrubaram, enfim, a parte principal do argumento do *Le Commercial*. Dois meninos, filhos de uma certa Madame Deluc, enquanto perambulavam pelos bosques próximos à Barrière du Roule, invadiram por acaso um matagal denso, dentro do qual havia três ou quatro pedras grandes, formando uma espécie de assento, com um encosto e um apoio para os pés. Na pedra de cima havia uma anágua branca; na segunda, uma echarpe de seda. Uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso também foram lá encontrados. No lenço de bolso havia o nome “Marie Rogêt”. Fragmentos de vestido foram descobertos nos arbustos ao redor. A terra estava pisoteada, os galhos estavam quebrados e havia sinais de luta. Entre o matagal e o rio, averiguou-se que as cercas haviam sido retiradas, e o piso trazia evidências de que algum fardo pesado fora arrastado.

Um jornal semanal, *Le Soleil* [12](#), teceu os seguintes comentários diante dessa descoberta — comentários que simplesmente ecoavam o sentimento de toda a imprensa parisiense:

Os objetos estavam todos evidentemente no local por, ao menos, três ou quatro semanas; estavam todos muito embolorados devido à ação da chuva, e colados com o bolor. A relva havia crescido em volta e sobre alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas suas tramas haviam se grudado por dentro. A parte de cima, que fora fechada e dobrada, estava embolorada e podre, e rasgou ao ser aberta [...] Os pedaços de seu vestido rasgados pelos arbustos tinham cerca de oito centímetros de largura por oito de comprimento. Uma parte era a bainha do vestido, e fora remendada; o outro pedaço era parte da saia, não a bainha. Pareciam tiras arrancadas e estavam no arbusto de espinhos, a cerca de trinta centímetros do chão [...] Não pode haver dúvida, assim, de que o local desse ultraje apavorante fora descoberto.

Como consequência dessa revelação, novas evidências apareceram. Madame Deluc afirmou que ela mantém uma hospedaria não muito distante da margem do rio, oposta à Barrière du Roule. A vizinhança é isolada — particularmente isolada. É o refúgio usual de domingo para os canalhas da cidade, que atravessam o rio em barcos. Por volta de três da tarde do domingo em questão, uma jovem chegou à hospedaria, acompanhada por um rapaz de compleição escura. Os dois permaneceram lá por algum tempo. Ao partirem, tomaram o caminho para um bosque espesso dos arredores. A atenção de Madame Deluc foi atraída pelo vestido usado pela moça, graças à semelhança com aquele usado por uma parente sua, já falecida. Uma echarpe foi particularmente notada. Logo depois da saída do casal, uma gangue de vilões chegou, comportaram-se ruidosamente, comeram e beberam sem pagar, seguiram a trilha do rapaz e da garota, retornaram à hospedaria por volta do entardecer e tornaram a cruzar o rio, demonstrando grande pressa.

Foi pouco depois de escurecer, nessa mesma tarde, que Madame D., assim como seu filho mais velho, escutou os gritos de uma mulher na vizinhança da hospedaria. Os gritos foram violentos, mas breves. Madame D. reconheceu não somente a echarpe que foi encontrada no matagal, mas também o vestido que foi descoberto no cadáver. Um cocheiro de ônibus, Valence [13](#), agora também testemunhava que ele

viu Marie Rogêt atravessar o Sena em uma balsa, no domingo em questão, acompanhada por um rapaz de compleição escura. Ele, Valence, conhecia Marie, e não poderia ter se enganado a respeito da identidade dela. Os objetos encontrados no matagal foram definitivamente identificados pelos parentes de Marie.

As evidências e as informações assim colhidas por mim nos jornais, por sugestão de Dupin, abrangeram somente mais um ponto — mas esse era um ponto de aparentemente vastas consequências. Parece que, imediatamente depois da descoberta das roupas como foi descrito acima, o corpo sem vida, ou quase sem vida, de St. Eustache, o prometido de Marie, foi encontrado na vizinhança da agora suposta cena da barbárie. Um pequeno frasco de vidro rotulado “láudano”, e vazio, foi encontrado próximo a ele. Seu hálito evidenciava o veneno. Com ele foi encontrado uma carta, brevemente declarando seu amor por Marie e o intento de se autodestruir.

“Mal preciso lhe dizer”, falou Dupin, após concluir a leitura de minhas notas, “que este é um caso muito mais intricado do que aquele da Rue Morgue; do qual se difere em um aspecto importante. Este é o caso de um crime ordinário, ainda que atroz. Não há nele nada de particularmente excessivo. Você há de observar que, por essa razão, o mistério tem sido considerado fácil, quando, por essa mesma razão, deveria ter sido considerado de difícil solução. Dessa forma, no início, julgou-se desnecessário oferecer uma recompensa. Os lacaios de G. foram imediatamente capazes de compreender como e porque tal atrocidade poderia ter sido cometida. Eles conseguiam conceber em suas imaginações um modo — muitos modos — e um motivo — muitos motivos; e porque não era impossível que algum desses inúmeros modos e motivos pudesse ter sido o verdadeiro, eles concluíram que um deles devia ser. Mas o acaso com que foram consideradas essas especulações, e a própria plausibilidade que cada uma assumiu, deveria ter sido compreendido como mais indicativo das dificuldades do que das facilidades que conduzem à elucidação. Observei anteriormente que é graças a proeminências acima do plano do comum que a razão encontra seu caminho, se o encontra, em sua busca pela verdade, e de que a pergunta correta em casos como esse não é tanto “o que ocorreu?”, mas “o que ocorreu que nunca havia

ocorrido antes?” Na investigação ocorrida na casa de Madame L’Espanye ¹⁴, os agentes de G. foram desencorajados e confundidos por aquela mesma estranheza que, para um intelecto decentemente regulado, teria conduzido ao mais seguro presságio de sucesso; ao passo que esse mesmo intelecto poderia ter mergulhado no desespero diante do caráter ordinário de tudo o que se observava no caso da moça da perfumaria, e ainda assim nada além de triunfo fácil comunicava aos funcionários da chefatura de polícia.

“No caso de Madame L’Espanye e de sua filha não houve, mesmo no início de nossa investigação, nenhuma dúvida de que um assassinato fora cometido. A ideia de suicídio foi excluída de imediato. Aqui, também, estamos livres, desde o começo, de qualquer suposição sobre autodestruição. O corpo encontrado na Barrière du Roule estava em tais circunstâncias que não houve espaço algum para dificuldades a respeito desse importante ponto. Mas foi sugerido que o cadáver descoberto não é o de Marie Rogêt, pela denúncia de cujo assassino, ou assassinos, pela recompensa oferecida, e a respeito de quem, somente, nosso acordo com o chefe de polícia foi arranjado. Ambos conhecemos bem esse senhor. É recomendável não confiar muito nele. Se, datando nossos inquéritos a partir da descoberta do corpo, e daí rastreando um assassino, nós ainda descobrirmos que o cadáver é de outra pessoa que não Marie; ou, se iniciando nossos inquéritos com Marie ainda viva, nós a encontrarmos, e contudo descobrirmos que não foi assassinada — em ambos os casos nosso trabalho terá se perdido; já que é com o Monsieur G— que temos que lidar. Para o nosso próprio objetivo, então, se não para o objetivo da justiça, é indispensável que nosso primeiro passo seja a determinação da identidade do cadáver como sendo a de Marie Rogêt, que está desaparecida.

“Para o público, os argumentos do *L’Étoile* têm sido de peso; e que o próprio jornal está convencido da importância deles torna-se evidente pela forma como inicia um de seus ensaios sobre o assunto — “Vários dos jornais matutinos de hoje”, afirma, “falam do artigo *conclusivo* do *Étoile* de segunda.” Para mim, esse artigo parece conclusivo sobre pouca coisa além do zelo de seu autor. Devemos ter em mente que, no geral, o objetivo de nossos jornais é antes causar

uma sensação — defender um ponto — do que aprofundar a busca pela verdade. Esse último fim só é perseguido quando parece coincidente com o primeiro. A imprensa que meramente se adapta à opinião comum (não importando quão bem fundamentada essa opinião possa ser) não merece para si o crédito do povaréu. As massas veem como profundo somente aquele que sugere *contradições pungentes* da ideia geral. Na prática do raciocínio, não menos do que na literatura, é o epigrama que é mais imediata e universalmente aceito. Em ambas, é da mais baixa ordem de mérito.

“O que quero dizer é que é a mistura entre epigrama e melodrama da ideia de que Marie Rogêt ainda vive, mais do que qualquer verdadeira plausibilidade dessa ideia, que a sugeriu ao *L'Etoile* e que garantiu uma recepção favorável pelo público. Vamos examinar os pontos principais do argumento desse jornal; empenhando-nos em evitar a incoerência com que é, desde a origem, apresentado.

“O primeiro objetivo do jornalista é mostrar, a partir da brevidade do intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do cadáver flutuante, que esse cadáver não pode ser o de Marie. A redução desse intervalo à menor dimensão possível torna-se, assim, de imediato, um objetivo para o autor do texto. Na precipitada busca por esse objetivo, ele incorre na mera suposição desde o começo. ‘É uma insensatez supor’, diz ele, ‘que o assassinato, se assassinato fora cometido contra o corpo dela, pudesse ter se consumado rápido o bastante a ponto de permitir que seus assassinos jogassem o corpo no rio antes da meia-noite’. Perguntamos de pronto, e muito naturalmente: por quê? Por que é uma insensatez supor que o assassinato foi cometido *cinco minutos* depois de a garota ter deixado a casa de sua mãe? Por que é uma insensatez supor que o assassinato foi cometido em um dado momento do dia? Assassinatos acontecem a qualquer hora. Mas, tendo o crime acontecido em algum momento entre as nove da manhã de domingo e as quinze para a meia-noite, ainda haveria tempo o bastante ‘para que seus assassinos jogassem o corpo no rio antes da meia-noite’. Essa suposição, então, resume-se precisamente a isso — que o assassinato não foi cometido de forma alguma no domingo — e, se permitirmos que o *L'Etoile* assumira isso, podemos permitir qualquer liberdade ao jornal. O parágrafo que se

inicia com 'É uma insensatez supor que o assassinato etc.', embora apareça assim impresso no *L'Etoile*, pode ser imaginado como existindo da seguinte forma na cabeça de seu autor — 'É uma insensatez supor que o assassinato, se assassinato fora cometido contra o corpo dela, pudesse ter se consumado rápido o bastante a ponto de permitir que seus assassinos jogassem o corpo no rio antes da meia-noite; é uma insensatez, repetimos, supor tudo isso, e supor, ao mesmo tempo (como estamos decididos a fazer), que o corpo só foi jogado depois da meia-noite' — uma frase suficientemente inconsequente por si só, mas não tão completamente absurda quando a que foi impressa.

"Se fosse meu objetivo", continuou Dupin, "meramente *implicar* contra a passagem do argumento do *L'Etoile*, eu poderia tranquilamente parar por aqui. Não é, entretanto, com o *L'Etoile* que temos que lidar, mas com a verdade. A frase em questão, da forma como está, não tem senão um significado; e esse significado já estabeleci razoavelmente: mas é imperativo irmos além das meras palavras, à procura de uma ideia que essas palavras obviamente pretendiam expressar e falharam. Foi intenção do jornalista afirmar que, não importando período do dia ou da noite de domingo que aconteceu esse assassinato, era improvável que os assassinos tivessem se aventurado a carregar o corpo até o rio antes da meia-noite. E aqui reside, realmente, a suposição da qual me queixo. Assume-se que o assassinato foi cometido em tal localidade, e sob tais circunstâncias, que a condução do corpo até o rio se tornou necessária. Ora, o crime pode ter ocorrido nas margens do rio, ou no rio propriamente dito; e, assim, jogar o cadáver na água pode ter sido, em qualquer período do dia ou da noite, a forma mais óbvia e imediata de se livrar dele. Você vai compreender que não estou sugerindo, aqui, nada como sendo provável, ou coincidente com minha própria opinião. Meu intuito, até então, não se refere aos fatos do caso. Desejo meramente precavê-lo contra todo o tom da sugestão do *L'Etoile* ao chamar sua atenção para o caráter *ex parte* ¹⁵ do jornal.

"Tendo traçado assim um limite para receber suas próprias noções preconcebidas; tendo assumido que, se aquele era o corpo de Marie,

não poderia estar na água senão por um breve período; o jornal prossegue afirmando:

A vivência mostrou que no caso de corpos afogados, ou corpos lançados na água imediatamente após a morte violenta, leva-se de seis a dez dias para que a decomposição se consuma, e os leve até a superfície. Mesmo em locais nos quais um canhão é disparado contra um cadáver, e ele emerge antes de pelo menos cinco ou seis dias debaixo d'água, o corpo afundará novamente, se deixado à própria sorte.

“Essas afirmações foram tacitamente recebidas por cada jornal de Paris, com a exceção do *Le Moniteur* ¹⁶. Esse último periódico empenha-se em combater somente aquela parte do parágrafo que faz referência a ‘corpos afogados’, citando algumas cinco ou seis circunstâncias em que corpos de indivíduos notadamente afogados foram encontrados boiando depois de transcorrido um período menor do que aquele enfatizado pelo *L'Etoile*. Mas há algo excessivamente antifilosófico na tentativa do *Le Moniteur* de refutar a afirmação geral do *L'Etoile* por meio da citação de casos particulares que militem contra tal afirmação. Tivesse sido possível apontar cinquenta em vez de cinco exemplos de corpos flutuando ao final de dois ou três dias, esses cinquenta exemplos ainda poderiam ter sido considerados somente exceções à regra do *L'Etoile*, até que chegasse o tempo em que essa própria regra devesse ser refutada. Admitindo-se a regra (e isso o *Le Moniteur* não nega, insistindo meramente sobre suas exceções), o argumento do *L'Etoile* pode manter-se com plena força; pois esse argumento não pretende envolver nada além de uma questão da probabilidade de o corpo ter subido à superfície em menos de três dias; e essa probabilidade vai favorecer a posição do *L'Etoile* até que as circunstâncias apontadas de forma tão infantil sejam um número suficiente para estabelecer uma regra antagônica.

“Você vai ver de imediato que todo argumento relativo a esse ponto deve ser dirigido, se assim o for, contra a própria regra; e para esse fim nós devemos examinar a racionalidade da regra. Ora, o corpo humano, no geral, não é mais leve nem mais pesado do que a água do

Sena; ou seja, a gravidade específica do corpo humano, em sua condição natural, é mais ou menos igual ao volume de água fluvial que desloca. Os corpos de pessoas gordas e adiposas, com ossos pequenos, e de mulheres no geral, são mais leves do que aqueles de pessoas magras e com ossos grandes, e do que os dos homens; e a gravidade específica da água de um rio de certa forma é influenciada pela presença da maré vinda do mar. Mas, deixando essa maré fora da questão, pode ser afirmado que pouquíssimos corpos humanos vão afundar, mesmo na água doce, por conta própria. Praticamente qualquer pessoa, ao cair no rio, será capaz de boiar, se suportar que a gravidade da água seja suficientemente aduzida em comparação à sua própria — ou seja, se suportar que todo o seu corpo fique submerso, com a mínima exceção possível. A posição mais adequada para alguém que não sabe nadar é a posição ereta de quem caminha na terra, com a cabeça totalmente jogada para trás, e imersa; a boca e as narinas somente mantendo-se acima da superfície. Nessas circunstâncias, constataremos que flutuamos sem dificuldade e sem esforços. É evidente, no entanto, que as gravidades do corpo e do volume de água deslocada são muito bem balanceadas, e que a menor coisa pode fazer com que alguma prevaleça. Um braço, por exemplo, erguido acima da água, e assim privado de seu apoio, é um peso adicional suficiente para imergir toda a cabeça, enquanto o auxílio accidental do menor pedaço de madeira vai nos permitir que elevemos nossa cabeça de modo a olhar em volta. Ora, durante os esforços de alguém desacostumado a nadar, os braços são invariavelmente projetados para cima, enquanto é realizada uma tentativa de manter a cabeça em sua posição perpendicular de costume. O resultado é a imersão da boca e das narinas, e a inserção, durante os esforços de se respirar enquanto se está sob a superfície, de água nos pulmões. Grande parte também é recebida pelo estômago, e o corpo inteiro torna-se mais pesado pela diferença entre o peso do ar originalmente distendendo essas cavidades e o do fluído que agora as preenche. Essa diferença é suficiente para fazer com que o corpo afunde, como regra geral; mas é insuficiente nos casos de indivíduos com pequenos ossos e uma quantidade anormal de matéria flácida ou gorda. Esses indivíduos flutuam mesmo depois de afogados.

“O cadáver, estando supostamente no fundo do rio, vai ficar lá até que, de alguma forma, sua gravidade específica se torne novamente menor do que a do volume de água que desloca. Esse efeito é causado pela decomposição, ou por outra forma. O resultado da decomposição é a liberação de gás, distendendo o tecido celular e todas as cavidades, e causando o aspecto inchado que é tão horrível. Quando essa distensão progrediu a ponto de o volume do cadáver ser materialmente aumentado sem que haja um acréscimo correspondente de massa ou peso, sua gravidade específica se torna menor do que aquela da água deslocada, e assim o corpo reaparece na superfície. Mas a decomposição é modificada por inúmeras circunstâncias — é acelerada ou retardada por inúmeros agentes; por exemplo, pelo calor ou frio da estação, pela impregnação mineral ou pureza da água, por sua grande ou pouca profundidade, por ser corrente ou estagnada, pela temperatura do corpo, por suas infecções ou pela ausência de doença antes da morte. Dessa forma, é evidente que não podemos apontar um período, com nada que diga respeito à exatidão, em que o cadáver deverá erguer-se pela decomposição. Sob certas condições esse resultado poderia ocorrer em uma hora; em outras, poderia simplesmente não acontecer. Há infusões químicas por meio das quais a compleição animal pode ficar preservada para sempre da corrupção; o dicloreto de mercúrio é uma delas. Mas, além da decomposição, pode haver, e muito usualmente há, uma geração de gases dentro do estômago, resultado da fermentação acetosa de matéria vegetal (ou dentro de outras cavidades por outras causas), suficiente para induzir uma distensão que vai trazer o corpo à superfície. O efeito produzido pelo disparo de um canhão é o de simples vibração. Isso também pode soltar o corpo da lama macia ou do lodo em que está enfiado, assim permitindo que ele se erga quando outros agentes o prepararam para fazê-lo; ou isso pode superar a tenacidade de algumas partes putrescentes do tecido celular; permitindo que as cavidades dilatam sob a influência do gás.

“Tendo assim diante de nós toda a filosofia do assunto, podemos facilmente testar por meio dela as afirmações do *L'Etoile*. ‘A vivência mostra’, afirma o jornal, ‘que corpos afogados, ou corpos lançados na água imediatamente após a morte violenta, levam de seis a dez dias

para que a decomposição se consuma e os leve até a superfície. Mesmo quando um canhão é disparado contra um cadáver, e ele emerge antes de pelo menos cinco ou seis dias de imersão, afundará novamente, se deixado à própria sorte.”

“Todo esse parágrafo deve agora parecer um emaranhado de inconsequência e incoerência. Toda vivência não mostra que ‘corpos afogados’ requerem de seis a dez dias para que ocorra uma decomposição suficiente de modo a trazê-los para a superfície. Ambas a ciência e a experiência mostram que o período dessa subida é, e necessariamente deve ser, indeterminado. Caso, além disso, um corpo tenha subido à superfície por meio do disparo de um canhão, não ‘afundará novamente se deixado à própria sorte’ até que a decomposição tenha progredido a ponto de permitir o escape dos gases gerados. Mas desejo chamar sua atenção para a distinção que é feita entre ‘corpos afogados’ e ‘corpos lançados na água imediatamente após a morte violenta’. Apesar de o autor admitir a distinção, ele ainda assim inclui todos na mesma categoria. Demonstrei de que forma o corpo de um homem que está se afogando torna-se especificamente mais pesado do que o volume de água, e que ele de modo algum afundaria, a não ser devido aos esforços com os quais ele eleva seus braços acima da superfície, e à luta por fôlego enquanto está abaixo da superfície — luta que introduz água no local do ar original nos pulmões. Mas esses esforços e essa luta não ocorreriam no corpo ‘lançado na água imediatamente após a morte violenta’. Assim, nesse último caso, o corpo, como regra geral, de modo algum afundaria — um fato que o *L'Etoile* evidentemente ignora. Quando a decomposição prosseguiu para um estado muito avançado — quando a carne, em grande medida, desprende-se dos ossos —, então, de fato, mas não antes, perderemos o cadáver de vista.

“E agora, o que devemos fazer com o argumento de que o corpo encontrado podia não ser o de Marie Rogêt, porque, transcorridos somente três dias, esse corpo foi descoberto boiando? Se afogada, sendo mulher, ela poderia nunca ter afundado; ou, tendo afundado, poderia ter reaparecido em vinte e quatro horas, ou menos. Mas ninguém supõe que ela tenha se afogado; e, morrendo antes de ser

lançada no rio, ela poderia ter sido encontrada flutuando em qualquer outro período que se seguiu.

“Mas”, afirma o *L'Etoile*, ‘se o corpo tivesse sido mantido na margem em seu estado desfigurado até a noite da terça-feira, algum traço dos assassinos teria sido encontrado por ali’. Aqui, em um primeiro momento, é difícil perceber a intenção do jornal. Ele pretende antecipar o que imagina ser uma possível objeção a sua teoria — a saber: que o corpo foi mantido na margem por dois dias, sofrendo rápida decomposição — mais rápida do que se estivesse imerso na água. O jornal supõe que, tivesse esse sido o caso, o corpo poderia ter aparecido na superfície na quarta-feira, e acredita que somente sob essas circunstâncias poderia ter vindo à tona. Portanto, o jornal apressa-se em mostrar que o corpo não foi mantido na margem; pois, se assim fosse, ‘algum traço dos assassinos teria sido encontrado na margem’. Presumo que você vá rir do *sequitur* [17](#). Não há meios pelos quais é possível fazê-lo ver como a mera duração do cadáver na margem poderia atuar para multiplicar traços dos assassinos. Tampouco eu consigo ver.

“E, além disso, é altamente improvável”, continua o nosso jornal, ‘que quaisquer malfeitores que houvessem cometido tal assassinato, como aqui está sendo suposto, teriam jogado o corpo na água sem um peso para afundá-lo, quando tal precaução poderia facilmente ter sido tomada’. Observe, aqui, a risível confusão de pensamento! Ninguém — nem mesmo o *L'Etoile* — discute o assassinato cometido *contra o corpo encontrado*. As marcas da violência são óbvias demais. É o objetivo de nosso jornalista simplesmente mostrar que aquele corpo não é o de Marie. Ele deseja provar que Marie não foi assassinada — não que o corpo não foi. No entanto, sua observação prova somente esse último ponto. Eis ali um cadáver sem um peso amarrado a ele. Os assassinos, ao lançá-lo no rio, não teriam deixado de prendê-lo a um peso. Assim sendo, o corpo não foi arremessado por assassinos. Isso é tudo que foi provado, se algo o foi. A questão da identidade não é sequer abordada, e o *L'Etoile* emprega dolorosos esforços em meramente contradizer agora o que admitira apenas um momento antes. ‘Estamos perfeitamente convencidos’, afirma o jornal, ‘de que o corpo encontrado era o de uma mulher assassinada’.

“Nem é esse o único caso, mesmo nessa divisão de seu tema, em que o nosso argumentador involuntariamente questiona a si mesmo. Seu objetivo evidente, eu já disse, é reduzir, ao máximo possível, o intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do corpo. Mesmo assim, nós o encontramos insistindo no ponto de que ninguém viu a moça desde o momento em que ela saiu da casa da mãe. ‘Não temos evidência’, diz ele, ‘de que Marie Rogêt estivesse no plano dos vivos depois das nove horas do domingo, 22 de junho’. Como seu argumento é obviamente *ex parte*, ele deveria, ao menos, ter deixado esse assunto de fora; pois se houvesse alguém que tivesse visto Marie, digamos na segunda, ou na terça-feira, o intervalo em questão teria sido muito reduzido, e, de acordo com seu próprio raciocínio, muito diminuída a probabilidade de o corpo ser o da *grisette*. É, contudo, divertido observar que o *L'Etoile* insiste nesse ponto na crença absoluta de que favorece seu argumento geral.

“Reexamine agora aquela parte desse argumento que faz referência à identificação do corpo por Beauvais. Em relação aos pelos no braço, o *L'Etoile* foi obviamente insincero. M. Beauvais, não sendo um idiota, jamais teria salientado, na identificação do cadáver, simplesmente pelos no braço. Não há braços sem pelos. A generalidade da expressão do *L'Etoile* é uma mera perversão da fraseologia da testemunha. Ele deve ter falado de alguma peculiaridade nesses pelos. Devia ser uma peculiaridade de cor, quantidade, comprimento ou condição.

“‘Seu pé’, afirma o jornal, ‘era pequeno — assim como milhares de pés. Sua liga também não constitui qualquer prova — tampouco seu sapato — porque sapatos e ligas são vendidos em embalagens. O mesmo pode ser dito das flores em seu chapéu. Um ponto em que M. Beauvais insiste vigorosamente é que a presilha da liga encontrada fora puxada para trás para ser mantida no lugar. Isso não leva a nada; pois a maioria das mulheres considera apropriado levar um par de ligas para casa e adaptá-las ao tamanho das pernas que irão circundar, em vez de experimentá-las na loja em que as adquiriram’. Aqui é difícil supor que o jornalista esteja falando sério. Tivesse M. Beauvais, em sua procura por Marie, descoberto um cadáver correspondendo em tamanho geral e aparência à moça desaparecida, ele teria se assegurado (sem referência alguma à questão de

vestimentas) de formar uma opinião de que sua investigação fora bem sucedida. Se, em adição à questão do tamanho geral e do contorno, ele houvesse encontrado no braço os pelos de aparência peculiar que observara na Marie ainda viva, sua opinião poderia ter justamente se fortalecido; e o aumento da certeza poderia tranquilamente acontecer na proporção da peculiaridade, ou estranheza, da marca peluda. Se, os pés de Marie sendo pequenos, aqueles do cadáver também fossem pequenos, o aumento de probabilidade de que o corpo era o de Marie não seria meramente aritmético, mas altamente geométrico, ou acumulativo. Acrescente a tudo isso sapatos como os que ela reconhecidamente usava no dia de seu desaparecimento, e, apesar de esses sapatos poderem ser ‘vendidos em embalagens’, você aumenta a probabilidade no sentido de beirar a certeza. O que, em si próprio, não seria qualquer evidência de identidade, torna-se, por meio dessa posição corroborativa, a prova mais certa. Aceitemos, então, as flores no chapéu como correspondendo àquelas usadas pela moça desaparecida, e não procuraremos por nada mais. Se for apenas uma flor, não procuraremos por nada mais — e se então forem duas ou três, ou mais? Cada flor sucessiva é uma múltipla evidência — não prova *adicionada* a prova, mas multiplicada por centenas e milhares. Descobrimos agora, na falecida, ligas como as que a viva usava, será quase sandice prosseguir. Mas verificou-se que essas ligas estavam apertadas, pelo ajuste de presilhas, da mesma forma como as da própria Marie foram por ela ajustadas pouco antes de sair de casa. É, agora, loucura ou hipocrisia duvidar disso. O que o *L'Etoile* afirma em relação a esse aperto da liga ser uma ocorrência comum não mostra nada além de sua própria pertinácia no erro. A natureza elástica da liga de presilha é autodemonstrativa da raridade desse aperto. O que é feito para se ajustar sozinho só deve muito raramente exigir ajuste alheio. Deve ter sido por algum acidente, em seu sentido mais estrito, que essas ligas de Marie precisaram do aperto descrito. Elas apenas teriam estabelecido amplamente sua identidade. Mas não foi o fato de que descobriu-se que o cadáver tinha as ligas da garota desaparecida, ou seus sapatos, ou seu chapéu, ou as flores de seu gorro, ou seus pés, ou uma marca peculiar no braço, ou seu tamanho geral e aparência —

é o fato de o cadáver ter cada uma dessas coisas, e *todas coletivamente* . Se pudesse ser provado que o editor do jornal *mantivesse* uma dúvida, sob essas circunstâncias, não haveria necessidade, nesse caso, de uma comissão de *lunatico inquirendo* [18](#). Ele julgou sagaz repercutir a conversa à boca pequena dos advogados, que, na maioria, contentam-se com repercutir os preceitos quadrados das cortes. Eu aqui observaria que muito do que é rejeitado como evidência por um tribunal é a melhor das evidências para o intelecto. Porque o tribunal, orientando-se pelos princípios gerais da evidência — os princípios reconhecidos e *registrados nos livros* —, é avesso a desviar-se em casos particulares. E essa inabalável aderência ao princípio, com rigoroso desprezo pela exceção conflitante, é um modo certo de atingir o máximo de verdade atingível, em qualquer longa sequência de tempo. A prática, em massa, é então filosófica; mas não é menos certo que ela engendra vasto erro individual.

“Com respeito às insinuações direcionadas a Beauvais, você vai querer descartá-las com um sopro. Você já sondou o verdadeiro caráter desse bom cavalheiro. Ele é um intrometido, com muito de romance e pouco de sagacidade na cabeça. Qualquer um assim constituído vai prontamente se conduzir, por ocasião de uma excitação real, a tornar-se alguém suscetível à suspeita por parte dos muito agudos, ou dos mal-intencionados. M. Beauvais (conforme aparece em suas notas) teve algumas entrevistas pessoais com o editor do *L'Etoile* , e ofendeu-o por conjecturar a opinião de que o cadáver, não obstante a teoria do editor, era, com absoluta certeza, o de Marie. ‘Ele persiste’, afirma o jornal, ‘em afirmar que o corpo é o de Marie, mas não é capaz de dar alguma particularidade, para além daquelas que comentamos, para fazer outros acreditarem’. Ora, sem voltar a aludir ao fato de que uma evidência mais forte ‘para fazer outros acreditarem’ jamais poderia ter sido apresentada, vale notar que um homem pode muito bem acreditar em algo, em casos desse tipo, sem conseguir oferecer uma única razão para que uma segunda parte também acredite. Nada é mais vago do que impressões de identidade individual. Todo homem reconhece seu próximo, mas ainda há poucos casos em que uma pessoa está pronta para dar uma

razão para esse reconhecimento. O editor do *L'Etoile* não tinha direito de se ofender com a crença irracional de M. Beauvais.

“Há de se constatar que as circunstâncias suspeitas que o cercam coincidem muito mais com a minha hipótese de bisbilhotice romântica do que com a suposição de culpa que faz o jornalista. Uma vez adotada a interpretação mais generosa, não encontraremos dificuldade para compreender a rosa no buraco da fechadura; o ‘Marie’ na lousa; os homens da família ‘tirados do caminho’; a ‘aversão a permitir que eles vissem o corpo’; o aviso dado a Madame B. de que ela não deveria conversar com o soldado de polícia até seu retorno (de Beauvais); e, por último, sua aparente determinação de que ‘ninguém deveria ter alguma relação com os procedimentos além dele mesmo’. Para mim, parece inquestionável que Beauvais era um pretendente de Marie; que ela flertava com ele; e que ele era ambicioso quanto a ser visto como digno de fruir de toda a sua intimidade e confiança. Não hei de dizer mais nada a esse respeito; e, uma vez que as evidências refutam totalmente as afirmações do *L'Etoile*, no que diz respeito à apatia da parte da mãe e de outros parentes — uma apatia inconsistente com a suposição da crença do jornal de que aquele corpo seja o da moça da perfumaria —, devemos agora passar a ver se a questão da identidade foi definida de modo perfeitamente satisfatório para nós.”

“E o que”, perguntei aqui, “você acha das opiniões do *Le Commercial*?”

“Que, em espírito, elas são muito mais dignas de atenção do que quaisquer outras que tenham sido propagadas sobre o assunto. As deduções partindo das premissas são filosóficas e perspicazes; mas as premissas, em dois casos, pelo menos, estão fundadas em uma observação imperfeita. O *Le Commercial* pretende sugerir que Marie foi capturada por alguma gangue de sórdidos rufiões não muito longe da porta de sua mãe. ‘É impossível’, insiste o jornal, ‘que uma pessoa tão bem conhecida de milhares como era essa moça tenha passado por três quarteirões sem que ninguém a tenha visto’. Essa é a ideia de um homem que é residente de Paris há muito tempo — um homem público — e alguém cujas caminhadas pela cidade foram na maioria limitadas à vizinhança de prédios públicos. Ele está ciente de que

raramente chega a percorrer uma dúzia de quadras de seu próprio *bureau* sem ser reconhecido e abordado. E, tendo consciência da extensão de sua familiaridade pessoal com outros, e dos outros consigo, ele compara sua notoriedade com a da moça da perfumaria, não encontra muita diferença entre ambas, e chega prontamente à conclusão de que ela, em seus passeios, devia ser igualmente passível de reconhecimento como ele o é nos seus. Esse só poderia ser o caso se as caminhadas da moça fossem da mesma natureza invariável e metódica, e dentro do mesmo tipo de região limitada que as dele. Ele vai e vem, em intervalos regulares, dentro de um perímetro limitado, repleto de indivíduos que são levados a observá-lo devido ao interesse despertado pela natureza parecida de sua ocupação com as deles próprios. Mas podemos supor que as caminhadas de Marie, no geral, são diversas. Nesse caso particular, há de se compreender, como mais provável, que ela prosseguiu em um trajeto com variação em média maior do que os de costume. O paralelo que imaginamos ter existido na mente do *Le Commercial* só poderia se sustentar pela eventualidade de dois indivíduos atravessando toda a cidade. Nesse caso, assegurando-se de que as relações pessoais sejam iguais, as chances também seriam iguais de que um número igual de pessoas fosse encontrado. De minha parte, devo sustentar que não só é possível, mas muito mais do que provável, que Marie possa ter seguido, em qualquer momento, por uma das muitas rotas entre sua própria residência e a da tia sem encontrar um único indivíduo que ela conhecesse, ou por quem fosse conhecida. Ao ver essa questão sob sua luz plena e apropriada, devemos ter em mente, com firmeza, a grande desproporção entre as relações pessoais até mesmo do mais notável indivíduo de Paris e a população total da própria Paris.

“Mas seja qual for a força que ainda possa manifestar-se na sugestão do *Le Commercial*, será bastante diminuída quando considerarmos a hora em que a moça saiu. ‘Foi no momento em que as ruas estavam cheias de gente’, afirma o *Le Commercial*, ‘que ela saiu’. Mas não foi assim. Eram nove horas da manhã. Ora, às nove horas de cada manhã da semana, *com exceção do domingo*, as ruas estão, é verdade, apinhadas de gente. Às nove de domingo, o populacho está na maioria dentro de casa *preparando-se para a igreja*. Nenhuma

pessoa observadora terá falhado ao notar o ar peculiarmente deserto da cidade, entre cerca de oito até dez horas da manhã de todo domingo. Entre dez e onze as ruas ficam apinhadas, mas não em um horário tão cedo quanto o que foi apontado.

“Há outro ponto em que parece haver uma deficiência de observação da parte do *Le Commercial*. ‘Um pedaço’, diz o jornal, ‘de uma das anáguas da infeliz garota, de cerca de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi rasgado e amarrado sob seu pescoço ao redor da nuca, provavelmente para evitar gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso.’ Se essa ideia está ou não bem fundamentada, empenharemo-nos em ver mais à frente; mas por ‘sujeitos que não tinham lenços de bolso’ o editor entende a mais baixa classe de rufiões. Esses, entretanto, são a exata categoria de pessoas que sempre carregam algum lenço, mesmo quando destituídas de camisa. Você deve ter tido oportunidade de observar quão absolutamente indispensável, em anos recentes, tornou-se o lenço de bolso para esses rematados canalhas.”

“E o que devemos pensar”, perguntei, “do artigo no *Le Soleil*?”

“Que é uma enorme pena que seu editor não tenha nascido um papagaio — caso em que ele teria sido o papagaio mais ilustre de sua raça. Ele meramente repetiu os itens individuais da opinião já publicada; coletando-a, com louvável labor, desse e daquele jornal. ‘Os objetos estavam todos evidentemente no local’, afirma, ‘por ao menos três ou quatro semanas, e *não pode haver dúvidas* de que o local desse ultraje apavorante fora descoberto.’ Os fatos aqui reafirmados pelo *Le Soleil* estão mesmo muito longe de remover minhas próprias dúvidas a esse respeito, e nós vamos examiná-los mais particularmente adiante em conexão com outra parte do tema.

“No momento presente, devemos nos ocupar com outras investigações. Você deve ter reparado na extrema lassidão com que o cadáver foi examinado. Evidentemente a questão da identidade foi imediatamente determinada, ou deveria ter sido; mas havia outros pontos a serem apurados. Terá sido o corpo despojado em algum aspecto? Acaso a vítima usava alguns artigos de joalheria ao sair de casa? Se usava, estava com algum quando foi encontrada? Essas são questões importantes completamente ignoradas pelo inquérito; e há

outras de igual importância que não receberam nenhuma atenção. Devemos nos empenhar em nos satisfazermos com uma investigação pessoal. O caso de St. Eustache precisa ser reexaminado. Não tenho suspeitas em relação a essa pessoa; mas vamos proceder metodicamente. Vamos verificar além da dúvida a validade do depoimento juramentado sobre seu paradeiro no domingo. Depoimentos dessa natureza são prontamente sujeitos à mistificação. Caso não haja nada errado, entretanto, vamos dispensar St. Eustache de nossas investigações. Seu suicídio, ainda que corroborante de suspeita caso fosse descoberta alguma falsidade no depoimento, não é, sem essa falsidade, uma circunstância inexplicável, ou uma que exija que nos desviemos da linha de análise ordinária.

“Naquilo que agora proponho, vamos descartar os pontos internos dessa tragédia, e concentraremos nossa atenção em seus arredores. Não é o erro menos usual, em investigações como essa, limitar o inquérito ao que é imediato, com total desprezo aos eventos colaterais ou circunstanciais. É o mau hábito dos tribunais confinar evidências e debates aos limites da relevância aparente. Ainda assim, a experiência mostrou, e a verdadeira filosofia sempre vai mostrar, que uma vasta parte, talvez a maior, da verdade surge daquilo que parece irrelevante. É por intermédio do espírito desse princípio, quando não precisamente por meio de sua letra, que a ciência moderna resolveu calcular a partir do que é imprevisto. Mas talvez você não me compreenda. A história do conhecimento humano tem mostrado tão ininterruptamente que aos eventos colaterais, ou incidentais ou acidentais, devemos as mais numerosas e valiosas descobertas, que com o tempo tornou-se necessário, em qualquer visão perspectiva de aprimoramento, empregar não somente grandes, mas os maiores subsídios em invenções que surgirão por acaso, e deveras fora do alcance da expectativa ordinária. Deixou de ser filosófico basear, naquilo que já foi, uma visão daquilo que será. Acidentes são admitidos como uma parte da subestrutura. Fazemos do acaso matéria de cálculo absoluto. Sujeitamos o inesperado e o inimaginado às *fórmulas* matemáticas das escolas.

“Repito não ser nada além de um fato que a maior porção de toda verdade tenha brotado daquilo que é colateral; e não é senão de

acordo com o espírito do princípio envolvido nesse fato que eu desviaria a investigação, no caso presente, do já trilhado e até aqui infrutífero terreno do evento em si, para as circunstâncias contemporâneas que o rodeiam. Enquanto você apura a validade do depoimento juramentado, vou examinar os jornais de forma mais geral do que você fez antes. Até então, nós apenas reconhecemos o campo da investigação; mas será de fato estranho se uma pesquisa abrangente dos periódicos, tal como a que proponho, não nos proporcionar alguns pontos minuciosos que estabeleçam uma direção para a investigação."

Seguindo a sugestão de Dupin, realizei um exame escrupuloso do caso da questão dos depoimentos juramentados. O resultado foi uma firme convicção de sua validade, e da consequente inocência de St. Eustache. Enquanto isso, meu amigo ocupava-se com o que, para mim, parecia uma minúcia no geral sem propósito, em um escrutínio dos vários arquivos dos jornais. No final da semana ele colocou diante de mim os seguintes excertos:

Cerca de três anos e meio atrás, um distúrbio muito semelhante ao presente foi causado pelo desaparecimento da mesma Marie Rogêt, da perfumaria de Monsieur Le Blanc, no Palais Royal. Ao final de uma semana, no entanto, ela reapareceu no seu balcão de costume, tão bem como nunca, com a exceção de uma leve palidez não de todo comum. Foi afirmado por Monsieur Le Blanc e sua mãe que ela havia meramente visitado uma amiga no campo; e o caso foi rapidamente abafado. Nós presumimos que a presente ausência seja um desvario da mesma natureza, e que, ao expirar-se uma semana, ou talvez um mês, ela novamente estará entre nós. — Jornal vespertino [19](#) — segunda-feira, 23 de junho.

Um jornal vespertino de ontem refere-se a um desaparecimento misterioso anterior de Mademoiselle Rogêt. É bem sabido que, durante a semana de sua ausência da perfumaria de Le Blanc, ela estava na companhia de um jovem oficial da marinha, muito afamado por suas devassidões. Uma alteração, supõe-se,

providencialmente fez com que ela retornasse para casa. Temos o nome do Lothario [20](#) em questão, que está, neste momento, atracado em Paris, mas, por razões óbvias, evitamos torná-lo público. — *Le Mercurie* [21](#) — terça-feira, 24 de junho.

Um ultraje do caráter mais atroz foi perpetrado próximo a essa cidade no dia antes de ontem. Um cavalheiro, acompanhado por sua esposa e sua filha, solicitou, ao final do dia, o serviço de seis rapazes que remavam ociosamente um bote entre uma margem e outra do Sena, para que os transportassem através do rio. Ao chegarem à margem oposta, os três passageiros desembarcaram, e haviam prosseguido a ponto de perderem o bote de vista quando a filha descobriu que tinha deixado nele sua sombrinha. Ela voltou para buscá-lo, foi capturada pela gangue, arrastada pelo rio, amordaçada, brutalizada e finalmente levada à margem, em um ponto não muito distante daquele em que ela originalmente havia embarcado com os pais. Os vilões escaparam pelo momento, mas a polícia está em seu rastro, e alguns deles serão capturados em breve. — *Jornal matutino* [22](#) — 25 de junho.

Nós recebemos uma ou duas cartas cujo objetivo é associar o crime da atrocidade recente a Mennais [23](#); mas, como esse cavalheiro foi totalmente exonerado por uma investigação legal, e como os argumentos de vários de nossos correspondentes parecem ser mais fervorosos do que profundos, não consideramos recomendável torná-las públicas. — *Jornal matutino* [24](#) — 28 de junho.

Nós recebemos várias missivas forçosamente escritas, ao que parece de fontes diversas, e que estendem-se no sentido de transmitir a certeza de que a desafortunada Marie Rogêt tornou-se a vítima de um dos muitos bandos de criminosos que infestam a vizinhança da cidade aos domingos. Nossa própria opinião é decididamente a favor dessa suposição. Vamos nos empenhar em

abrir espaço para alguns desses argumentos daqui em diante. —
Jornal vespertino [25](#) — terça-feira, 31 de junho.

Na segunda-feira, um dos balseiros empregados pelo serviço fiscal viu um bote vazio flutuando pelo Sena. As velas estavam no fundo do barco. O barqueiro rebocou-o até a administração das balsas. Na manhã seguinte, o barco foi levado de lá sem o conhecimento de qualquer um dos funcionários. O leme encontra-se na administração das balsas. — *Le Diligence* — quinta-feira, 26 de junho.

Após ler esses vários trechos, eles não apenas me pareceram irrelevantes, como não fui capaz de perceber o modo como qualquer um deles poderia acrescentar algo ao assunto em questão. Esperei por alguma explicação de Dupin.

“Não é minha intenção no presente momento”, ele disse, “deter-me no primeiro e no segundo desses excertos. Eu os copiei basicamente para mostrar a você a extrema frouxidão da polícia, que, até onde posso entender pelo que disse o chefe de polícia, não se deu o trabalho, em qualquer aspecto, de uma investigação do oficial naval a que se aludiu. Ainda assim, é mero desatino dizer que, entre o primeiro e o segundo desaparecimento de Marie, *supostamente* não há ligação. Vamos admitir que a primeira fuga tenha resultado em uma briga entre os enamorados, e no retorno para casa da moça desnorteada. Estamos agora preparados para considerar a segunda fuga (se sabemos que uma fuga novamente ocorreu) como indicativa da renovação dos avanços do sedutor, mais do que como o resultado de novas propostas feitas por um segundo indivíduo — estamos preparados para entender isso como ‘fazer as pazes’ do velho *amour*, mais do que como o início de um novo. As chances são de dez contra uma de que aquele que fugiu uma vez com Marie fosse propor uma nova fuga, mais do que ela, para quem propostas semelhantes foram feitas por um indivíduo, tenha recebido essas propostas por parte de outro. E aqui deixe-me chamar sua atenção para o fato de que o tempo transcorrido entre a primeira fuga apurada e a segunda suposta é de

alguns meses a mais do que o período geral que duram as navegações de nossos homens de guerra. Teria o enamorado sido interrompido em sua primeira vilania pela necessidade de partir ao mar, e teria ele aproveitado o primeiro momento de seu retorno para renovar a base de suas intenções ainda não totalmente realizadas — ou ainda não totalmente realizadas por *ele* ? De todas essas coisas, não sabemos nada.

“Dirá você, contudo, que, no segundo caso, não houve fuga como imaginado. Certamente não — mas estamos preparados para afirmar que não houve o intuito frustrado? Para além de St. Eustache, e talvez de Beauvais, não encontramos nenhum pretendente reconhecido, assumido, honrado de Marie. Nada foi dito a respeito de outros. Quem, então, é o amante secreto, de quem os parentes (ao menos a maioria) nada sabem, mas com quem Marie se encontra na manhã de domingo, e que goza tão profundamente da confiança da moça que ela não hesita em permanecer com ele até que as sombras da noite caiam, entre os arvoredos solitários da Barrière du Roule? Quem é esse enamorado secreto, pergunto eu, de quem, ao menos, a maioria dos parentes nada sabe? E o que significa a singular profecia de Madame Rogêt na manhã da partida de Marie? — ‘Temo que nunca veja Marie novamente’.

“Mas se não imaginamos Madame Rogêt a par da intenção de fuga, não poderemos ao menos supor que essa intenção foi cogitada pela moça? Ao sair de casa, ela deu a entender que pretendia visitar sua tia na Rue des Drâmes e St. Eustache foi chamado para buscá-la ao anoitecer. Ora, à primeira vista, esse fato investe fortemente contra a minha sugestão; — mas reflitamos. Que ela encontrou alguma companhia, e prosseguiu com ela ao longo do rio, alcançando a Barrière du Roule já tarde, às três horas, é sabido. Mas ao consentir assim em acompanhar esse indivíduo (*seja qual for o motivo — por sua mãe conhecido ou ignorado*), ela deve ter pensado nessa intenção que expressou quando saiu de casa, e na surpresa e na suspeita despertadas no peito daquele que era seu prometido, St. Eustache, quando, chamando por ela, na hora combinada, na Rue des Drâmes, ele viesse a descobrir que ela não estava lá, e quando, além disso, ao retornar para a pensão com essa alarmante informação, ele tomasse

consciência de sua prolongada ausência de casa. Ela deve ter pensado nessas coisas, reafirmo. Ela deve ter antevisto o pesar de St. Eustache, a suspeita de todos. Ela não poderia ter pensado em voltar para enfrentar essa suspeita; mas a suspeita torna-se um ponto de trivial importância para ela, se supomos que não pretendia retornar.

“Podemos imaginá-la pensando da seguinte forma — ‘Vou encontrar uma certa pessoa com o propósito de fugir, ou com certos propósitos somente conhecidos por mim mesma. É necessário que não haja possibilidade de interrupção — precisamos ter tempo suficiente para frustrar qualquer busca — darei por entendido que vou visitar e passar o dia com minha tia na Rue des Drâmes — direi a St. Eustache para que não me busque antes do anoitecer — dessa forma, minha ausência de casa pelo período mais longo possível, sem causar suspeita ou ansiedade, será justificado, e ganharei mais tempo do que de qualquer outra maneira. Se peço a St. Eustache para me buscar à noite, ele certamente não virá antes; mas, se eu negligenciar por completo o pedido para que me encontre, meu tempo de fuga será reduzido, uma vez que será esperado que eu volte o quanto antes, e minha ausência vai despertar ansiedade mais cedo. Ora, se fosse minha intenção retornar de algum modo — se eu considerasse apenas um passeio com o indivíduo em questão —, não seria meu estratagema pedir a St. Eustache que fosse me encontrar; pois, ao fazer isso, ele certamente descobrirá que o enganei — fato do qual posso mantê-lo ignorante para sempre ao sair de casa sem notificá-lo de minha intenção, voltando antes de anoitecer e então afirmando que estive em visita à minha tia na Rue des Drâmes. Mas, como é minha intenção nunca mais retornar — ou não retornar por algumas semanas — ou até que certos ocultamentos sejam efetuados —, o ganho de tempo é o único ponto ao qual devo dedicar qualquer preocupação.’

“Você constatou, em suas notas, que a opinião mais geral a respeito desse triste caso é, e foi desde o começo, a de que a moça foi vítima de uma gangue de meliantes. Ora, a opinião popular, sob certas condições, não deve ser desprezada. Quando originada por si mesma — quando manifestando-se de uma forma estritamente espontânea —, nós devemos observá-la como análoga àquela *intuição* que é a

idiossincrasia do homem de gênio individual. Em noventa e nove casos de cem eu respeitaria o que ela decidir. Mas é importante que não encontremos traços palpáveis de *sugestão*. A opinião deve ser rigorosamente *própria do público*; e a distinção é, com frequência, excessivamente difícil de perceber e de manter. Na presente circunstância, parece para mim que essa 'opinião pública' a respeito de uma gangue foi induzida pelo evento colateral que é detalhado no terceiro de meus excertos. Toda Paris está agitada com o descobrimento do cadáver de Marie, uma mulher jovem, bela e conhecida. Esse cadáver é encontrado carregando marcas de violência e boiando no rio. Mas agora foi divulgado que, no mesmo período, ou por volta do mesmo período, em que se supõe que a garota foi assassinada, uma barbárie de natureza similar àquela enfrentada pela falecida, ainda que em menor extensão, foi perpetrada por uma gangue de jovens rufiões contra a figura de uma segunda jovem mulher. Não é extraordinário que a atrocidade conhecida influencie o julgamento popular em relação à outra desconhecida? Esse julgamento aguardava orientação, e a barbárie conhecida pareceu tão oportunamente fornecê-la! Marie, também, foi encontrada no rio; e foi nesse mesmo rio que a barbárie que se conhece foi cometida. A conexão entre os dois eventos tinha em si tanto de palpável que a verdadeira surpresa teria sido a população falhar em percebê-la e dela se apropriar. Mas, na verdade, a única barbárie, reconhecidamente assumida como tal, é, se tanto, evidência de que a outra, cometida em um momento proximamente coincidente, não foi assim cometida. Teria sido de fato um milagre se, enquanto uma gangue de rufiões estivesse perpetrando, em um local específico, maldades sem precedente, houvesse outra gangue similar, em uma localidade similar, na mesma cidade, sob as mesmas circunstâncias, com os mesmos meios aplicados, envolvida em maldades de precisamente o mesmo aspecto, e precisamente no mesmo período de tempo! No entanto, no que, se não nessa maravilhosa cadeia de coincidências, a opinião acidentalmente sugerida do populacho espera que acreditemos?

"Antes de prosseguir além, vamos considerar a suposta cena do assassinato, no matagal na Barrière du Roule. Esse matagal, embora

denso, ficava na vizinhança próxima a uma via pública. Dentro havia três ou quatro pedras grandes, formando uma espécie de assento com um encosto e um escabelo. Na pedra de cima foi descoberta uma anágua branca; na segunda, uma echarpe de seda. Uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso também foram encontrados. O lenço portava o nome 'Marie Rogêt'. Fragmentos de vestido foram vistos nos galhos ao redor. A terra estava revolvida, os arbustos, quebrados, e havia todas as evidências de uma luta violenta.

"Não obstante a aclamação com que a descoberta desse matagal foi recebida pela imprensa, e a unanimidade com a qual supôs-se que o fato indicava a cena exata da barbárie, deve ser admitido que havia uma ótima razão para se duvidar disso. Que foi a cena, posso ou não acreditar — mas havia uma excelente razão para duvidar. Se a verdadeira cena fosse, como sugeriu o *Le Commercial*, na vizinhança da Rue Pavée St. Andrée, os perpetradores do crime, supondo que ainda residam em Paris, teriam naturalmente sido tomados pelo terror com a atenção pública assim tão acuradamente dirigida ao canal apropriado; e, em certas classes de mentes, teria surgido, prontamente, uma percepção da necessidade de algum esforço no sentido de distrair essa atenção. E assim, tendo o matagal da Barrière du Roule já causado suspeitas, a ideia de colocar os objetos onde foram encontrados pode ter sido naturalmente engendrada. Não existe evidência real, ainda que o *Le Soleil* assim o suponha, de que os objetos achados estivessem por mais do que alguns dias no matagal; ao passo que existem muitas provas circunstanciais de que eles não podiam ter permanecido lá sem atrair atenção, durante os vinte dias transcorridos entre o domingo fatal e a tarde na qual foram encontrados pelos garotos. 'Estavam todos muito *embolorados*', afirma o *Le Soleil*, adotando as opiniões de seus predecessores, 'devido à ação da chuva, e colados com o bolor. A relva havia crescido em volta e sobre alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas suas tramas haviam se grudado por dentro. A parte de cima, que fora fechada e dobrada, estava embolorada e podre, e rasgou ao ser aberta.' Com relação à relva ter 'crescido em volta e sobre alguns deles', é óbvio que esse fato só poderia ter sido depreendido a partir das palavras, e dessa forma das lembranças, de dois meninos pequenos; pois esses

meninos removeram os objetos e os levaram para casa antes de serem vistos por uma terceira parte. Mas a grama crescerá, especialmente no clima quente e úmido (tal como era o do período do assassinato), até cerca de seis ou sete centímetros em um único dia. Uma sombrinha caída sobre um solo de relva viçosa pode, em uma semana, ficar completamente oculta da vista pela grama que cresce. E, no que concerne ao bolor em que o editor do *Le Soleil* tão pertinentemente insiste, de tal maneira que ele emprega a palavra não menos do que três vezes no breve parágrafo acima citado, será que ele realmente ignora a natureza desse bolor? Ninguém lhe informou que pertence a uma das muitas classes de fungos, dos quais a característica mais ordinária é o crescimento e a decadência dentro de vinte e quatro horas?

“Assim notamos, em um relance, que aquilo que foi mais triunfantemente aduzido como apoio à ideia de que os objetos estavam ‘por pelo menos três ou quatro semanas’ no matagal é a mais absurda nulidade no que se refere a evidência de tal fato. Por outro lado, é excessivamente difícil acreditar que esses objetos possam ter permanecido no referido matagal por um período mais longo do que uma única semana — por um período mais longo do que o de um domingo para o outro. Aqueles que conhecem minimamente os arredores de Paris sabem da extrema dificuldade de encontrar reclusão, a não ser a uma grande distância dos subúrbios. Algo como um recesso inexplorado, ou mesmo raramente visitado, entre seus bosques e arvoredos, não deve ser imaginado sequer por um momento. Que o tente alguém que, sendo no fundo um amante da natureza, ainda que acorrentado pelo dever à poeira e ao calor dessa grande metrópole — que alguém nessas condições tente, mesmo durante os dias da semana, aplacar sua sede de solidão entre os cenários naturalmente adoráveis que nos cercam. A cada dois passos ele perceberá o crescente encanto dissipar-se pela voz e pela intromissão pessoal de algum rufião ou de patifes ébrios. Ele procurará por privacidade em meio às densas folhagens, mas tudo em vão. Aí são os mesmos recantos em que mais se alastram esses porcos — aí são os templos dos mais blasfemos. Com o coração oprimido, o andarilho voltará rapidamente para a poluída Paris como sendo um

lugar menos odioso porque é menos incongruente o antro de poluição. Mas se os arredores da cidade são tão assediados durante os dias da semana, quão muito mais não o são no domingo! É especialmente quando, liberados das reivindicações do trabalho, ou privados das costumeiras oportunidades do crime, os meliantes da cidade buscam os arredores urbanos, não por amor ao campo, que em seus corações eles desprezam, mas como forma de escapar das restrições e das convenções da sociedade. Eles desejam menos o ar fresco e as árvores verdes, e mais a total licenciosidade do campo. Lá, em uma estalagem à beira da estrada, ou entre as folhagens dos bosques, eles se entregam, sem a vigilância de qualquer olhar que não os de seus companheiros de farra, a todos os excessos loucos de uma falsa hilaridade — o fruto da combinação entre liberdade e rum. Não digo nada além do que deve ser óbvio para qualquer observador desencantado quando repito que a circunstância dos objetos em questão terem permanecido sem ser descobertos por um período mais longo do que de um domingo para outro, em qualquer matagal nos arredores de Paris, deve ser entendida como nada menos do que miraculosa.

“Mas não há necessidade de outros embasamentos para a suspeita de que os objetos foram colocados no matagal com vistas a distrair atenção da cena real do ultraje. E, em primeiro lugar, deixe-me orientar sua percepção à data de descoberta dos objetos. Confronte com ela a data do quinto excerto que selecionei dos jornais. Você vai perceber que a descoberta se sucedeu, quase que imediatamente, às cartas urgentes enviadas ao jornal vespertino. Essas cartas, apesar de inúmeras e de aparentemente virem de várias fontes, tendiam todas ao mesmo ponto — qual seja, dirigir a atenção a uma gangue como sendo a perpetradora do ultraje, e à vizinhança da Barrière du Roule como sendo a sua cena. Ora, aqui, é claro, a suspeita não é a de que, como consequência dessas cartas, ou da atenção pública por elas direcionada, os objetos tenham sido encontrados pelos meninos; mas a suspeita pode e deve ser a de que os objetos não tenham sido encontrados antes pelos meninos pela razão de que não estavam antes no matagal; tendo sido depositados lá somente em um

momento tão tardio como o da data das cartas, ou pouco antes disso, pelos próprios autores responsáveis por essas cartas.

“Esse matagal era singular — excessivamente singular. Era incomumente denso. No interior de seu claustro naturalmente emparedado havia três pedras extraordinárias formando um assento com um encosto e um escabelo. E esse matagal, tão pleno de arte natural, ficava na vizinhança imediata, a alguns metros, da residência de Madame Deluc, cujos meninos tinham o hábito de examinar detidamente os arbustos em torno à procura da casca do sassafrás. Acaso seria uma aposta precipitada — uma aposta de mil contra um — imaginar que um dia sequer tenha passado sobre a cabeça desses meninos que não encontrasse ao menos um deles escondido nesse salão penumbroso e entronizado em seu trono natural? Aqueles que hesitam numa aposta dessas jamais foram meninos, ou esqueceram-se da natureza dos meninos. Repito — é excessivamente árduo compreender como os objetos podiam ter permanecido nesse matagal sem serem descobertos por um período mais extenso do que um ou dois dias; e desta forma há bons alicerces para suspeitar, apesar da ignorância dogmática do *Le Soleil*, de que esses objetos foram, em uma data comparativamente recente, colocados onde foram encontrados.

“Mas ainda há outras razões para acreditar que foram desse modo colocados, razões mais fortes do que qualquer outra que destaquei até aqui. E, agora, deixe-me chamar sua atenção para a disposição altamente artificial dos objetos. Na pedra de cima estava uma anágua branca; na segunda, uma echarpe de seda; espalhados, estavam uma sombrinha, luvas e um lenço com o nome ‘Marie Rogêt’. Aqui encontramos uma tal disposição que teria sido naturalmente feita por uma pessoa não muito brilhante que desejasse arranjar os objetos naturalmente. Mas não se trata em absoluto de uma disposição natural. Eu antes teria imaginado ver as coisas todas espalhadas pelo chão e pisoteadas. Nos limites estreitos daquele recesso, dificilmente teria sido possível que a anágua e a echarpe fossem parar em cima das pedras, quando sujeitas ao contato e às idas e vindas de muitas pessoas que lutavam. ‘Havia evidências’, foi dito, ‘de uma luta; e a terra estava revolvida, os galhos estavam quebrados’ —, mas a anágua e a

echarpe foram encontradas como se estivessem acomodadas em prateleiras. 'Os pedaços de seu vestido rasgados pelos arbustos tinham cerca de oito centímetros de largura por oito de comprimento. Uma parte era a bainha do vestido, e fora remendada; o outro pedaço era parte da saia, não a bainha. Pareciam tiras arrancadas.' Aqui, inadvertidamente, o *Le Soleil* empregou uma frase sobremaneira suspeita. Os pedaços, como foi descrito, de fato 'pareciam tiras arrancadas'; mas propositalmente e com a mão. É um acidente dos mais raros que um pedaço seja 'arrancado' de qualquer vestuário como o que agora está em questão pela ação de um espinho. Pela própria natureza desses tecidos, um espinho ou um prego neles enganchado os rasga retangularmente — divide-os em duas brechas longitudinais, em ângulos retos uma com a outra, e encontrando-se em um ápice onde o espinho entra —, mas é quase impossível conceber que o pedaço seja 'arrancado'. Nunca ouvi falar de tal coisa, você tampouco. Para arrancar o pedaço de tal tecido, duas forças distintas, em diferentes direções, serão, em quase qualquer caso, exigidas. Se houver duas extremidades no tecido — se, por exemplo, for um lenço de bolso, e se se quiser arrancar dele uma tira, então, e somente então, uma única força servirá ao propósito. Mas no presente caso trata-se de um vestido, apresentando senão uma extremidade. Arrancar um pedaço do interior, onde não há extremidade, só poderia acontecer por milagre pela ação de espinhos, e nenhum espinho sozinho poderia fazê-lo. Mas, mesmo quando uma extremidade é apresentada, dois espinhos serão necessários, operando um em duas direções distintas, e outro em uma. E isso na suposição de que a extremidade não tenha bainha. Se for embainhada, é praticamente assunto fora de cogitação. Assim vemos os inúmeros e grandes obstáculos no caminho em relação a pedaços sendo 'arrancados' pela simples ação de 'espinhos'; ainda assim somos forçados a acreditar que não somente aquele pedaço, mas muitos foram da mesma forma arrancados. 'E uma parte', também, 'era a bainha do vestido!' Outro pedaço era 'parte da saia, não a bainha', — ou seja, foi completamente arrancada pela ação de espinhos, da parte interna do vestido! Essas, digo eu, são coisas nas quais alguém pode ser perdoado por não crer; no entanto, tomadas coletivamente, elas formam, talvez, uma base

menos razoável para suspeitas do que a espantosa circunstância de os objetos terem sido deixados naquele matagal por quaisquer assassinos precavidos o bastante a ponto de pensar em remover o cadáver. Você não terá me compreendido corretamente, no entanto, se supuser ser a minha intenção negar que esse matagal tenha sido a cena da barbárie. Pode ter ocorrido um crime nele, ou, mais possivelmente, um acidente na casa de Madame Deluc. Mas, na verdade, esse é um ponto de menor importância. Não estamos envolvidos em uma tentativa de descobrir a cena, mas sim em encontrar os perpetradores do crime. O que aduzi, não obstante a minuciosidade com que o fiz, foi com vistas a, em primeiro lugar, mostrar a insensatez das afirmações confiantes e precipitadas do *Le Soleil*, mas, em segundo lugar e principalmente, trazê-lo, pela rota mais natural, a uma contemplação mais aprofundada da dúvida quanto a esse assassinato ter sido, ou não, obra de uma gangue.

“Vamos retomar essa questão pela mera alusão aos revoltantes detalhes do cirurgião ouvido no inquérito. É somente necessário dizer que suas inferências publicadas com respeito ao número de rufiões foram apropriadamente ridicularizadas como equivocadas e desprovidas de base por todos os anatomistas de reputação de Paris. Não porque o assunto não poderia ter ocorrido como o inferido, mas porque não havia alicerce para a inferência: — não havia o suficiente para uma outra?

“Ponderemos agora sobre os ‘sinais de uma luta’; e permita-me perguntar o que se supõe que esses sinais demonstrem. Uma gangue. Mas eles não demonstram, antes, a ausência de uma gangue? Que luta pode ter ocorrido — que luta tão violenta e tão duradoura de modo a deixar ‘sinais’ em todas as direções — entre uma moça frágil e indefesa e a gangue de rufiões imaginada? Bastaria o aperto silencioso de alguns braços rudes e tudo estaria acabado. A vítima teria se colocado absolutamente sob a vontade deles. Você deve, aqui, ter em mente que os argumentos enfatizados contra o matagal como a cena são aplicáveis, na maior parte, apenas contra o local como a cena de um ultraje cometido por mais de um único indivíduo. Se imaginarmos apenas um infrator, podemos conceber, e somente assim conceber,

uma luta de natureza tão violenta e tão obstinada de modo a ter deixado os 'sinais' aparentes.

“E de novo. Já mencionei a suspeita a ser despertada pelo fato de que os objetos em questão possam ter permanecido de alguma forma no matagal onde foram encontrados. Parece quase impossível que essas evidências de culpa tenham sido acidentalmente deixadas no local em que foram achadas. Houve presença de espírito suficiente (supõe-se) para remover o cadáver; e no entanto uma evidência ainda mais clara de que o próprio cadáver (cujas feições podiam vir a ser rapidamente obliteradas pelo apodrecimento) é deixado conspicuamente na cena da barbárie — aludo ao lenço com o nome da vítima. Se isso foi um acidente, não foi o acidente de uma gangue. Podemos imaginá-lo somente como o acidente de um indivíduo. Vejamos. Um indivíduo cometeu o assassinato. Ele está sozinho com o fantasma da falecida. Aterrorizado pelo que permanece inerte diante de si. A fúria de sua paixão se esgotou, e há espaço de sobra em seu coração para o temor natural causado pelo ato. Ele não tem nada daquela confiança que a presença de grandes números inevitavelmente inspira. Ele está sozinho com a morta. Ele treme e está desnorteado. Contudo, há a necessidade de livrar-se do cadáver. Ele o arrasta até o rio, mas deixa atrás de si as outras evidências da culpa; pois é difícil, senão impossível, carregar todo o fardo de uma vez só, e será fácil voltar para pegar o que restou. Mas durante a penosa jornada até a água, seus medos intensificam-se. Os sons da vida envolvem seu caminho. Uma dúzia de vezes ele escuta ou imagina escutar os passos de um observador. Até mesmo as luzes da cidade desorientam-no. No entanto, com o tempo, e realizando longas e frequentes pausas de profunda agonia, ele alcança a margem do rio e livra-se do medonho fardo — talvez por intermédio de um bote. Mas agora, que tesouro o mundo guarda — que ameaça de vingança poderia existir — com poder para incitar o retorno daquele assassino solitário pelo caminho penoso e arriscado até o matagal e suas lembranças de gelar o sangue? Ele não retorna, sejam quais forem as consequências. Ele não poderia retornar se quisesse. Seu único pensamento é escapar imediatamente. Ele dá as costas para sempre aos terríveis arbustos e foge como se da fúria vindoura.

“Mas e se fosse uma gangue? Seu número ter-lhes-ia tornado confiantes; se, de fato, a confiança em algum momento esteve em falta no peito de rematados meliantes; e somente de rematados meliantes se supõe que gangues sejam constituídas. Seu número, repito, teria evitado o horror desorientado e infundado que eu imaginei ter paralisado o homem solitário. Se supuséssemos um deslize de um, ou dois, ou três, esse deslize teria sido remediado por um quarto. Eles não teriam deixado nada atrás de si; porque seu número teria permitido que carregassem tudo de uma vez. Não haveria necessidade de voltar.

“Considere agora a circunstância de que na vestimenta exterior do cadáver, quando encontrado, ‘uma faixa com cerca de trinta centímetros de largura fora rasgada da bainha inferior até a cintura, presa por uma espécie de nó nas costas’. Isso foi feito com a óbvia intenção de se obter uma alça pela qual se carregasse o corpo. Mas teria qualquer número de homens sonhado recorrer a tal expediente? Para três ou quatro, os braços e pernas teriam fornecido não somente um ponto de preensão suficiente, mas o melhor possível. O artifício é de um único indivíduo; e isso nos conduz ao fato de que ‘entre o matagal e o rio, averiguou-se que as cercas haviam sido retiradas, e o piso trazia evidências de que algum fardo pesado fora arrastado!’ Mas teria um número qualquer de homens se submetido ao risco supérfluo de retirar uma cerca, com o propósito de arrastar por ela um cadáver que eles poderiam ter erguido sobre qualquer cerca em um instante? Teria um número qualquer de homens arrastado um cadáver dessa forma, deixando sinais evidentes de sua ação?

“E aqui precisamos nos ater a uma observação do *Le Commercial* ; uma observação sobre a qual, em certa medida, já comentei. ‘Um pedaço’, afirma o jornal, ‘de uma das anáguas da desafortunada garota foi rasgado e amarrado sob seu queixo ao redor da nuca, provavelmente para evitar gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso’.

“Sugeri anteriormente que um genuíno meliante nunca está sem um lenço de bolso. Mas não é a esse fato que agora eu especialmente advirto. Que não foi por falta de um lenço de bolso para o propósito imaginado pelo *Le Commercial* que essa bandagem foi empregada é tornado evidente pelo lenço de bolso encontrado no matagal; e que o

objetivo não foi 'evitar gritos' transparece, também, pelo fato de a bandagem ter sido empregada a algo que com tão mais eficácia teria satisfeito o propósito. Mas o teor do depoimento fala da faixa em questão como 'encontrada em volta do pescoço, envolvendo-o frouxamente, e presa por um nó cego'. Essas palavras são suficientemente vagas, mas diferem concretamente daquelas do *Le Commercial*. A tira de tecido tinha cerca de quarenta e cinco centímetros de largura e, por isso, ainda que de musselina, teria constituído uma firme atadura quando dobrada ou amarrotada longitudinalmente. E amarrotada dessa forma ela foi descoberta. Minha inferência é a seguinte. O assassino solitário, tendo carregado o cadáver por alguma distância (fosse do matagal ou de outro lugar) com o auxílio da bandagem presa no meio do corpo, percebeu que o peso, nessa forma de proceder, era demais para sua força. Ele decidiu arrastar o fardo — as evidências mostram que ele foi arrastado. Com esse objetivo em vista, tornou-se necessário atar algo como uma corda a uma das extremidades. Seria mais bem atada na região do pescoço, onde a cabeça evitaria que o laço escapasse. E, nesse momento, o assassino ponderou inquestionavelmente sobre a bandagem em torno dos quadris. Ele a teria usado, não fossem pela volta ao redor do corpo, pela alça que a emperrava e pela constatação de que não fora 'arrancada' do vestido. Era mais fácil rasgar uma nova tira da anágua. Ele assim o fez, prendeu-a rapidamente no pescoço e dessa forma arrastou sua vítima até a margem do rio. Que essa 'bandagem', somente obtida às custas de dificuldades e atraso, e satisfazendo imperfeitamente seu propósito — que essa bandagem foi utilizada demonstra que a necessidade de seu uso nasceu de circunstâncias em um período no qual o lenço de bolso não estava mais acessível — ou seja, circunstâncias surgidas, como imaginamos, depois de deixar o matagal (se matagal o era), e no caminho entre o matagal e o rio.

"Mas o depoimento, você dirá, de Madame Deluc (!) aponta especialmente para a presença de uma gangue, na vizinhança do matagal, no momento ou próximo de quando aconteceu o assassinato. Isso eu concedo. Duvido que não houvesse uma dúzia de gangues como as que Madame Deluc descreveu, no local e nas vizinhanças da Barrière du Roule, no momento ou próximo ao

período dessa tragédia. Mas a gangue que atraiu para si a apontada crítica, apesar do depoimento um tanto tardio e suspeito de Madame Deluc, é a única gangue que é descrita por essa honesta e escrupulosa senhora como tendo comido seus bolos e bebido seu *brandy*, sem que se dessem o trabalho de pagá-la. *Et hinc illae irae* [26](#)?

“Mas qual é o preciso depoimento de Madame Deluc? ‘Uma gangue de canalhas apareceu, comportaram-se ruidosamente, comeram e beberam sem pagar, seguiram a rota do rapaz e da moça, voltaram à hospedaria por volta do entardecer e tornaram a cruzar o rio, expressando grande pressa.’

“Ora, essa ‘grande pressa’ muito possivelmente pareceu maior ainda aos olhos de Madame Deluc, já que ela se deteve demorada e lamentosamente nos bolos e na sua cerveja profanados — bolos e cerveja pelos quais ela talvez ainda nutrisse uma vaga esperança de compensação. Por que, de outra forma, uma vez que se tratava do entardecer, ela ressaltaria a pressa? Não é causa de admiração, certamente, que mesmo uma gangue de meliantes se apressa para chegar em casa quando um amplo rio deve ser cruzado em pequenos botes, quando uma tempestade ameaça e quando a noite se aproxima.

“Digo ‘se aproxima’; pois a noite ainda não tinha chegado. Foi somente ao entardecer que a pressa indecente desses ‘canalhas’ ofendeu os sóbrios olhos de Madame Deluc. Mas somos informados de que foi nessa mesma tarde que Madame Deluc, bem como seu filho mais velho, ‘ouviram os gritos de uma mulher na vizinhança da hospedaria’. E com que palavras Madame Deluc descreve o período da tarde em que esses gritos foram ouvidos? ‘Foi pouco depois de escurecer’, ela diz. Mas ‘logo depois de escurecer’ já é, ao menos, escuro; e ‘ao entardecer’ ainda há certamente luz do dia. Assim, fica deveras claro que a gangue abandonou a Barrière du Roule antes dos gritos escutados (?) por Madame Deluc. E embora nos diversos relatos do depoimento as expressões relativas sejam distinta e invariavelmente empregadas assim como empreguei nessa conversa com você, nenhuma constatação da rude discrepância foi, até o momento, apontada por qualquer um dos jornais ou por qualquer um dos lacaios da polícia.

“Devo acrescentar apenas um aos argumentos contra uma gangue; mas este tem, para o meu próprio entendimento, um peso no todo irresistível. Sob as circunstâncias da grande recompensa oferecida, e do pleno perdão prometido a um cúmplice confesso, não se deve imaginar, por um momento, que algum membro de uma gangue de vis rufiões, ou de qualquer grupo de homens, não teria traído seus cúmplices há muito tempo. Cada componente de uma gangue assim apresentada estaria tão ávido pela recompensa ou ansioso para escapar quanto temeroso da traição. Ele trai ávida e apressadamente para que ele próprio não seja traído. Que o segredo não tenha sido divulgado é a melhor prova de que é, de fato, um segredo. Os horrores desse feito sombrio são conhecidos apenas por um, ou dois, seres humanos, e por Deus.

“Vamos recapitular agora nossos escassos porém seguros frutos de nossa longa análise. Alcançamos a ideia ou de um acidente fatal sob o teto de Madame Deluc, ou de um assassinato perpetrado, no matagal na Barrière du Roule, por um enamorado, ou ao menos por alguém íntima e secretamente ligado à falecida. Esse conhecido é de compleição trigueira. Essa compleição, a ‘alça’ na bandagem e o ‘nó de marinheiro’ com o qual a fita do chapéu foi amarrada apontam para um homem do mar. Sua ligação com a falecida, uma jovem alegre, mas não abjeta, colocam-no acima da classe de marinheiro comum. Aqui as missivas bem escritas e urgentes enviadas para os jornais servem como corroboração. As circunstâncias da primeira fuga, como mencionadas pelo *Le Mercurie*, tendem a misturar a ideia desse homem do mar com a de um ‘oficial de marinha’ que é reconhecido como tendo corrompido a desafortunada.

“E aqui, muito adequadamente, surge a consideração sobre a recorrente ausência daquele homem de tez escura. Permita-me fazer uma pausa para observar que a compleição desse homem é escura e trigueira; não foi uma cor amorenada comum que constituiu o único ponto a ser lembrado tanto por Valence como por Madame Deluc. Mas por que esse homem está ausente? Foi assassinado pela gangue? Se sim, por que só há traços da moça assassinada? A cena dos dois ultrajes seria naturalmente suposta como a mesma. E onde está seu cadáver? Os assassinos teriam muito provavelmente se livrado de

ambos da mesma forma. Mas pode-se dizer que esse homem está vivo e se esquia de se fazer conhecer pelo pavor de ser acusado do assassinato. Pode se supor que essa consideração ocupe seus pensamentos — nesse momento tardio — uma vez que foi declarado no inquérito que ele foi visto com Marie — mas tal argumento não teria tido força na época do ato. O primeiro impulso de um homem inocente teria sido denunciar a barbárie e auxiliar a identificar os rufiões. Essa conduta seria a recomendável. Ele fora visto com a moça. Ele cruzou o rio com ela em uma balsa aberta. A denúncia dos assassinos teria parecido, mesmo para um idiota, a mais segura e a única forma de distanciar-se de suspeitas. Não podemos supô-lo, na noite do domingo fatal, ao mesmo tempo inocente e ignorante de uma barbárie cometida. Contudo, somente sob tais circunstâncias é possível imaginar que ele, se vivo, teria deixado de denunciar os assassinos.

“E de quais meios dispomos nós para alcançar a verdade? Encontraremos esses meios multiplicando-se e tornando-se mais distintos conforme prosseguimos. Apuremos a fundo esse caso da primeira fuga. Conheçamos toda a história desse ‘oficial’, com suas presentes circunstâncias e seu paradeiro no momento exato do assassinato. Comparemos cuidadosamente entre si as várias cartas enviadas ao jornal vespertino, cujo objetivo era incriminar uma gangue. Tendo feito isso, comparemos essas cartas, tanto no que toca ao estilo como à caligrafia, com aquelas enviadas ao jornal matutino, em um período antecedente, e que insistem tão veementemente na culpa de Mennais. E, tendo feito tudo isso, comparemos novamente todas essas várias cartas com a conhecida caligrafia do oficial. Empenhemo-nos em determinar, por meio dos repetidos questionamentos a Madame Deluc e seus filhos, bem como do cocheiro do ônibus, Valence, algo além da aparência pessoal e da conduta do ‘homem de tez escura’. Consultas, se habilmente orientadas, não falharão em extrair, de alguma dessas partes, informação acerca desse ponto particular (ou de outros) — informação de cuja posse as próprias partes podem nem ter conhecimento. E rastreemos agora o bote recolhido pelo balseiro na manhã de 23 de junho, e que foi removido da administração das

balsas sem o conhecimento do funcionário plantonista, e sem o leme, no mesmo período antecedente à descoberta do cadáver. Com o cuidado e a perseverança apropriados vamos infalivelmente rastrear esse barco; pois não só o balseiro que o recolheu pode identificá-lo, como também temos o leme à mão. O leme de um barco à vela não teria sido abandonado, sem investigação, por uma alma serena. E aqui permita-me uma pausa para insinuar uma questão. Não houve aviso de que o barco fora recolhido. Ele foi silenciosamente levado para a administração das balsas, e da mesma forma silenciosa foi removido de lá. Mas seu proprietário ou usuário — como pode ter acontecido que ele, tão cedo como na manhã de terça, fosse informado, sem o auxílio de um aviso, da localidade do barco levado na segunda, a menos que imaginemos alguma conexão com a marinha — alguma relação pessoal permanente que conduza ao conhecimento de seus minuciosos assuntos — de suas insignificantes notícias locais?

“Ao falar do solitário assassino arrastando seu fardo para a margem, eu já sugeri a probabilidade de que ele se serviu de um barco. Agora cabe-nos entender que Marie Rogêt foi precipitada de um barco. Este naturalmente teria sido o caso. O cadáver não poderia ter sido confiado às águas rasas do rio. As marcas peculiares nas costas e nos ombros da vítima revelam o cavername do fundo de um barco. Que o corpo foi encontrado sem um peso também corrobora essa ideia. Se lançado da margem, um peso teria sido atado a ele. Só podemos aceitar sua ausência supondo que o assassino tenha negligenciado a precaução de suprir-se com ele antes de se afastar da margem. No ato de consignar o cadáver à água, ele teria inquestionavelmente notado seu descuido; mas então nenhum recurso estaria à mão. Qualquer risco teria sido preferível ao retorno para aquela margem amaldiçoada. Após livrar-se de sua medonha carga, o assassino teria voltado apressadamente para a cidade. Lá, em algum cais obscuro, ele teria saltado à terra firme. Mas o barco — teria ele o amarrado? Ele estaria apressado demais para coisas tais como amarrar um barco. Além disso, ao prendê-lo no cais, ele teria imaginado que forneceria evidências contra si mesmo. Seu pensamento natural terá sido o de afastar de si, tão longe quanto possível, tudo o que mantinha uma conexão com o seu crime. Ele não só teria fugido do cais, mas não teria

permitido que o barco permanecesse lá. Certamente o teria lançado à deriva. Continuemos imaginando. “Pela manhã, o desgraçado é tomado pelo horror inexprimível ao descobrir que o barco fora recolhido e está mantido em um local que ele frequenta habitualmente todos os dias — um local, talvez, que seus deveres o obriguem a frequentar. Na noite seguinte, sem ousar perguntar pelo leme, ele o remove. Agora, onde está esse barco sem leme? Que seja um dos nossos primeiros propósitos descobrir. Com o primeiro vislumbre que obtivermos, a aurora de nosso êxito terá início. Esse barco há de nos guiar, com uma rapidez que vai surpreender mesmo a nós, até aquele que o usou na meia-noite do domingo fatal. Corroboração após corroboração vai surgir, e o assassino será rastreado.”

[Por razões que não especificaremos, mas que para muitos leitores parecerão óbvias, tomamos a liberdade de omitir aqui, do manuscrito que temos em mãos, algumas partes que detalham o levantamento da pista aparentemente irrelevante obtida por Dupin. Cremos recomendável apenas afirmar, em suma, que o resultado esperado foi logrado; e que a chefatura de polícia cumpriu pontualmente, ainda que com relutância, os termos de seu acordo com o cavalheiro. O artigo do sr. Poe conclui-se com as seguintes palavras. *Eds* [27](#)].

Entender-se-á que falo de coincidências e nada mais. O que já afirmei acima sobre esse tópico deve bastar. Em meu próprio coração não reside fé alguma no sobrenatural. A natureza e seu Deus são dois, nenhum homem que pensa o negará. Que o último, tendo criado a primeira, pode, quando quiser, controlá-la ou modificá-la, é também inquestionável. Repito, “quando quiser”; pois a questão se refere a vontade, e não, como a insanidade da lógica assumiu, a poder. Não se trata de que a Divindade não possa modificar suas leis, mas de que nós o insultamos ao imaginar a possível necessidade de uma mudança. Em sua origem, essas leis foram criadas para abranger todas as contingências que poderiam residir no Futuro. Com Deus, tudo é Agora.

Repito, assim, que falo dessas coisas somente como coincidências. E mais: no que relato, será observado que entre o destino da infeliz Mary Cecilia Rogers, na medida em que esse destino é conhecido, e aquele de uma certa Marie Rogêt, até certa época de sua história,

existiu um paralelo cuja surpreendente exatidão, ao ser contemplada, torna a razão desconcertada. Repito que tudo isso se observará. Mas que não se suponha, sequer por um momento, que, procedendo à triste narrativa de Marie a partir da época mencionada, e rastreando até o desfecho o mistério que a encobriu, seja meu intuito oculto insinuar uma extensão do paralelo, ou mesmo sugerir que as medidas adotadas em Paris para a descoberta do assassino de uma *grisette*, ou medidas baseadas em qualquer raciocínio similar, produziram algum resultado similar.

Pois, em respeito ao último ramo da suposição, deve-se considerar que a mais ínfima variação nos fatos dos dois casos pode dar origem aos mais significativos erros de cálculo, ao desviar totalmente os dois cursos de eventos; da mesma forma como, em aritmética, um erro que, em sua própria individualidade, pode ser inapreciável produz, ao fim, pela força da multiplicação em todos os pontos do processo, um resultado enormemente distante da verdade. E, com relação ao primeiro ramo da suposição, não devemos perder de vista que o próprio Cálculo de Probabilidades ao qual me referi proíbe toda ideia de extensão do paralelo: — proíbe-o com uma força positiva e decidida na mesma proporção com que esse paralelo já foi prolongado e tornado exato. Essa é uma daquelas proposições anômalas que, aparentemente apelando a um pensamento no todo afastado do matemático, é no entanto uma que somente o matemático pode apreciar plenamente. Nada, por exemplo, é mais difícil de que convencer o leitor meramente comum de que o fato de que o seis tenha sido duas vezes obtido em sucessão por um jogador de dados é causa suficiente para apostar com a maior das probabilidades que o seis não será logrado na terceira tentativa. Uma sugestão a isso é usualmente rejeitada de imediato pelo intelecto. Não parece que os dois lances realizados, e que agora residem absolutamente no Passado, possam ter influência no lance que existe apenas no Futuro. A chance de se lançar o seis parece ser precisamente a mesma em qualquer momento ordinário — ou seja, sujeita somente à influência dos vários outros lances que podem ser realizados com o dado. E essa é uma reflexão que parece tão excessivamente óbvia que tentativas de contradizê-la são recebidas mais frequentemente com um sorriso

sarcástico do que com algo como atenção respeitosa. O equívoco nisso envolvido — um equívoco vil que sugere uma ofensa — não pretendo expor dentro dos limites a mim designados no momento; e para o intelecto filosófico, não necessita ser exposto. Deverá ser suficiente aqui dizer que ele constitui um de uma infinita série de enganos que surgem no caminho da Razão pela sua propensão a buscar a verdade nos detalhes.

*Nil sapientiae odiosius acumine nimio**
Seneca

* Do original, em latim: "Nada é tão prejudicial à sabedoria como a excessiva sagacidade".

A CARTA
FURTIADA

Em Paris, logo depois do escurecer de uma tormentosa noite do outono de 18—, estava eu fruindo do duplo prazer da meditação e de um cachimbo de *meerscham* na companhia de meu amigo C. Auguste Dupin, na sua pequena biblioteca dos fundos, ou “*closet* de livros”, no *troisième*, n. 33, Rue Dunôt, Fauburg St. Germain. Por ao menos uma hora, preservamos um profundo silêncio, enquanto cada um de nós, para qualquer observador casual, poderia ter parecido atenta e exclusivamente ocupado com os redemoinhos encaracolados de fumaça que oprimiam a atmosfera do cômodo. Quanto a mim, no entanto, estava mentalmente debatendo certos assuntos que foram objeto de conversação entre nós em um momento anterior dessa mesma noite; refiro-me ao caso da Rue Morgue, e ao mistério envolvendo o assassinato de Marie Rogêt. Interpretei, portanto, como uma espécie de coincidência o momento em que a porta de nosso apartamento foi abruptamente aberta e deu passagem ao nosso velho conhecido, Monsieur G., o chefe da polícia parisiense.

Nós o recebemos com cordialidade; pois havia quase a metade de divertimento do que era desprezível no homem, e não o víamos por vários anos. Estávamos sentados no escuro, e Dupin se levantou com o propósito de acender uma lamparina, mas sentou-se novamente, sem

o fazer, quando G. disse que tinha vindo para nos consultar, ou ainda para perguntar a opinião de meu amigo sobre algum assunto oficial que causara uma grande quantidade de problemas.

“Se o caso está de alguma forma exigindo reflexão”, observou Dupin, enquanto desistia de acender o pavio, “vamos examiná-lo melhor no escuro.”

“Este é mais um de seus conceitos esquisitos”, disse o chefe de polícia, que tinha o costume de chamar de “esquisito” tudo o que estava além de sua compreensão, e que assim vivia em meio a uma verdadeira legião de “esquisitices”.

“A mais pura verdade”, disse Dupin, enquanto oferecia ao visitante um cachimbo, e empurrava uma confortável poltrona em sua direção.

“E qual é a dificuldade agora?”, perguntei eu. “Nada no terreno dos assassinatos, espero?”

“Oh, não; nada dessa natureza. O fato é que o caso é muito simples, e não tenho dúvida de que nós mesmos podemos cuidar dele suficientemente bem; mas aí pensei que Dupin gostaria de ouvir os detalhes, porque o caso é tão excessivamente estranho.”

“Simples e estranho”, disse Dupin.

“Ora, sim; e não exatamente isso, tampouco. O fato é que todos ficamos um tanto confusos, porque o caso é tão simples, e, contudo, nos desconcerta por completo.”

“Talvez seja a própria simplicidade da coisa que leva vocês ao erro”, afirmou meu amigo.

“Mas quantas bobagens você fala!”, respondeu o chefe de polícia, rindo cordialmente.

“Talvez o mistério seja um tanto singelo demais”, disse Dupin.

“Oh, céus! Quem jamais ouviu ideia assim?”

“Um tanto evidente demais.”

“Ha! Ha! Ha-ha! Ha! Ha! — Ho! Ho! Ho!”, rugiu nosso visitante, profundamente divertido. “Oh, Dupin, você ainda vai me matar!”

“E qual é, afinal, o assunto em questão?”, perguntei eu.

“Ora, vou contar a vocês”, replicou o chefe de polícia enquanto dava uma longa, firme e contemplativa baforada e se acomodava em sua poltrona. “Contarei tudo com poucas palavras; mas, antes de começar, permitam-me preveni-los de que se trata de um caso que exige o mais

estrito sigilo, e que eu muito provavelmente perderia o cargo em que estou, caso seja conhecido que o confiei a qualquer pessoa."

"Prossiga", disse eu.

"Ou não", disse Dupin.

"Muito bem; recebi informações pessoais, de uma pessoa altamente posicionada, de que um certo documento de máxima importância foi furtado dos aposentos reais. O indivíduo que o furtou é conhecido; isso, sem sombra de dúvida; ele foi visto pegando-o. É sabido, também, que o documento permanece em sua posse."

"Como sabem disso?", perguntou Dupin.

"Infere-se claramente", respondeu o chefe de polícia, "da natureza do documento, e do não surgimento de alguns resultados que imediatamente apareceriam caso o documento saísse da posse do ladrão: ou seja, de seu emprego como ele deve planejar fazer, no final."

"Seja um pouco mais explícito", eu disse.

"Bem, posso arriscar um pouco mais dizendo que o papel dá, a quem o possui, um certo poder em um certo círculo em que esse poder é imensamente valioso." O chefe de polícia apreciava o jargão da diplomacia.

"Ainda não entendo", disse Dupin.

"Não? Bem; a divulgação do documento para uma terceira pessoa, que deve permanecer não identificada, colocaria em questão a honra de uma personagem da mais exaltada posição; e esse fato confere, ao detentor do documento, uma ascendência sobre a ilustre personagem, cujas honra e paz ficam deste modo ameaçadas."

"Mas essa ascendência", interfeiri, "dependeria do conhecimento do ladrão de que a pessoa furtada soubesse a identidade desse ladrão. Quem ousaria..."

"O ladrão", disse G., "é o Ministro D., que é capaz de todas as coisas, tanto as apropriadas quanto as inapropriadas para um homem. O método do furto não foi menos engenhoso do que ousado. O documento em questão — uma carta, para ser franco — fora recebido pela personagem furtada enquanto ela estava sozinha no *boudoir* ¹ real. Enquanto a lia, ela foi subitamente interrompida pela entrada de outra personagem renomada, da qual especialmente ela desejava ocultar a carta. Depois do esforço apressado e vão de lançá-la em uma

gaveta, ela foi forçada a colocá-la, aberta como estava, em uma mesa. O endereço, contudo, estava na parte de cima, e, o conteúdo estando assim oculto, a carta não chamou atenção. Neste momento, entrou o Ministro D. Seus olhos de lince imediatamente percebem o papel, reconhecem a caligrafia do remetente, observam a confusão da personagem destinatária e penetram seu segredo. Depois de algumas transações de negócios apressadamente realizadas, como é sua maneira habitual, ele tira do bolso uma carta um tanto parecida com aquela em questão, abre-a, finge lê-la e então a coloca em justaposição à outra. Mais uma vez ele conversa, por cerca de quinze minutos, sobre os assuntos públicos. Enfim, ao partir, ele retira da mesa a carta sobre a qual não tinha direitos. A proprietária legítima da carta viu isso, mas, claro, não ousou chamar atenção ao fato na presença da terceira personagem que estava ao seu lado. O ministro escapou; deixando sua própria carta — uma que não tinha importância — na mesa.”

“Aqui, então”, disse-me Dupin, “você tem precisamente o necessário para tornar a ascendência completa — o conhecimento do ladrão de que a pessoa furtada conhece a identidade do ladrão.”

“Sim”, respondeu o chefe de polícia; “e o poder assim obtido tem sido manejado, já por alguns meses, com propósitos políticos, tendo chegado a uma extensão bastante perigosa. A personagem furtada está completamente convencida, todos os dias, da necessidade de reaver sua carta. Mas isso, claro, não pode ser feito abertamente. Enfim, conduzida ao desespero, ela submeteu o caso a mim”.

“E qual”, disse Dupin em meio a um perfeito redemoinho de fumaça, “agente mais sagaz poderia, suponho, ser desejado, ou sequer imaginado?”

“Você me lisonjeia”, respondeu o chefe de polícia; “mas, sim, é possível que uma opinião assim tenha sido formada.”

“Está claro”, disse eu, “como o senhor observou, que a carta ainda se encontra na posse do ministro; já que é essa posse, e não qualquer emprego da carta, que lhe outorga o poder. Com o uso, o poder se vai.”

“É verdade”, disse G.; “e com essa convicção eu prossegui. Meu primeiro passo foi realizar uma busca completa na mansão do ministro; e aqui a minha principal complicação reside na necessidade de procurar sem o seu conhecimento. Acima de tudo, fui avisado sobre

o perigo que resultaria de dar, a ele, razão para suspeitar de nosso intuito."

"Mas", disse eu, "você está totalmente *au fait* ²—com essas investigações. A polícia parisiense já fez isso muitas vezes."

"Oh, sim; e por essa razão eu não me desesperarei. Os hábitos do ministro me deram, também, uma grande vantagem. Ele está frequentemente ausente de casa durante toda a noite. Seus criados não são de modo algum numerosos. Eles dormem distantes dos aposentos de seu senhor, e, sendo na maior parte napolitanos, ficam rapidamente bêbados. Tenho chaves, como vocês sabem, com as quais posso abrir qualquer quarto ou gabinete em Paris. Por três meses, não se passou uma noite em cuja maior parte eu não tenha me envolvido, pessoalmente, em revistar a mansão D. Minha honra está interessada nisso, e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. Então não abandonei a busca até que estivesse totalmente convencido de que o ladrão é um homem mais astuto do que eu. Imagino que tenha investigado cada escaninho e cada recanto do local nos quais é possível que o papel esteja escondido."

"Mas não será possível", sugeri, "que, apesar de a carta estar na posse do ministro, como inquestionavelmente está, ele a tenha escondido em outro lugar que não sua própria mansão?"

"Isso é pouco possível", afirmou Dupin. "As peculiares condições atuais na corte, e especialmente as intrigas em que se sabe que D. está envolvido, tornariam a disponibilidade imediata do documento — sua suscetibilidade de ser apresentado em um instante — um ponto praticamente tão importante quanto sua posse."

"Sua suscetibilidade de ser apresentado?", disse eu.

"Ou seja, de ser destruído", disse Dupin.

"É verdade", observei; "então, claramente o papel está no local. Quanto a estar *com* o ministro, podemos considerar essa hipótese como fora de questão."

"Totalmente", afirmou o chefe de polícia. "Ele foi abordado de surpresa duas vezes, como se por salteadores, e sua pessoa foi rigorosamente revistada sob minha própria inspeção."

"Você poderia ter se poupado desse problema", disse Dupin. "D., presumo eu, não é em absoluto um tolo, e deve ter se antecipado a

essas abordagens, é claro."

"Não é em absoluto um tolo", disse G., "mas ocorre que ele é um poeta, o que eu entendo como estar somente a um passo de um tolo."

"Verdade", afirmou Dupin, depois de uma longa e pensativa baforada de seu *meerschaum*, "apesar de eu mesmo ser culpado de certos versos."

"Suponhamos que você detalhe", falei eu, "os métodos da sua investigação."

"Ora, o fato é que não tivemos pressa e procuramos por toda parte. Tenho longa experiência nesses casos. Passei por todo o edifício, cômodo por cômodo; dedicando as noites de toda uma semana para cada um. Examinamos, primeiramente, a mobília de cada aposento. Abrimos todas as gavetas possíveis; e presumo que vocês saibam que, para um agente de polícia apropriadamente treinado, algo como uma gaveta secreta é inconcebível. Qualquer homem que permita que uma gaveta 'secreta' lhe escape em uma busca desse tipo é um estúpido. A coisa é tão simples. Há uma certa quantidade de massa — de espaço — a ser considerada em cada gabinete. Então, temos regras precisas. A quinquagésima parte de uma linha não poderia nos escapar. Depois dos gabinetes, investigamos as cadeiras. As almofadas nós sondamos com agulhas longas e finíssimas que vocês já me viram usar. Das mesas, removemos os tampos."

"Por quê?"

"Às vezes o tampo de uma mesa, ou de outra peça de mobília arranjada de forma similar, é removido pela pessoa que deseja esconder um objeto; então a perna da mesa é escavada, o objeto é depositado dentro da cavidade, e o tampo é recolocado. Os pés e as cabeceiras das colunas de camas de dossel são empregados da mesma forma."

"Mas a cavidade não poderia ser detectada por meio de ressonância?", perguntei.

"De modo algum se, ao depositar-se o objeto, um chumaço suficiente de algodão for colocado ao seu redor. Além disso, no nosso caso, fomos obrigados a proceder sem ruídos."

"Mas vocês não podiam remover — vocês não podiam desmontar *todas* as peças de mobília em que seria possível colocar o objeto da

maneira que você menciona. Uma carta pode ser comprimida em um fino rolo espiralado, não diferindo muito, na forma ou na massa, de uma grande agulha de tricô, e nesta forma ela pode ser inserida no suporte de uma cadeira, por exemplo. Vocês desmontaram todas as cadeiras?"

"Certamente não; mas nós fizemos melhor — examinamos os suportes de todas as cadeiras da mansão, bem como as articulações de cada peça de mobília, com a ajuda do mais poderoso microscópio. Caso houvesse traços de uma alteração recente, nós não falharíamos em detectá-los instantaneamente. Um simples grão de pó de serragem, por exemplo, teria sido tão evidente como uma maçã. Qualquer desordem na colagem — qualquer espaço irregular nas juntas — teria bastado para garantir a detecção."

"Presumo que vocês examinaram os espelhos, também entre as chapas de vidro e as molduras, e que sondaram as roupas de cama, assim como as cortinas e os tapetes."

"É claro; e quando tínhamos repassado absolutamente cada partícula da mobília dessa forma, então examinamos a casa em si. Nós dividimos toda a sua superfície em compartimentos, que numeramos, para que nenhum fosse ignorado; então investigamos cada centímetro quadrado do local, incluindo as duas casas imediatamente adjacentes, usando o microscópio, como antes."

"As duas casas adjacentes!", exclamei; "vocês devem ter tido um trabalho imenso."

"Tivemos; mas a recompensa oferecida é prodigiosa!"

"Vocês incluíram os terrenos ao redor das casas?"

"Todos os terrenos estão pavimentados com tijolos. Comparativamente, eles nos deram pouco trabalho. Nós examinamos o musgo entre os tijolos, e o encontramos intocado."

"Vocês olharam os papéis de D., naturalmente, e os livros na biblioteca?"

"Certamente; abrimos cada pacote e cada encomenda; não só abrimos cada livro, mas folheamos cada página de cada volume, sem nos contentarmos com uma mera sacudida, como é a prática de alguns de nossos oficiais de polícia. Também medimos a espessura de todas as capas dos livros, com a aferição mais acurada, e aplicamos a

cada uma o exame mais cuidadoso do microscópio. Se algum encadernamento tivesse sido alterado recentemente, seria no todo impossível que o fato escapasse à nossa observação. Nós sondamos cuidadosamente a longitude de cerca de cinco ou seis volumes, que tinham acabado de chegar do encadernador, com as agulhas."

"Vocês exploraram os assoalhos abaixo dos tapetes?"

"Sem sombra de dúvida. Removemos todos os tapetes e examinamos as tábuas com o microscópio."

"E o papel de parede?"

"Sim."

"Vocês olharam os porões?"

"Olhamos."

"Então", disse eu, "vocês cometeram um erro de cálculo, e a carta não está no local, como supuseram."

"É bem isso que temo", disse o chefe de polícia. "E agora, Dupin, o que você me aconselharia a fazer?"

"Reexaminar minuciosamente o local."

"Isso é em absoluto inútil", respondeu G., "tão certo quanto respiro é que a carta não está na mansão."

"Não tenho conselho melhor a lhe dar", disse Dupin. "Você tem, naturalmente, uma descrição precisa da carta?"

"Oh, sim!" — E aqui o chefe de polícia, retirando do bolso um livro-memorando, procedeu a ler em voz alta o minucioso relato da aparência interna, e especialmente externa, do documento desaparecido. Logo depois de terminar a leitura dessa descrição, ele partiu, em um estado de depressão ainda maior do que eu jamais vira tal cavalheiro demonstrar antes. Cerca de um mês depois ele nos fez outra visita, e nos encontrou ocupados de maneira muito semelhante à anterior. Ele pegou um cachimbo e uma poltrona e iniciou alguma conversa ordinária. Finalmente, falei:

"Bem, então, G., no que deu a carta furtada? Presumo que você enfim tenha se convencido de que não é possível superar o Ministro?"

"Que ele vá para o inferno, digo eu — sim; realizei uma nova investigação, conforme Dupin sugeriu — mas foi trabalho perdido, como eu sabia que seria."

"De quanto era a recompensa oferecida que você mencionou?", perguntou Dupin.

"Ora, uma quantia muito grande — uma recompensa muito pródiga — não gosto de dizer quanto, precisamente; mas uma coisa posso afirmar, que não me importaria em dar um cheque particular meu de cinquenta mil francos a qualquer um que conseguisse aquela carta para mim. O fato é que isso está ganhando mais e mais importância a cada dia; e a recompensa foi recentemente dobrada. No entanto, mesmo que fosse triplicada, eu não poderia fazer mais do que já fiz."

"Ora, sim", disse Dupin, atentamente, entre as baforadas de seu *meerschau* , "Eu realmente — pense, G., você não se empenhou — ao máximo nesse assunto. Você poderia — fazer um pouco mais, creio, hein?"

"Como? — De que forma?"

"Ora — *puff, puff* — você poderia — *puff, puff* — aconselhar-se a respeito da questão, hein? — *puff, puff, puff* . Você se lembra da história que contam sobre Abernethy?"

"Não; que Abernethy seja enforcado!"

"Certamente! Será muito bem feito. Mas era uma vez um certo avarento rico que concebeu o desejo de obter uma opinião médica gratuita desse Abernethy. Conduzindo para esse propósito uma conversa ordinária na companhia de amigos, ele insinuou seu caso para o médico como se fosse o de um indivíduo imaginário. 'Vamos supor', disse o avarento, 'que seus sintomas sejam tais e tais; agora, doutor, qual orientação você teria dado a ele?' 'Orientação!' disse Abernethy, 'ora, que ele se aconselhe, com certeza.'"

"Mas", disse o chefe de polícia, algo desconcertado, "estou perfeitamente disposto a me aconselhar, e a pagar por isso. Realmente daria cinquenta mil francos a qualquer um que me ajudasse na questão."

"Neste caso", devolveu Dupin, abrindo uma gaveta e retirando dela um talão de cheques, "o senhor pode muito bem preencher um cheque em meu nome no valor mencionado. Depois que o senhor assinar, vou lhe dar a carta."

Eu estava espantado. O chefe de polícia pareceu ter sido atingido por um trovão. Por alguns minutos, ele permaneceu mudo e imóvel, olhando incredulamente e boquiaberto para meu amigo, e com olhos que pareciam saltar das órbitas; então, tendo aparentemente se recuperado em certa medida, ele pegou uma caneta e, depois de inúmeras pausas e olhares vagos, finalmente preencheu e assinou um cheque de cinquenta mil francos e passou-o sobre a mesa para Dupin. Este o examinou cuidadosamente e o depositou em seu livro de bolso; então, destrancando uma *escritoire* ³, tirou dela a carta e a deu ao chefe de polícia. O oficial agarrou-a na perfeita agonia da alegria, abriu-a com uma mão trêmula, olhou de relance o conteúdo, e então, correndo e tropeçando até a porta, enfim apressou-se sem cerimônia para fora da sala e da casa, sem ter proferido uma sílaba sequer desde que Dupin lhe pediu para preencher o cheque.

Após ele ter partido, meu amigo procedeu a algumas explicações.

“A polícia parisiense”, ele disse, “é extremamente hábil a seu modo. Eles são perseverantes, engenhosos, astutos e completamente versados no conhecimento que seus deveres parecem exigir, no geral. Assim, quando G. detalhou para nós seu método de revistar os aposentos da mansão D., tive total confiança de que ele realizou uma investigação satisfatória — dentro dos limites até os quais se estenderam seus trabalhos.”

“Dentro dos limites?”, disse eu.

“Sim”, disse Dupin. “As medidas adotadas foram não apenas as melhores disponíveis, mas conduzidas com absoluta perfeição. Se a carta tivesse sido colocada dentro do alcance de sua busca, esses camaradas a teriam encontrado, sem sombra de dúvida.”

Eu somente ri — mas ele parecia muito sério em tudo o que dizia.

“As medidas, então”, continuou, “foram boas à sua maneira, e bem-executadas: seu defeito reside no fato de que não eram aplicáveis ao caso, nem ao homem em questão. Um certo conjunto de recursos altamente engenhosos são, para o chefe de polícia, uma espécie de cama de Procusto ⁴, à qual ele forçadamente adapta suas intenções. Mas ele erra perpetuamente por ser profundo demais ou raso demais, para o caso em questão; e muitos garotos de escola são capazes de raciocinar melhor do que ele. Conheci um de oito anos cujo sucesso

no jogo de 'par ou ímpar' atraiu admiração universal. Esse jogo é simples, e é jogado com bolinhas de gude. Um jogador segura em sua mão um número desses objetos e pergunta ao outro se tal número é par ou ímpar. Se a adivinha estiver certa, o jogador ganha uma bolinha; se estiver errada, perde uma. O menino que menciono ganhou todas as bolinhas da escola. Claro que ele tinha algum princípio de adivinhação; e isso estava na mera observação e na avaliação da astúcia de seus oponentes. Por exemplo, um rematado simplório é seu oponente e, erguendo sua mão fechada, ele pergunta, 'é par ou ímpar?' Nosso menino responde 'ímpar', e perde; mas na segunda tentativa, ele vence, porque diz a si mesmo: 'esse bobo tinha um número par na primeira tentativa, e sua destreza só é suficiente para que tenha um número ímpar na segunda; vou, então, dizer ímpar'; — ele diz ímpar, e ganha. Ora, com um simplório que esteja um nível acima do primeiro, ele teria raciocinado da seguinte forma: 'este camarada sabe que na primeira vez eu disse ímpar, e, na segunda, ele vai propor a si mesmo, no primeiro impulso, uma simples variação de par para ímpar, como fez o primeiro bobalhão; mas então um segundo pensamento vai sugerir que essa é uma variação simples demais, e finalmente ele vai decidir por colocar ímpar, como antes. Então, vou dizer ímpar'; — ele diz ímpar, e ganha. Ora, esse modo de raciocinar do menino de escola, a quem seus colegas chamavam de 'sortudo', — qual, em última análise, é?"

"É meramente", afirmei eu, "uma identificação de seu intelecto com aquele de seu oponente."

"É isso", disse Dupin, "e, quando perguntei ao menino que meios ele empregava para obter a tão completa identificação em que se baseava seu sucesso, recebi a seguinte resposta: 'quando desejo descobrir quão inteligente, ou quão estúpido, ou quão bom, ou quão maldoso é alguém, ou quais são seus pensamentos em dado momento, eu mudo a expressão de meu rosto, tão precisamente quanto possível, de acordo com a expressão que percebo no dele, e então espero para ver quais pensamentos ou sentimentos surgem em minha mente ou em meu coração, como se para corresponder à mesma expressão'. Essa resposta do menino da escola reside na profundidade espúria que foi atribuída a Rochefoucault, a La Bougive, a Machiavelli e a Campanella [5](#)."

“E a identificação”, disse eu, “do intelecto de quem raciocina com aquele de seu oponente depende, se lhe entendo corretamente, da acurácia com que o intelecto do oponente é avaliado.”

“Para seu valor prático, depende disso”, respondeu Dupin; “e o chefe da polícia e seu grupo falham assim frequentemente, em primeiro lugar, pela ausência dessa identificação, e, em segundo, pela má avaliação, ou ainda por não avaliarem o intelecto com o qual se envolvem. Eles consideram somente suas próprias ideias de engenhosidade; e, ao procurarem por algo escondido, enfocam apenas modos pelos quais eles próprios o teriam escondido. Eles têm razão até certo ponto — que sua própria engenhosidade seja uma representação fidedigna daquela das massas; mas quando a astúcia do criminoso é de caráter diferente da sua própria, então o criminoso os despista, é claro. Isto sempre acontece quando a esperteza é superior, e muito usualmente quando é inferior. Eles não têm variações no princípio de suas investigações; no máximo, quando solicitados por alguma emergência incomum — por alguma recompensa extraordinária —, eles estendem ou exageram seus velhos métodos de prática, sem ao menos tocar nos seus princípios. O que, por exemplo, neste caso de D., foi feito para variar o princípio de ação? O que são todas essas perfurações, e sondagens, e exames e escrutínios com o microscópio, e essa divisão da superfície do edifício em centímetros quadrados registrados — o que é tudo isso senão um exagero da aplicação de um princípio ou de um conjunto de princípios de investigação, que se baseiam em uma única série de noções relacionadas à engenhosidade humana, à qual o chefe de polícia, na longa rotina de seu trabalho, acostumou-se? Você não vê que ele deu por certo que todos os homens que precisam ocultar uma carta o fazem — não exatamente em um buraco de serragem feito na perna de uma cadeira —, mas, pelo menos, em algum recanto fora do caminho, sugerido pela mesma linha de raciocínio que levaria um homem a esconder uma carta em um buraco de serragem feito na perna de uma cadeira? E você não vê também que tais escaninhos *recherchés* ⁶ para ocultamento são adaptados somente para ocasiões ordinárias, e seriam adotados somente por intelectos ordinários; pois, em todos os casos de ocultamento, a revelação do artigo oculto — a

sua revelação nessa maneira *recherché* — é, em primeiríssimo lugar, presumível e presumida; e assim sua descoberta depende não tanto da perspicácia, mas antes de mero cuidado, paciência e determinação dos investigadores; e quando o caso tem importância — ou, o que equivale à mesma coisa para os olhos da polícia, quando a recompensa é de grande magnitude —, as qualidades em questão nunca falharam. Você agora vai entender o que eu quis dizer ao sugerir que, se a carta furtada tivesse sido escondida em qualquer lugar dentro dos limites de investigação do chefe de polícia — em outras palavras, se o princípio de seu ocultamento fosse alcançado pelos princípios do chefe de polícia —, não haveria dúvida alguma sobre sua descoberta. Esse funcionário, contudo, foi completamente enganado; e a fonte remota de sua derrota reside na suposição de que o Ministro seja um tolo, porque ele obteve fama como poeta. Todos os tolos são poetas; assim pensa o chefe de polícia; e ele é meramente culpado de um *non distributio medii* ⁷ em assim inferir que todos os poetas são tolos."

"Mas este é realmente o poeta?", perguntei. "São dois irmãos, sei disso; e ambos obtiveram reputação nas letras. O Ministro, creio, escreveu ensaios eruditos sobre o Cálculo Diferencial. Ele é matemático, não poeta."

"Você está enganado; conheço-o bem; ele é ambos. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não poderia ter raciocinado, e assim estaria à mercê do chefe de polícia."

"Você me surpreende", eu disse, "com essas opiniões, que contrariam a maioria das pessoas. Você não pretende questionar uma ideia já bem estabelecida há séculos. A razão matemática há muito tempo vem sendo considerada a razão por excelência."

"*Tl y a à parier*", respondeu Dupin, citando Chamfort, "*que toute idée publique, toute convention reçue est une sottise, car elle a convenue au plus grand nombre* ⁸". Os matemáticos, eu lhe garanto, fizeram o melhor que podiam para promulgar o equívoco popular ao qual você alude, e que no entanto não é um erro menor por sua promulgação como expressão da verdade. Com um artifício que merece causa melhor, por exemplo, eles insinuaram o termo 'análise' na aplicação da álgebra. Os franceses são os originadores desse engano em

particular; mas se um termo tem qualquer importância — se palavras retiram qualquer valor de sua aplicabilidade —, então ‘análise’ convém a ‘álgebra’ da mesma forma que, em latim, ‘*ambitus*’ implica ‘*ambição*’, ‘*religio*’, ‘religião’, ou ‘*homines honesti*’, um conjunto de homens honrados [9](#).

“Vejo que você está querendo briga”, disse eu, “com alguns algebristas de Paris; mas prossiga.”

“Contesto a utilidade, e assim o valor, daquela razão que é cultivada de qualquer forma especial que não seja a abstratamente lógica. Contesto, em particular, a razão inferida pelo estudo matemático. A matemática é a ciência da forma e da quantidade; o raciocínio matemático é meramente lógica aplicada à observação da forma e da quantidade. O grande erro reside em supor que mesmo as verdades daquilo que é chamado pura álgebra são verdades abstratas ou genéricas. E esse erro é tão egrégio que fico impressionado diante da universalidade de sua aceitação. Axiomas matemáticos não são axiomas da verdade geral. O que é verdadeiro quanto à relação — de forma e quantidade — é frequentemente falso no que diz respeito à moral, por exemplo. Nesta última ciência, muito comumente é uma inverdade que as partes somadas sejam iguais ao todo. Na química também o axioma falha. Na consideração dos motivos ele falha; por dois motivos, cada um de um dado valor, ao serem unidos, não têm, necessariamente, um valor que seja igual à soma de seus valores separados. Há numerosas outras verdades matemáticas que são apenas verdades dentro dos limites da relação. Mas o matemático argumenta, a partir de suas verdades finitas, pela força do hábito, como se elas fossem de uma aplicabilidade geral absoluta — como de fato o mundo imagina que elas sejam. Bryant [10](#), em sua tão erudita ‘Mitologia’, menciona uma fonte de erro análoga quando diz que ‘ainda que as fábulas pagãs não sejam acreditadas, esquecemo-nos continuamente disso, e fazemos inferências a partir delas como se fossem realidades existentes’. Entre os algebristas, entretanto, que são eles mesmos pagãos, as ‘Fábulas pagãs’ são acreditadas, e as inferências são feitas, não tanto por lapsos de memória, mas por uma incompreensível confusão de seus cérebros. Em suma, ainda não encontrei um único matemático digno de confiança fora do campo

das raízes quadradas, ou um que, ao menos clandestinamente, não considerasse uma certeza que $x^2 + px$ fosse absoluta e incondicionalmente igual a q . Diga a um desses cavalheiros, a título de experimento, por favor, que você acredita que possam ocorrer ocasiões em que $x^2 + px$ não é totalmente igual a q , e, tendo feito com que ele entenda o que você quer dizer, saia do seu alcance o mais depressa possível, pois, sem dúvida, ele vai tentar nocauteá-lo.

“O que eu quis dizer”, continuou Dupin enquanto eu simplesmente ri de suas últimas colocações, “é que, se o Ministro fosse nada além de um matemático, o chefe de polícia não teria necessidade de me dar seu cheque. Eu o reconheço, no entanto, como sendo matemático e poeta, e minhas medidas foram adaptadas às suas capacidades, com referência às circunstâncias que o cercavam. Conheço-o como um palaciano, também, e como um ousado conspirador. Tal homem, considere eu, não poderia falhar em reconhecer os métodos de ação habituais da polícia. Ele não poderia falhar em antecipar — e os eventos provaram que ele de fato não falhou em antecipar — as abordagens a que foi submetido. Ele deve ter previsto, refleti eu, as investigações secretas em sua residência. Suas frequentes ausências de casa à noite, que foram celebradas pelo chefe de polícia como auxílios seguros para seu sucesso, encarei somente como estratégias, de modo a oferecer, à polícia, oportunidades para uma busca completa, e assim, o quanto antes, conduzi-los à convicção a que G., de fato, acabou chegando — a convicção de que a carta não estava no local. Constatei, também, que toda a cadeia de pensamentos, que tive certa dificuldade em detalhar para você agora mesmo, no que se refere o princípio invariável da ação policial em buscas por objetos escondidos — constatei que toda essa cadeia de pensamentos teria necessariamente passado pela mente do Ministro. Esse encadeamento iria imperativamente levá-lo a desprezar todos os recantos ordinários destinados à ocultação. Ele não poderia, refleti eu, ser tão imprevidente a ponto de não imaginar que o mais intrincado e remoto recesso de sua mansão estaria tão acessível aos olhos, às sondagens, à serragem e aos microscópios do chefe de polícia quanto o mais comum dos guarda-roupas. Percebi, enfim, que ele seria conduzido, naturalmente, à simplicidade, se não deliberadamente

induzido a ela por uma questão de escolha. Você vai se recordar, talvez, do quão desesperadamente o chefe de polícia riu quando eu sugeri, na ocasião de nossa primeira entrevista, que era bastante possível que esse mistério o perturbasse de tal forma pelo fato de ser tão evidente em si mesmo."

"Sim", disse eu, "lembro-me bem de seu divertimento. Realmente pensei que ele teria convulsões."

"O mundo material", continuou Dupin, "está repleto de analogias muito próximas do imaterial; e assim, alguns tons de verdade foram aplicados ao dogma retórico de que metáforas, ou símiles, podem ser realizadas para fortalecer um argumento, assim como para embelezar uma descrição. O princípio da *vis inertiae* [11](#), por exemplo, parece ser idêntico na física e na metafísica. Não é mais verdade, para a primeira, que um grande corpo enfrente maiores dificuldades para ser colocado em movimento do que um corpo menor, e que seu impulso subsequente seja proporcional a essa dificuldade, do que é verdade, para a última, que intelectos de capacidade mais vasta, ainda que mais firmes, constantes e hábeis em seus movimentos do que aqueles de menor grau, são no entanto os que se movem com menos facilidade, e são mais acabrunhados e cheios de hesitação nos primeiros passos de seus progressos. Novamente: você já percebeu qual dos sinais de trânsito, colocados diante das portas das lojas, é o que mais atrai a atenção?"

"Nunca dediquei um pensamento a isso", eu disse.

"Existe um jogo de adivinhação", ele retomou, "que é jogado com um mapa. Um dos participantes pede que o outro encontre uma palavra específica — nome da cidade, do rio, estado ou império —, qualquer palavra, em suma, na variegada e intrincada superfície cartográfica. Um novato no jogo geralmente tenta confundir seus oponentes ao dar a eles nomes escritos em letras minúsculas; mas o adepto seleciona palavras que se estendem, em grandes caracteres, de uma extremidade a outra do mapa. Essas, assim como os sinais e cartazes de rua que tenham letras grandes demais, escapam à observação pelo motivo de serem excessivamente óbvias; e aqui o lapso físico é precisamente análogo ao equívoco moral segundo o qual o intelecto se sujeita a não perceber aquelas considerações que

são tão notável e palpavelmente evidentes em si. Mas este é um ponto, parece, que está algo acima ou abaixo da compreensão do chefe de polícia. Nem por um momento ele cogitou ser provável, ou possível, que o Ministro tivesse depositado a carta imediatamente debaixo do nariz de todo o mundo, como a melhor forma de evitar que qualquer parte desse mundo a percebesse.

“Mas, quanto mais eu refletia sobre a desafiadora, arrojada e distinta engenhosidade de D.; diante ainda do fato de que o documento devia sempre estar à mão, se ele pretendesse usá-lo com algum propósito; e diante da evidência decisiva, obtida pelo chefe de polícia, de que o documento não estava escondido dentro dos limites da busca ordinária realizada por esse dignitário —, mais convencido tornei-me de que, para ocultar essa carta, o Ministro recorreu ao compreensível e sagaz expediente de não ocultá-la em absoluto.

“Cheio dessas ideias, preparei-me com um par de óculos verdes e, em uma bela manhã, visitei, como se por acidente, a mansão ministerial. Encontrei D. em casa, bocejando, espreguiçando-se e à vontade, como de costume, e fingindo padecer do mais extremado *énnuï* [12](#). Ele é, talvez, o ser humano vivo mais verdadeiramente enérgico — mas isso, apenas quando ninguém o vê.

“Para colocar-me em igualdade com ele, reclamei de meus olhos fracos, e lamentei a necessidade dos óculos, sob cuja cobertura eu cuidadosa e detalhadamente investigava todo o apartamento, enquanto parecia atento apenas à conversa de meu anfitrião.

“Dediquei atenção especial a uma grande escrivaninha perto da qual ele estava sentado, e na qual havia uma porção emaranhada de cartas e outros papéis, um ou dois instrumentos musicais e alguns livros. Aqui, no entanto, depois de um longo e deliberado escrutínio, não vi nada que levantasse qualquer suspeita em particular.

“Finalmente meus olhos, enquanto circulavam pela sala, recaíram sobre uma pacotilha barata, feita de papelão filigranado, para acomodar cartões, pendurada por uma fita azul e encardida, presa a uma pequena maçaneta de latão logo abaixo do centro da cornija da lareira. Nessa pacotilha, que tinha três ou quatro compartimentos, havia cinco ou seis cartões de visita e uma carta solitária. Esta última estava muito suja e amassada. Tinha sido rasgada quase em dois, pela

metade — como se a intenção, no primeiro momento, de destruí-la totalmente como algo inútil tivesse sido alterada, ou suspensa, no segundo momento. A carta tinha um grande selo negro, carregando o sinete de D. muito conspicuamente, e era endereçada, com uma letra pequena e feminina, ao próprio Ministro D. Tinha sido atirada descuidadamente, e até mesmo com desprezo, em uma das divisões superiores da pacotilha.

“Tão logo olhei de relance para a carta, concluí que tinha que ser aquela que eu procurava. Com certeza era, para todas as aparências, radicalmente diferente daquela que o chefe de polícia descrevera tão minuciosamente para nós. Aqui o selo era grande e negro, com o sinete de D.; na carta descrita, era pequeno e vermelho, com as armas ducais da família S. Esta era endereçada ao Ministro, com letra diminuta e feminina; naquela, o sobrescrito, para uma certa personagem da realeza, era notadamente ousado e decidido; somente o tamanho das duas cartas formava um ponto de correspondência. Mas, então, a radicalidade dessas diferenças, que era excessiva; a sujeira; a condição manchada e rasgada do papel, tão inconsistente com os verdadeiros hábitos metódicos de D., tão sugestiva de uma intenção de iludir quem o contemplasse e passar a ideia de uma correspondência sem valor; essas coisas, juntamente com a situação mais do que evidente do documento, totalmente à vista de qualquer visitante, estando assim em exato acordo com as conclusões a que eu havia chegado antes; essas coisas, repito, corroboravam fortemente as suspeitas de alguém que viera com a intenção de suspeitar.

“Prolonguei a minha visita o máximo possível, e, enquanto sustentava a mais animada conversação com o Ministro sobre um assunto que, eu sabia, jamais falhava em interessá-lo e excitá-lo, mantive minha atenção fixa na carta. Neste exame, guardei na memória a sua aparência externa e o seu arranjo na pacotilha; e, enfim, fiz também uma descoberta que colocou de lado qualquer dúvida trivial que eu pudesse ter. Ao investigar as bordas do papel, reparei que estavam mais desgastadas do que parecia necessário. Elas apresentavam a aparência quebrada que é manifesta quando um papel rígido, tendo sido dobrado uma vez e pressionado com um dobrador, é aberto e dobrado novamente na direção inversa, usando-

se os mesmos vincos ou arestas que formaram as dobras originais. Essa descoberta foi suficiente. Estava claro para mim que a carta fora virada do avesso, como uma luva, dobrada novamente e selada outra vez. Desejei um bom dia ao Ministro e fui embora de imediato, deixando uma caixinha dourada de rapé na mesa.

“Na manhã seguinte voltei para pegar a caixinha, quando retomamos, muito acaloradamente, a conversa do dia precedente. Enquanto estávamos assim envolvidos, um estouro alto, como de uma pistola, foi ouvido imediatamente abaixo das janelas da mansão, e foi sucedido por uma série de gritos amedrontados, e pelos berros de uma multidão aterrorizada. D. correu para um caixilho, abriu-o e olhou para fora. Enquanto isso, fui até a pacotilha, retirei a carta, coloquei-a no meu bolso e a substituí por um *fac-simile* (ao menos no aspecto externo), que eu cuidadosamente tinha preparado em minha morada — imitando o sinete de D. muito proximamente, por meio de um selo formado com massa de pão.

“A perturbação na rua fora ocasionada pelo comportamento frenético de um homem que carregava um mosquete. Ele o havia disparado contra uma multidão de mulheres e crianças. Provou-se, contudo, que a carga era de pólvora seca, sem bala, e ao camarada foi permitido seguir caminho como um lunático ou um bêbado. Quando ele tinha partido, D. retornou da janela, até onde eu o havia seguido imediatamente após apossar-me do objeto em vista. Logo depois, despedi-me dele. O pretenso lunático fora pago por mim.”

“Mas que propósito você tinha”, perguntei, “ao substituir a carta por um *fac-simile* ? Não teria sido melhor, na primeira visita, tê-la apanhado abertamente e saído?”

“D.”, respondeu Dupin, “é um homem desesperado, e um homem de nervos de aço. Sua mansão, da mesma forma, não é desprovida de criados devotados aos seus interesses. Tivesse eu procedido com a desvairada tentativa que você sugere, é possível que não tivesse deixado a presença ministerial com vida. O bom povo de Paris talvez não mais ouvisse falar de mim. Mas eu tinha um objetivo além dessas considerações. Você conhece as minhas ideias políticas preconcebidas. Neste assunto, atuo como partidário da dama em questão. Por dezoito meses, o Ministro a teve em seu poder. Agora ela o

tem no dela — já que, sem saber que a carta não está mais em sua posse, ele vai proceder com suas exigências como se estivesse. Assim, ele inevitavelmente vai se conduzir à sua própria destruição política. Sua queda, também, não será mais precipitada do que constrangedora. É muito fácil falar sobre o *facilis descensus Averni* [13](#); mas, em todos os tipos de escalada, como Catalani [14](#) se referiu ao canto, é muito mais fácil subir do que descer. Na presente circunstância, não tenho simpatia — ao menos, não sinto piedade — por aquele que desce. Ele é aquele *monstrum horrendum*, um homem engenhoso sem princípios. Confesso, no entanto, que gostaria muito de conhecer a natureza exata de seus pensamentos quando, ao ser desafiado por aquela que o chefe de polícia denomina ‘uma certa personagem’, ele seja conduzido a abrir a carta que deixei para ele na pacotilha.”

“Como? Você colocou algo em particular nela?”

“Ora — não me pareceu de todo certo deixar o interior vazio — isso teria sido insultante. Certa vez, em Viena, D. me fez passar por maus bocados, e eu disse a ele, muito bem-humorado, que me lembraria disso. Assim, como eu sabia que ele ficaria curioso sobre a identidade da pessoa que o superou em astúcia, pensei que seria uma pena não lhe dar uma pista. Ele conhece bem a minha caligrafia, então eu somente copieei, no meio da folha em branco, as palavras:

“— *Un dessein si funeste, S’il n’est digne d’Atrée, est digne de Thyeste*.’ [15](#)

“Elas podem ser encontradas no ‘Atrée’, de Crébillon [16](#).”



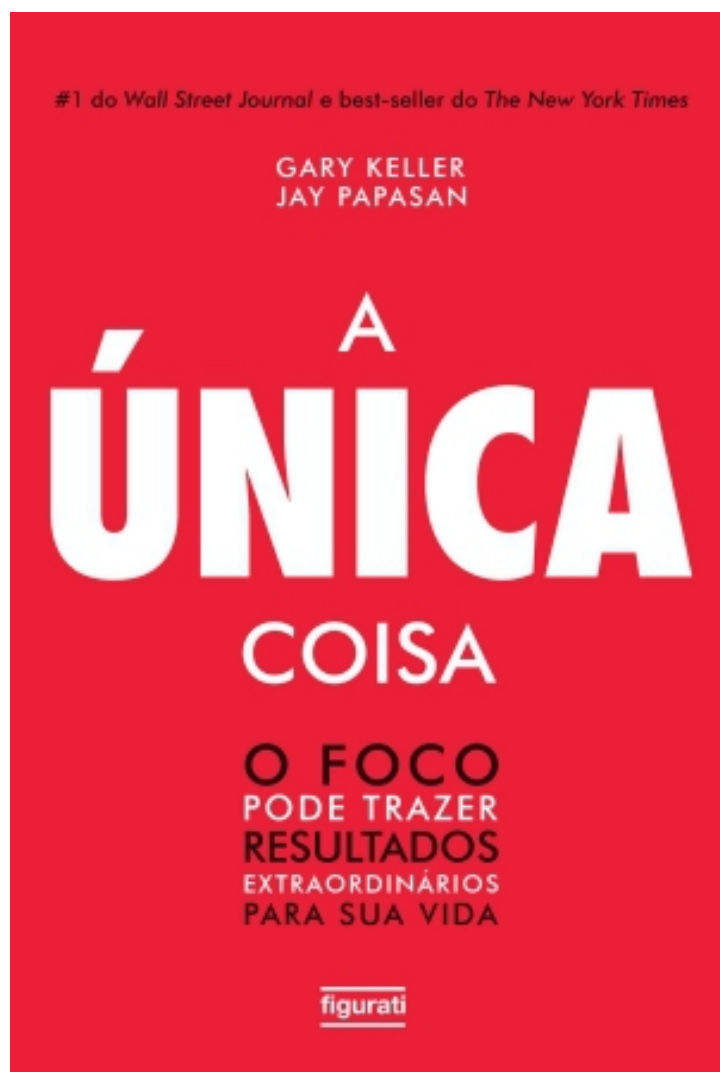


gruponovoseculo.com.br



@novoseculoeditora nas redes sociais





A única coisa

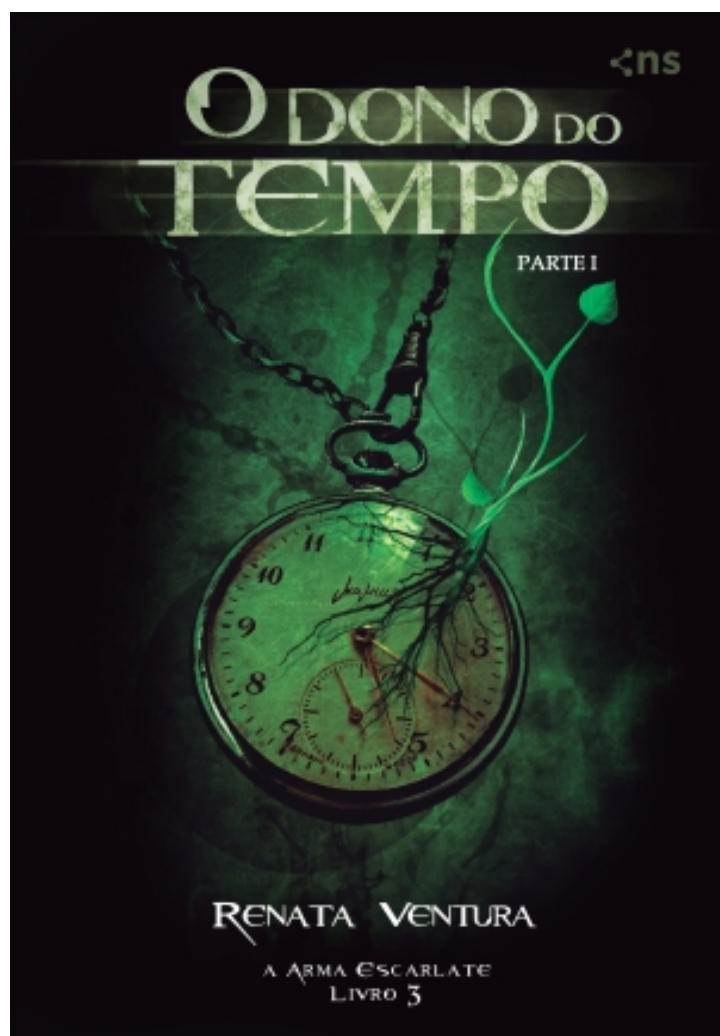
Keller, Gary
9788542802443
208 páginas

[Compre agora e leia](#)

#1 DO WALL STREET JOURNAL E BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES. MAIS DE 50 MIL EXEMPLARES VENDIDOS NO

BRASIL Ocupado demais para ler um livro? Tudo bem, não há nada de errado em se dedicar a seu trabalho, a sua família, a seu futuro. A questão é: você está focado no que é realmente importante? Você dedica, hoje, a maior parte de seu tempo a alguma coisa, uma ÚNICA coisa, que sintetize seus sonhos, seus desejos, suas aspirações? Os resultados que você obtém são diretamente influenciados pelas escolhas que faz. Alcance resultados extraordinários em todas as áreas de sua vida. Acabe com a desordem de sua rotina, siga e mantenha-se firme em direção a sua meta. Torne-se um mestre no que realmente importa para você. Focando em sua ÚNICA coisa, é possível alcançar mais, fazendo menos. Qual é a sua única coisa? • O best-seller da editora em uma nova reimpressão. • Mais de 50 mil exemplares vendidos só no Brasil. • Este livro ensinará a eliminar a desordem, alcançar melhores resultados em menos tempo, construir ímpeto em direção a objetivos, superar o estresse e outros sentimentos oprimidos, retomar a energia e dominar o que é importante para você.

[Compre agora e leia](#)



O Dono do Tempo

Ventura, Renata

9788542815726

512 páginas

[Compre agora e leia](#)

Palavras têm poder. Elas podem reerguer uma pessoa ou atingi-la com a força de mil feitiços. Em seu terceiro ano como bruxo, Hugo terá de aprender, de uma vez por todas, que sua varinha vermelha

não é sua maior arma, nem a que mais machuca. Após um dos anos mais conturbados na história da comunidade bruxa brasileira, 1999 começa derrubando a porta com todos os cruéis efeitos do ano anterior, e enquanto um dos amigos de Hugo lida com as duras consequências do heroísmo de seus atos, outro precisará muito de sua ajuda. Alguém a quem Hugo feriu mais do que a todos, com suas palavras irrefletidas. Movido pelo remorso e pelo profundo desejo de salvar alguém que tanto admira, Hugo terá de fazer uma perigosa jornada pelo interior da gigantesca floresta amazônica, numa corrida contra o tempo para consertar o inconsertável, porque, como diz a inscrição em tantos relógios antigos pelo mundo... Todas as horas ferem. A última mata. "Hugo tem um potencial tão grande para se tornar uma pessoa boa, que nós comemoramos sempre que ele acerta e nos entristecemos toda vez que ele falha, tornando-o muito real para nós." "The Guardian" "Uma história fascinante! A riqueza, a trama, o desfecho... Eu quase tive um ataque!" Caco Cardassi, canal Caldeirão Furado "Um dos livros mais corajosos e importantes que já li. Se eu já tinha 'A Arma Escarlata' e 'A Comissão Chapeleira' como meus livros favoritos, eles ganharam um peso ainda maior com 'O Dono do Tempo'. É uma saga que todos deveriam ter como livros de cabeceira." David Ernando, "Paralelismo"

[Compre agora e leia](#)



Que eu seja a última

Murad, Nadia
9788542815689
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nestas intimistas memórias de sobrevivência, uma ex-prisioneira do Estado Islâmico conta a sua angustiante, mas inspiradora história.

Em 15 de agosto de 2014, quando Nadia tinha apenas 21 anos de idade, sua vida terminou. Os terroristas do Estado Islâmico massacraram o povo de sua aldeia, executando os homens que se recusaram a se converter ao Islã, e as senhoras idosas demais para se tornarem escravas sexuais. Seis dos irmãos de Nadia foram mortos, e pouco depois, também a sua mãe. Os corpos foram jogados em valas comuns. Nadia foi transportada à força a Mossul e, junto com milhares de outras moças iazidis, vendida como escrava pelo Estado Islâmico. Nadia fora mantida em cativeiro por vários terroristas, e passou a ser continuamente estuprada e espancada. Contudo, ela conseguiu fugir pelas ruas de Mossul, encontrando guarida no lar de uma família muçulmana sunita, cujo filho mais velho arriscou a vida para contrabandeá-la a um local seguro. Hoje, a história de Nadia — como testemunha das atrocidades do Estado Islâmico, sobrevivente de estupro, refugiada, iazidi — forçou o mundo a prestar atenção ao genocídio em andamento no Iraque. É um chamado à ação, um testamento à vontade humana de sobreviver e uma carta de amor a um país perdido, uma comunidade frágil e uma família destruída pela guerra.

[Compre agora e leia](#)



THANOS SENTENÇA DE MORTE

MOORE, STUART

9788542813920

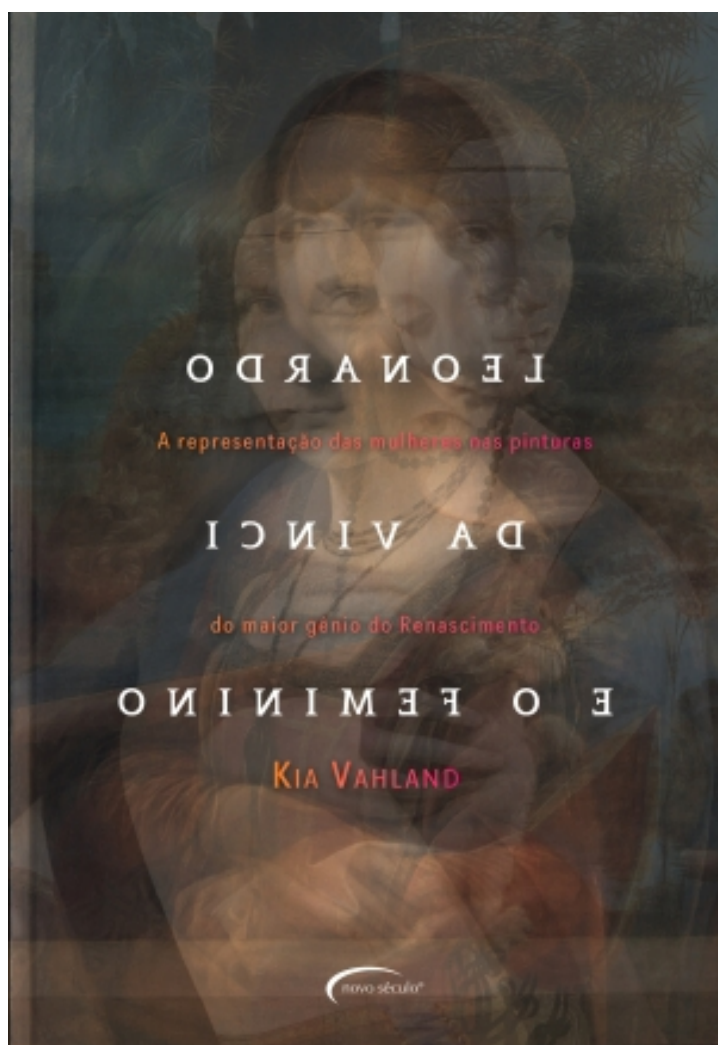
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

UM ROMANCE INÉDITO ESTRELANDO O MAIOR VILÃO DA MARVEL! É uma luta antiga: Thanos conquista as Joias do Infinito, Thanos perde as Joias do Infinito. O mundo é, então, reconstruído.

Desta vez, no entanto, a Morte perdeu a paciência com o poderoso Titã Louco. É hora de mudança. A Morte está cansada de esperar. Essa incessante busca de Thanos pelas Joias do Infinito sempre o definiu. Mas quando os heróis da Marvel o derrotam mais uma vez, a Morte, amada de Thanos, concede-lhe uma última chance. Desprovido de seus poderes e de sua velha pele, Thanos embarca num itinerário cósmico para reafirmar seu poder sobre si mesmo e sobre o Multiverso. "Thanos: Sentença de morte" é uma história original que explora os aspectos mais profundos de um dos personagens mais poderosos do Universo Marvel. Thanos tem em suas mãos a chance de se tornar algo completamente diferente. Ele manterá suas ilusões de grandeza, ou seria este um novo caminho para um deus perdido? Confira neste 19º livro da Série Marvel, trazida a você com exclusividade pela Novo Século.

[Compre agora e leia](#)



Leonardo da Vinci e o feminino

Vahland, Kia
9788542813005
352 páginas

[Compre agora e leia](#)

UM NOVO OLHAR SOBRE A VIDA E OBRA DO GRANDE GÊNIO
500 ANOS APÓS A SUA MORTE. Com suas inspirações,

perspectivas visionárias, máquinas de sonho e estudos de anatomia, Leonardo da Vinci é tido como o precursor dos tempos modernos. Menos conhecido, no entanto, é seu retrato revolucionário da mulher moderna séculos antes de movimentos feministas como Me Too, Time's Up e muitos outros. Antes de Da Vinci, os retratos das mulheres eram sem vida, impessoais e as mostravam principalmente de perfil. Leonardo quebrou esses limites: fez várias de suas cabaías, incluindo Mona Lisa, olharem para o espectador, dando-lhes poder e autoridade, duas coisas que certamente não faziam parte do universo feminino da época. Nesta biografia, a historiadora de arte e jornalista Kia Vahland relata toda a vida de Leonardo e mostra como ele conseguiu se tornar o grande artista da sua época: aliando-se às mulheres. O livro inclui esboços e pinturas que evidenciam a nova abordagem de Leonardo e também mostra como Raphael, Giorgione e o jovem Ticiano foram influenciados pelas mulheres de Da Vinci, enquanto Michelangelo criou imagens masculinizadas que se contrapõem às de Leonardo. Este novo olhar sobre a vida de Leonardo da Vinci explica como o artista quebrou convicções e, desse modo, desenvolveu uma nova visão da natureza e da arte, das mulheres e dos homens, da ciência, da religião e da política. E, com isso, mudou para sempre a maneira como o feminino é representado.

[Compre agora e leia](#)